



## **Edição e Propriedade**

**SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ**

Contribuinte: 501104038

Quinta do Cabeço, Porta D 1885-076 MOSCAVIDE

Telef.: 21 885 12 85 / 21 886 35 11 Fax: 21 885 13 55

E-Mail: educacao-crista@sapo.pt

## **Director**

Augusto Manuel Arruda Cabral

## **Conselho de Redacção**

Tomaz Silva Nunes, Anacleto Oliveira, António Francisco dos Santos,

António Marcelino, Maria Helena Pereira, Cristina Sá Carvalho, Jorge Paulo

## **Sede da Redacção**

Quinta do Cabeço, Porta D 1885-076 MOSCAVIDE

## **Paginação e Montagem**

Ângela Baptista

## **Tiragem**

1000 exemplares

## **Condições de assinatura**

Número Avulso: 5 Euros

Assinatura Anual (3 números): 15 Euros

## **Ideografia**

Aristides Dourado

## **Nº de Registo**

124627

## **Impressão**

GRÁFICA ALMONDINA

Zona Industrial

2354-909 Torres Novas

## **Depósito legal**

221 724/05

*Esta revista encontra-se à venda em Livrarias Religiosas*

# Pastoral Catequética

revista de catequese e educação

## 11/12

### **A educação cristã num mundo em mudança**

**Semana Nacional da Educação Cristã 2008**

**Palavra de Deus, verdade que dá sentido à vida** [11-14]

COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

**Do deserto espiritual à Vida em abundância** [15-18]

D. TOMAZ DA SILVA NUNES

**Encontro Nacional de Catequese 2008**

**Catequese e formação da consciência moral num mundo em mudança** [21-27]

P. JOSÉ MANUEL PEREIRA DE ALMEIDA

**Novas linhas para o despertar da fé e a educação religiosa nas paróquias, com as famílias** [29-45]

CRISTINA SÁ CARVALHO

**A iniciação sacramental das crianças** [47-53]

IR. MARIA JOSÉ SOUSA

**A catequese pela arte** [55-62]

EMÍLIA NADAL

## Estudos

**O Catecumenado e a renovação da educação cristã** [65-80]

D. MANUEL MADUREIRA DIAS

**A experiência e a palavra na dinâmica da fé** [81-93]

P. DOMINGOS TERRA

**A instituição paroquial num contexto de  
ultra-urbanidade** [95-106]

ALFREDO TEIXEIRA

**Avaliação da profissionalidade docente** [107-122]

MARIA DOS PRAZERES CASANOVA

## Dossier – Reflectir sobre a catequese de adultos

**Porque é que não chegamos a desenvolver uma  
catequese de adultos?** [125-146]

HENRI DERROITTE

**Crer como adultos, hoje.**

**Desafios teológicos e catequéticos para os cristãos  
e as comunidades adultas na fé** [147-157]

ENZO BIEMMI

**A evangelização como surpresa** [159-170]

P. ANDRÉ FOSSION

**A catequese ao serviço da competência cristã** [171-184]

P. ANDRÉ FOSSION

## Editorial

P. AUGUSTO CABRAL (\*)

É com grande alegria que, quatro anos volvidos desde a publicação do primeiro número da nossa revista, vos oferecemos este número duplo. Trata-se de um número, de certo modo, especial e, para quem o produziu, com algum sentido celebrativo, permanecendo fiel às orientações editoriais que, inicialmente, se definiram, sobretudo no sentido de facultar aos leitores os trabalhos formativos e reflexivos que resultam, directamente, das actividades regulares da Comissão Episcopal da Educação Cristã e, como instância executiva, do Secretariado Nacional da Educação Cristã. Tendes, neste número, não só os documentos divulgados por ocasião da Semana da Educação Cristã, em Outubro último, mas também as conferências proferidas no 47º Encontro Nacional dos responsáveis diocesanos da Catequese, que teve lugar em Cantanhede, sob a hospitalidade da Diocese de Coimbra.

No entanto, embora nem todos os conferencistas convidados a expor-nos o seu saber e experiência no referido Encontro tenham podido, afinal, estar presentes, não deixaram, por isso, de nos oferecer o seu trabalho, que agora publicamos. A estes estudos adicionámos, ainda, outros dois documentos que versam temas de grande actualidade: uma reflexão sobre catecumenado e a renovação da educação cristã e um trabalho em torno da avaliação docente, sob o prisma da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica.

Estes trabalhos, de certo modo, nos abriram à possibilidade de integrarmos na nossa revista um pequeno Dossier Temático. Escolhemos como tema a Catequese dos Adultos, não só por aparecer mencionada em muitos dos já referidos artigos, mas também pelo interesse que os catequistas

---

(\*) Director

participantes nas últimas Jornadas Nacionais de Catequistas, cujos textos já publicámos, manifestaram em torno desta importante questão.

Assim, começando pelo fim, encontrareis um conjunto bastante distinto e exclusivo de artigos, assinados por três grandes catequetas da actualidade.

Henri Derroitte desafia-nos a reflectir, com a sensibilidade e sensatez que lhe é habitual, mas também com alguma provocação, logo desde o título: de facto, porque é que não chegamos a desenvolver uma catequese de adultos? Pois se o essencial da actividade catequética é centrada nos processos de iniciação sacramental das crianças e adolescentes, talvez seja relevante escutar, assim guiados, o que as Igrejas contemporâneas dizem sobre a catequese de adultos, perceber porque esta deve ser uma opção privilegiada, porque é tão necessária, que desafios nos coloca e, acompanhados pelo autor, compreender como a integrar – ou verificá-la integrada – nos globais projectos diocesanos de catequese, agindo no seio de uma pastoral que permite ao adulto situar-se a si mesmo no meio da confusão e fragilidade dos universos de vida modernos.

Enzo Biemmi proporciona-nos uma completa e profunda reflexão sobre o que significa crer como adultos, invocando um conjunto estruturado e interdependente de argumentos de natureza teológica e eclesiológica, uma relação com a cultura, uma concepção de missão e uma ideia de adulto, estratégia interpretativa da catequese de adultos que nos permitirá evitar que a fé seja confinada ao domínio do privado, através de uma análise social e cultural e das representações que as sociedades dela fazem.

André Fossion oferece-nos dois textos particularmente interpeladores. No primeiro, interroga-nos sobre a forma como representamos e vivemos a evangelização num contexto social e eclesial, em que a perplexidade e o desencorajamento espreitam. Com o estilo que se lhe reconhece, convida-nos a conceber a tarefa da evangelização como um lugar de surpresa, de espaço para o inesperado. No segundo texto, o catequeta belga volta a desafiar-nos, desta feita propondo-nos uma catequese ao serviço da competência cristã, ou seja, que visa desenvolver a aptidão da pessoa para conduzir a sua vida como cristão: na vida privada, na participação eclesial, na edificação de uma sociedade mais humana e na missão de evangelização a que cada cristão é chamado.

No capítulo dos estudos, D. Manuel Madureira Dias oferece-nos um belo e explícito itinerário de reflexão sobre a preparação para os sacramentos de iniciação, desde logo, manifestando-se convencido de que o método catecumenal é o mais adequado e aquele que melhor pode forjar uma sólida formação na fé, num contexto da passagem, que se espera, ocorra, assim, sem sobressaltos, de um regime de cristandade para uma era de missão.

Domingos Terra, que aborda o papel da experiência humana e da palavra na dinâmica da educação da fé, sublinha, com clareza conceptual e rigor discursivo, como a transmissão da fé tem de prosseguir, mas necessitando ser capaz de estabelecer uma comunhão entre quem apresenta e quem acolhe, e instando-nos a que a coloquemos exactamente onde deve estar: ligada às suas raízes evangélicas e históricas, ao mesmo tempo que inserida no espaço onde o ser humano se move.

Alfredo Teixeira fala-nos, de forma inovadora e estimulante, da instituição paroquial – por muitos articulistas referida – num contexto de ultra-urbanidade, ou seja, sobre «comunitarizar» crentes marcados por uma cultura de afirmação do indivíduo, oferecendo-lhes algo que confirme o seu próprio trabalho de construção do sentido.

Concluindo este conjunto de textos, Maria dos Prazeres Casanova discute o modelo de avaliação docente apresentada pelo Ministério da Educação, propõe aos docentes de Educação Moral e Religiosa Católica alguns mecanismos avaliativos para seu uso e coloca em relevo algumas das fragilidades internas desse mesmo modelo.

No que respeita às comunicações apresentadas no Encontro Nacional da Catequese, José Manuel Pereira de Almeida oferece-nos uma curiosa e original proposta de análise sobre a formação moral, em torno do conceito teológico de consciência, experiência de responsabilidade nascida da relação interpessoal que nos coloca o problema da liberdade.

Cristina Sá Carvalho fala-nos do despertar da fé e da educação religiosa visando a maturidade humana e religiosa de pais e de filhos através da inserção da Pastoral Parental no universo interior da catequese e, como lhe é habitual, sugerindo-nos diversas possibilidades de prática.

Maria José Sousa apresenta-nos um texto sobre a iniciação sacramental das crianças perspectivada a partir da iniciação sacramental dos adultos, propondo que se promova, na catequese um itinerário pessoal de vida cristã e que se ofereça a cada criança a educação e o testemunho que o seu coração, por vezes, ainda não desperto, necessita.

Por fim, a reputada pintora Emília Nadal mostra-nos como as artes falam ao coração e elevam o espírito às dimensões do Mistério e da Transcendência, referindo tanto o potencial educativo que encerram como os riscos de distorção potencial que veicula o seu mau uso nos contextos da pedagogia da fé.

Finalmente, refiramos que este número duplo da *Pastoral Catequética* abre com a reflexão que nos brindou a Comissão Episcopal para a Educação Cristã por ocasião da Semana da Educação Cristã do ano pastoral 2008/2009, na senda da proposta do Papa Bento XVI: um desafio de renascimento da Igreja a partir da redescoberta da Palavra de Deus, para que possamos conhecer as razões da unidade entre os discípulos de Cristo. Assim, a Nota Pastoral aponta-nos como objectivo pedagógico o de se proporcionar às novas gerações meios para a construção de personalidades sólidas e a descoberta de um sentido profundo para a vida, tendo como centro a mensagem que brota da Palavra de Deus. De resto, este conceito essencial da educação da fé será sublinhado na homilia de abertura da referida Semana, apresentado como o instrumento que nos poderá permitir, a todos, educadores e educandos, escapar ao deserto espiritual do vazio interior, do medo e do desespero, tão presentes na nossa cultura.



**Semana Nacional  
da  
Educação Cristã  
2008**



# Palavra de Deus, verdade que dá sentido à vida

## *Nota Pastoral*

### COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ

1. A Semana Nacional da Educação Cristã de 2008 acontece em simultâneo com o início da XII Assembleia-Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos e no decorrer do “Ano Paulino”.

Com o Sínodo, que tem por tema “A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja”, o Santo Padre Bento XVI deseja o rejuvenescimento da Igreja a partir da redescoberta da Palavra de Deus, como uma “nova primavera” portadora de um redobrado dinamismo para a missão de evangelização e promoção humana<sup>1</sup>.

O Santo Padre proclamou o especial “Ano Paulino”, para celebrar os 2000 anos do nascimento de São Paulo, figura não apenas do passado, mas “*nosso* mestre, apóstolo e testemunha de Jesus Cristo”, que “quer falar connosco hoje” para nos ensinar “*a fé e a verdade*, nas quais estão radicadas as razões da unidade entre os discípulos de Cristo”<sup>2</sup>.

Neste enquadramento, em comunhão com toda a Igreja, a Comissão Episcopal da Educação Cristã escolheu a Palavra de Deus como tema da presente Semana.

2. As transformações do mundo actual comportam profundas mudanças culturais. São muitos os aspectos positivos que resultam das capacidades e esforços humanos e da percepção natural da importância da construção da vida baseada em valores. Sublinhem-se o enorme avanço das descobertas científicas,

---

<sup>1</sup> Cf. Sínodo dos Bispos (2008). *Instrumentum Laboris*. Prefácio (www.vatican.va, consultado a 24 de Setembro de 2008).

<sup>2</sup> Bento XVI (2008). *Homília na Celebração das primeiras Vésperas da Solenidade dos Apóstolos Pedro e Paulo* (abertura do Ano Paulino). “Lumen”, Revista de Documentação e Reflexão Pastoral. Ed.: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, n. 4/2008, p. 45.

o incomparável desenvolvimento técnico delas decorrente, inimaginável há poucas décadas atrás, e a crescente consciência da necessidade de assumir valores universais como a liberdade, a justiça, a solidariedade e a paz, valores tão significativos que o Santo Padre João Paulo II considerou alicerces da “civilização do amor”<sup>3</sup>.

Simultaneamente, surgem muitas incertezas e divergências de opiniões sobre temas fundamentais, acentuadas por uma crescente tendência de individualismo e de subjectivismo ético. Estão, frequentemente, em causa, nomeadamente: o conceito de pessoa humana, o significado da verdade, o sentido da vida, do sofrimento e da morte, a distinção entre o bem e o mal, e a harmonia entre liberdade e responsabilidade.

Este panorama suscita a urgência de promover a Educação, baseada em certezas e valores fundamentais, indispensáveis para que as novas gerações possam construir personalidades sólidas e descobrir um sentido profundo para a vida. Só assim, também, será possível corresponder aos anseios crescentes que as famílias, os professores, os jovens e a própria sociedade manifestam por uma educação formativa que não se limite a uma informação actualizada e a uma ampla transmissão de conhecimentos<sup>4</sup>.

**3.** Perante este contexto eclesial e cultural, a Comissão Episcopal da Educação Cristã, no âmbito das suas atribuições, propõe aos cristãos empenhados no vasto campo da Educação – a começar nas Famílias, mas também nas Paróquias, sobretudo na Catequese da infância e adolescência, nas Escolas Católicas e nas Escolas estatais, particularmente na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica –, que dêem, em toda a sua actividade de educadores, primazia à Palavra de Deus, verdade que dá sentido à vida.

A Palavra de Deus não é um depósito inerte, é uma palavra “viva, eficaz e mais penetrante que uma espada de dois gumes”<sup>5</sup>. É um veículo de comunicação do próprio Deus, que fala e revela um desígnio de salvação, uma força que desperta e alimenta a fé, que transforma o coração dos crentes e orienta o agir humano, porque “é adequada para ensinar, refutar, corrigir e educar na justiça”<sup>6</sup>. É criadora de comunhão. Ela é, na verdade, o próprio

---

<sup>3</sup> Cf. João Paulo II (1994). Carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente*. Ed.: Rei dos Livros. Lisboa, n. 52.

<sup>4</sup> Cf. Bento XVI (2008). *Carta à Diocese e à Cidade de Roma sobre a tarefa urgente da Educação* ([www.vatican.va](http://www.vatican.va), consultado a 24 de Setembro de 2008).

<sup>5</sup> He 4, 12.

<sup>6</sup> 2Tim 3, 16.

Cristo, Palavra encarnada, como diz São João – “E o Verbo fez-se homem e veio habitar entre nós”<sup>7</sup> –, a quem acedemos através da Palavra inspirada da Sagrada Escritura e da Tradição, interpretadas pelo Magistério vivo da Igreja. É nesta perspectiva global que a Palavra de Deus deve ser considerada.

Por outro lado, é uma Palavra que “progredir com a assistência do Espírito Santo e cresce com a reflexão e o estudo dos crentes, com a experiência pessoal de vida espiritual e a pregação dos Bispos (cf. DV 8; 21)”<sup>8</sup>.

A Palavra de Deus transmite uma visão global acerca da pessoa humana – ser de relação com os outros e com Deus – e do seu sentido último, da vida e do mundo, donde emerge um quadro de valores e princípios ético-morais, cuja realização concreta, nos contextos de vida, conta com o empenho humano e a acção do próprio Deus. É uma visão que define um projecto de vida cristã e que os educadores cristãos devem assumir e transmitir através do diálogo aberto com os outros, sejam eles indiferentes ou descrentes, e, sobretudo, pelo testemunho alegre de uma vida coerente com o projecto de Deus, em que acreditam. É uma proposta que transmitem aos educandos, no respeito pela sua liberdade, e um contributo para a transformação da cultura nos ambientes em que estão inseridos.

Esta visão há-de, também, alicerçar os Projectos Educativos das Escolas Católicas, que nela encontram a sua identidade própria.

4. “A fonte donde brota a mensagem da catequese é a Palavra de Deus”<sup>9</sup> e, no que respeita à disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, “a *mensagem cristã* constitui-se como núcleo central desta disciplina, uma vez que o seu objecto é dar sentido e enquadrar o conjunto das experiências humanas num todo significativo. Os dados da vida, por si só, não oferecem ao sujeito o seu significado último”<sup>10</sup>.

Nos programas e materiais de apoio da Catequese e de Educação Moral e Religiosa Católica, a Palavra de Deus ocupa um lugar central e é abundantemente referida, interpretada e pedagogicamente apresentada para possibilitar aos catequizandos e aos alunos conhecê-la, iniciarem-se na sua

---

<sup>7</sup> Jo 1, 14.

<sup>8</sup> Sínodo dos Bispos (2008). *Instrumentum Laboris*. n. 12 (www.vatican.va, consultado a 24 de Setembro de 2008).

<sup>9</sup> Congregação para o Clero (1997). *Directório Geral da Catequese*. Ed.: Secretariado Nacional da Educação Cristã. Lisboa, n. 94.

<sup>10</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã (2007). *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, Ensinos Básico e Secundário*. Ed.: Secretariado Nacional da Educação Cristã. Lisboa, p. 20.

leitura individualmente e em grupo, interiorizá-la e, a partir dela, iluminar a vida e os saberes, e responder ao seus anseios e preocupações.

Recomendamos aos catequistas e professores que dêem a maior atenção à Bíblia, sobretudo às Cartas de São Paulo, na preparação e na realização das sessões, recorrendo a metodologias e materiais pedagógicos adequados e atraentes, para que as crianças, os adolescente e os jovens que lhes estão confiados se sintam estimulados pela leitura, se familiarizem com a Bíblia e possam chegar a dialogar com Deus a partir dela. Mas, acima de tudo, é necessário que os educadores acreditem naquilo que ensinam e vivam de acordo com o que recomendam aos seus educandos.

**5.** Finalmente, chamamos a atenção para dois projectos do Secretariado Nacional da Educação Cristã para este ano da Palavra e, particularmente, de São Paulo, cujo lançamento oficial se fará na Semana Nacional da Educação Cristã, mas que se não-de concretizar ao longo do ano lectivo de 2008-2009:

- Concurso e Exposição temática: “Nos passos das grandes figuras bíblicas”, para a Catequese da infância e adolescência;
- Concurso e Exposição temática: “Nos caminhos de São Paulo” e um conjunto de seis fichas de trabalho, para a Educação Moral e Religiosa Católica.

Solicitamos aos Catequistas, aos Professores de Educação Moral e Religiosa Católica e aos Párocos que divulguem, incentivem e acompanhem a realização destes projectos. Aos catequizandos e aos alunos apelamos à participação activa.

Chamamos a atenção dos pais e familiares, designadamente dos avós, e dos encarregados de educação para não descuidarem o dever de se empenharem na formação humana e cristã dos filhos e educandos, fazendo a leitura meditada e rezada da Palavra de Deus em família, sobretudo das Cartas de São Paulo, e acompanhando a realização das actividades e projectos em que os mesmos estão envolvidos.

Que o exemplo de fé de São Paulo, cujo Ano celebramos, fortaleça os educadores cristãos, de modo que o seu testemunho de fidelidade a Jesus Cristo interpele os educandos e os ajude a descobrir caminhos de vida com sentido.

Lisboa, 26 de Setembro de 2008

# Do deserto espiritual à Vida em abundância

## *Homilia na abertura da Semana Nacional da Educação Cristã, igreja de N. Sra. da Encarnação, Olhalvo*

D. TOMAZ DA SILVA NUNES (\*)

1. As referências à *vinha de Deus* nas leituras de hoje assumem particular expressão nesta assembleia cristã reunida na Igreja de Nossa Senhora de Encarnação de Olhalvo. De facto, estamos numa das zonas do nosso país mais ricas em produção vinícola. Acabaram, praticamente, as vindimas deste ano e todos nós conhecemos os trabalhos e as canseiras, as expectativas e os receios de quantos, afincadamente, cuidaram das vinhas – plantas tão sensíveis e ameaçadas pelo ambiente –, para que pudessem dar frutos abundantes e de qualidade.

Louvemos a Deus pelo trabalho e a sabedoria dos homens e das mulheres agricultores, e demos graças pelas Bênçãos que d’Ele receberam ao longo deste ano agrícola.

2. Na Sagrada Escritura, tanto no Antigo como no Novo Testamento, a vinha tem um profundo significado simbólico.

Na primeira leitura (Is 5, 1-7), Isaías identifica a vinha com o Povo de Israel, Povo escolhido, com quem Deus, simbolizado no agricultor, fez Aliança e a quem dedicou um amor constante e fiel, semelhante ao dum esposo pela sua esposa (cf. Os 3, 1). O facto de a vinha não ter produzido uvas, significa que esse Povo não correspondeu ao amor que Deus lhe dedicou: adoraram outros deuses e abandonaram o cumprimento dos mandamentos da Lei. Por isso, como ouvimos: Deus “esperou deles a justiça, e eis que só há injustiça; esperou a rectidão e eis que só há lamentações” (Is 5, 7).

---

(\*) Bispo auxiliar de Lisboa. Presidente da Comissão Episcopal da Educação Cristã.

Mas Deus não desiste do amor pelo Povo que escolheu. Virá o dia em que a vinha dará frutos, porque Deus, como um guarda vigilante, a libertará daqueles que a destroem: “Eu, o Senhor, sou o seu guarda; rego-a a cada momento e guardo-a dia e noite para impedir qualquer assalto” (Is 27, 3).

*Queridas crianças*

*Caríssimos adolescentes e jovens,*

Podemos concluir que Deus nos acompanha no seu amor e que espera de nós, que dizemos ter fé, a correspondência a esse amor, esforçando-nos para que a nossa vida seja coerente com a fé que professamos. Só com persistência e confiança em Deus a nossa vida poderá dar bons frutos, como uma vinha carregada de belas uvas, pronta a ser vindimada.

3. São Mateus, na passagem que escutámos (Mt 21, 33-43), descreve a parábola dos vinhateiros homicidas. Nela, Jesus alude à imagem da vinha referida por Isaías.

Também aqui, a simbologia é rica e abundante. O ponto central da parábola é o filho do chefe de família que os vinhateiros mataram, com o qual Jesus se identifica, numa alusão, embora velada, à sua própria morte, que se aproximava. Nesta parábola, Jesus denuncia o Povo de Israel pela recusa em ter recebido os profetas enviados por Deus, e, também, “os sumos-sacerdotes e os fariseus” (Mt 21, 45), chefes do Povo, fechados ao reconhecimento de Jesus e da sua Boa Nova de salvação.

Mas, a morte Jesus será vencida, como Ele próprio deixa antever, ao citar o Salmo 118: “A pedra que os construtores rejeitaram transformou-se em pedra angular. Isto é obra do Senhor e é admirável aos nossos olhos” (vv. 22-23). Sobre esta pedra angular, que é Jesus Cristo, edifica-se a Igreja, Povo da Nova Aliança.

Na sua entrega de amor pleno, que o conduziu à morte, Cristo testemunha a fidelidade que Deus esperava de Israel e que este não conseguira alcançar. No sangue derramado, Cristo representa Israel na autenticidade da sua vocação de Povo de Deus, fiel ao seu desígnio de amor.

Cristo é, também, a vinha fecunda que produz frutos de salvação. Une a si os seus discípulos como os ramos estão ligados à cepa: “Eu sou a videira verdadeira e o meu Pai é o agricultor (...) Eu sou a videira; vós, os ramos” (Jo 15, 1.5a). Como a seiva percorre toda a planta e, assim, alimenta e vivifica os ramos, Cristo dá-nos a participar da sua própria vida, estabelecendo uma comunhão, que se alimenta e renova, em especial, através da escuta da Palavra de Deus e da celebração da Eucaristia.



4. Estas perspectivas da fé cristã, que colocam Deus no âmago da vida humana, como seu fundamento e fonte de sentido, contrastam com uma posição hoje muito difundida e que o Santo Padre Bento XVI lembrou, recentemente, aos jovens reunidos na XXIII Jornada Mundial da Juventude, em Sidney: a defesa da exclusão de Deus da vida e de que a religião e a fé, embora aceitáveis no plano individual, devem ser banidas da vida pública ou utilizadas, somente, para alcançar determinados objectivos pragmáticos. E o Papa sublinha que esta perspectiva secularizada procura explicar a vida humana e plasmar a sociedade com pouca ou nenhuma referência ao Criador<sup>1</sup>.

**No mundo contemporâneo, são muitos os aspectos positivos que resultam das capacidades e esforços humanos e da percepção natural da importância da construção da vida baseada em valores.** Documentam-no o rápido crescimento científico e tecnológico e a ampla consciência da necessidade de assumir valores universais como a liberdade, a justiça, a solidariedade e a paz, alicerces da *civilização do amor*<sup>2</sup>.

Mas, como também realçou o Papa nas referidas Jornadas Mundiais, “em muitas das nossas sociedades, ao lado da prosperidade material vai crescendo o *deserto espiritual*: um vazio interior, um medo indefinível, uma oculta sensação de desespero”<sup>3</sup>. A causa principal desta situação é a recusa de Deus e a rejeição da fé – luz que esclarece a razão humana e força que alimenta a esperança –, consequências da falsa ilusão de que o homem, na sua auto-suficiência, consegue responder aos seus anseios profundos de realização.

A consciência da presença do Deus de Amor, que age em nós e nos transforma, é a chave para a transformação do nosso mundo, de *deserto espiritual* em terra fértil, onde a promessa de Cristo do dom da *vida em abundância* pode ser alcançada por todos (cf. Jo 10, 10).

5. A Educação é uma responsabilidade permanente e um desafio inadiável. É fundamental baseá-la em certezas e valores fundamentais. Só assim, contribuirá para o desenvolvimento harmonioso e equilibrado de personalidades capazes de traçar um projecto de vida com sentido. Só assim, também, se poderá responder às aspirações a uma educação formativa, e não apenas informativa e ao sabor da subjectividade de cada educador,

---

<sup>1</sup> Cf. Bento XVI. *Discurso na Festa de acolhimento dos Jovens*. 17.07.2008.

<sup>2</sup> Cf. Comissão Episcopal da Educação Cristã, *Palavra de Deus, verdade que dá sentido à vida*. Mensagem para a Semana Nacional da Educação Cristã 2008, n. 2.

<sup>3</sup> Bento XVI. *Homilia na Celebração Eucarística*. 20.07.2008.

manifestadas pelos diversos intervenientes: as famílias, os professores, os catequistas, os jovens e a própria sociedade.

Neste Ano Paulino, que será também marcado pela realização da XII Assembleia-Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos sobre *A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*, que hoje se inicia em Roma, renovo a proposta da Comissão Episcopal da Educação Cristã, lançada aos cristãos empenhados na área da Educação de, na sua actividade educativa, darem primazia ao anúncio da Palavra de Deus – sobretudo das Cartas de São Paulo –, e à leitura orante da mesma, porque a Palavra de Deus transmite-nos *a verdade que dá sentido à vida*. Destaco, neste sentido, a responsabilidade primordial das *Famílias* (especialmente dos pais e dos avós), mas também de quantos trabalham nas *Paróquias*, sobretudo na *Catequese da Infância e adolescência*, nas *Escolas Católicas* e nas *Escolas estatais*, particularmente os *professores de Educação Moral e Religiosa Católica*.

Empenhem-se também as crianças, os adolescentes e os jovens em criar o gosto pela leitura e o aprofundamento da Palavra de Deus, sobretudo da Bíblia, em ligação directa com as realidades da vida quotidiana. Só assim poderão responder ao apelo que o Papa dirigiu aos jovens, em Sidney: para serem profetas de uma nova era, em que o amor seja sincero, puro, aberto aos outros e respeitador da sua dignidade; e para serem, também, mensageiros do amor de Cristo, capazes de atrair as pessoas para o Pai e de construir um futuro de esperança para toda a humanidade<sup>4</sup>.

**6.** Na segunda leitura, S. Paulo dirige, da prisão, um apelo à alegria aos cristãos da cidade de Filipos: **“Alegrai-vos sempre no Senhor! De novo o digo: Alegrai-vos!”** (Fil 4, 4).

Por maiores que sejam as dificuldades que atravessemos, a exemplo de São Paulo, devemos sempre dar testemunho da alegria, da serenidade e da paz, que brotam da fé e que se alimentam da oração.

O testemunho e a intercessão de São Paulo reforcem a nossa comunhão com o Santo Padre e os Bispos reunidos no Sínodo, e dêem a todos os educadores e educandos o conforto e a esperança necessários para o bom desempenho da sua missão.

---

<sup>4</sup> Cf. *Ibid.*

# **«A catequese num mundo em mudança»**

**47º Encontro Nacional  
de Catequese 2008**

**Cantanhede - Diocese de Coimbra**



# Catequese e formação da consciência moral num mundo em mudança

P. JOSÉ MANUEL PEREIRA DE ALMEIDA (\*)

Passo a escrito os tópicos que levei para a reflexão feita em conjunto em Cantanhede no 47º Encontro Nacional de Catequese.

A propósito do meu modo de abordar os assuntos, recomendo dois artigos do P. Sergio Bastianel publicados no volume de uma das Semanas de Estudos Teológicos da Faculdade de Teologia<sup>1</sup>. Foi com ele e, depois, no grupo Internacional de Teologia Moral a que pertenço, ligado à Universidade Gregoriana, que aprendi este modo de reflectir as questões de ética teológica.

Num seminário, no início da década de 90, orientado pelo P. Josef Fuchs, recentemente falecido, travámos conhecimento com Rudolf Ginters e o seu modo de, a partir de textos literários ou de narrações de tipo diverso, propor, de forma indutiva, os temas de ética filosófica e teológica. É numa das suas lições<sup>2</sup> que me apoiou para este diálogo que tivemos; nesse trabalho, o Autor parte de um conjunto de textos do conhecido romance de Mark Twain, *As aventuras de Huckleberry Finn*<sup>3</sup>. Transcrevo a folha que distribuí e que, depois de uma leitura em voz alta por diversos participantes no Encontro, possibilitou a troca de impressões que se seguiu:

---

(\*) Sacerdote, pároco na diocese de Lisboa. Médico no IPO (Lisboa). Professor de Anatomia Patológica e de Bioética da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade da Beira Interior. Professor de Teologia Moral da Universidade Católica Portuguesa. Secretário da Comissão Episcopal da Pastoral Social.

<sup>1</sup> S. BASTIANEL, «Consciência: autonomia e comunidade» in Aa. Vv., *Ética: consciência e verdade*, Lisboa 2001, UCP, 65-85; Id, «Referência a Jesus Cristo na decisão moral» in Aa. Vv., *Ética: consciência e verdade*, Lisboa 2001, UCP, 171-186.

<sup>2</sup> R. GINTERS, «La coscienza: voce divina o voce umana?» in Id, *Valori, norme e fede cristiana*, Casale Monferrato 1982, Marietti, 182-191.

<sup>3</sup> Sigo a edição portuguesa: M. TWAIN, *As aventuras de Huckleberry Finn*, Mem Martins 1976, Publicações Europa-América, pp. 78-79; 82; 183-184.

*Huck e o escravo negro Jim encontram-se no Mississipi. Jim, fugitivo, procura por tudo chegar à cidade do Cairo, onde poderá, finalmente, ser um homem livre, porque a escravatura já lá tinha sido abolida. As fronteiras, porém, estavam vigiadas...*

Jim disse que se sentia com tremuras e febre por causa de estar tão perto da liberdade. Ora, digo-vos que também me sentia com tremuras e febre ao ouvi-lo, porque tinha de repente pensado em que ele estava quase livre – e quem tinha a culpa disso? Pois, era eu. Não conseguia afastar este pensamento da minha cabeça, de maneira nenhuma. Isto começou a preocupar-me de tal modo que não podia descansar, que não podia ficar quieto em lado nenhum. Nunca me tinha apercebido antes do que estava a fazer. Mas então percebi; nunca mais me esqueci disso; lembrá-lo queimava-me por dentro. Tentei convencer-me de que não tinha culpa disso, pois não induzi Jim a fugir dos seus legítimos donos; mas não valia a pena, pois de cada vez a consciência levantava a voz, dizendo: «Mas tu sabias que ele fugiu para ser livre e podias ter ido à terra para informar aquela gente». Isto estava certo – não podia nada contra este argumento, absolutamente nada. Era aí que estava a dificuldade. A consciência disse-me: «Que te fez a pobre Miss Watson de mal para que pudesses ver fugir o preto dela, sem dizer uma única palavra? Que é que esta velha mulher, coitada, te fez, para que pudesses tratá-la tão mal? Pois é, ela tentou ensinar-te a ler, tentou ensinar-te a comportares-te bem, tentou ser amável contigo da maneira que sabia. Foi o que ela fez».

[...]

A minha consciência ergueu-se ainda mais fervente dentro de mim, até que finalmente falei com ela: «Vamos embora, ainda não é demasiado tarde; quando a primeira luz brilhar, remarei até terra e denuncio-o». Senti-me logo aliviado e feliz e leve como uma pena. Todas as minhas dificuldades tinham desaparecido.

*Huck volta a prometer a si próprio trair Jim. Quando, porém, pouco depois, encontra dois guardas fica com um nó na garganta... e impede por todos os meios que Jim seja preso.*

Afastaram-se [os homens que tinham espingardas] e fui a bordo da jangada, sentindo-me mal e abjecto, pois sabia perfeitamente que não tinha actuado bem, e reparei que não valia a pena tentar fazer as coisas como deviam ser feitas; se não se aprende quando se é miúdo, não há

possibilidades depois – quando vêm as dificuldades, não se tem nenhum ponto de apoio e tudo fica lixado. Depois disso pensei um minuto e disse a mim próprio: espera aí – supondo que tivesses feito bem e denunciado Jim, sentir-te-ias melhor do que te sentes agora? Não, disse eu, sentir-me-ia mal, tal como agora me sinto. Então, porque aprender a fazer o bem, quando fazê-lo traz tantas chatices e quando não há problemas em fazer o mal, sendo o resultado o mesmo em ambos os casos? Fiquei confuso. Não consegui responder a tais perguntas. Por isso, resolvi não me preocupar mais com o assunto, embora decidisse sempre fazer o que para mim, em cada situação, fosse mais natural.

*Depois Jim é preso; deverá ser restituído à sua dona. Huck reflecte sobre o seu dever: contar tudo isto a Miss Watson ou libertar Jim?*

Isto era exactamente a minha situação. Quanto mais matutava no assunto, tanto mais a minha consciência me roía e tanto mais me sentia mau e ordinário. E, finalmente, quando de repente percebi que isto era a mão da Providência que me batia à porta, deixando-me assim a saber que a minha maldade tinha sido observada durante todo o tempo lá do Céu, enquanto eu bifava o preto numa pobre mulher que nunca me tinha feito qualquer mal e mostrando-me que havia Um que está sempre de vigia e não permite que acções tão miseráveis passem dum certo limite, então fiquei tão assustado que quase desmaiei. Bem, tentei o melhor que podia para me consolar a mim próprio, dizendo que fui criado mal, e, portanto, a culpa não era toda minha. Mas qualquer coisa dentro de mim continuou a dizer: «Havia a escola de catecismo, podias ter lá ido. E, se tivesses ido, terias aprendido que as pessoas que actuam como tu fizeste acabam por ir eternamente para o Inferno.»

Isto deixou-me a tremer. E resolvi rezar, para ver se deixava de ser o mau rapaz que era, tentando ser melhor. Portanto, ajoelhei-me. Mas as palavras não queriam sair. Porque não? Porque era inútil tentar escondê-lo perante Ele. E tão-pouco perante mim. Sabia muito bem porque é que as palavras não vinham. Era porque eu não era sincero; era porque estava a fazer jogo duplo. Fingia que queria abandonar o pecado, mas lá dentro de mim guardava o maior pecado de todos. Tentava fazer a minha boca dizer que ia procurar ser justo e sincero, quer dizer, escrever à dona do preto, dizendo-lhe onde ele se encontrava; mas no fundo, dentro de mim, sabia que era mentira – e Ele também o sabia. É impossível rezar uma mentira – descobri isso.

Estava cheio de remorsos e não sabia que fazer. Finalmente tive uma ideia, e resolvi que ia escrever a carta – e depois ver se podia rezar. Oh, foi admirável como me senti logo tão leve como uma pena, livre de tudo, sem nada a apoquentar-me. Peguei numa tira de papel e num lápis, sentei-me e escrevi, muito contente e excitado:

*Miss Watson, o seu preto fugido Jim está aqui, duas milhas abaixo de Pikesville, e o Sr. Phelps tem-no na sua posse, mas devolve-o em troca do prémio, se o mandar.*

HUCK FINN

Pela primeira vez na vida, senti-me bem e todo limpinho de pecado. Nunca antes me tinha sentido assim, e sabia que agora era capaz de rezar. Mas não rezei logo. Pus o papel em frente de mim e fiquei a pensar – a pensar que bom era que tudo tivesse decorrido desta maneira e quão perto eu tinha estado de me perder e ser lançado no Inferno. E continuei a pensar. Comecei a pensar na nossa viagem rio abaixo e visualizei todo o tempo Jim em frente de mim, de dia, à noite, às vezes à luz da lua, outras vezes em pleno temporal; e nós dois flutuando rio abaixo, falando, cantando e rindo. Não podia lembrar-me de situações que me tivessem deixado ressentido com ele. Pelo contrário. Vi-o fazendo a minha vigia depois da sua, em vez de me acordar, de maneira que eu podia continuar a dormir; e vi quão alegre ele estava quando voltei daquela névoa, e quando tornei a vê-lo no pântano, onde houve aquela rixa; e em outras situações semelhantes. Sempre me chamava filho e cuidava de mim, fazendo tudo o que podia pensar para mim; e que bondoso ele sempre era. Finalmente lembrei-me daquela vez em que o salvei, dizendo aos homens que tínhamos varíola a bordo, e de como ele ficara tão grato, dizendo que eu era o melhor amigo que o velho Jim tinha neste mundo, e o único. Por acaso, olhei um pouco à volta e calhei de ver o papel.

Era uma situação embaraçosa. Peguei nele e fiquei com ele na mão. Todo eu tremi, porque tinha de decidir, de uma vez para sempre, entre duas coisas; e sabia-o muito bem. Pensei nisto a olhar para o papel durante um minuto sem respirar, e depois disse para comigo:

– Pronto, vou para o inferno. – E rasguei o papel.



Eram pensamentos maus; e palavras ainda piores, mas disse-as. E deixei-as ditas, e nunca mais pensei em emendar-me.

### **A voz da consciência**

«(...) qualquer coisa dentro de mim continuou a dizer: “Havia a escola de catecismo, podias ter lá ido. E, se tivesses ido, terias aprendido que as pessoas que actuam como tu fizeste acabam por ir eternamente para o Inferno”.» Ao menos por causa desta afirmação, é justificável a utilização destes excertos para tratarmos do tema que me tinha sido proposto...

Todos temos presente a referência ao n.16 da *Gaudium et spes*: «No fundo da própria consciência, o homem descobre uma lei que não se impôs a si mesmo, mas à qual deve obedecer; essa voz, que sempre o chama a amar o bem e a fugir do mal, soa no momento oportuno, na intimidade do seu coração: faz isto, evita aquilo». Texto que, em seguida, cita a Encíclica *Pacem in terris* do Papa João XXIII: «O homem tem no coração uma lei escrita pelo próprio Deus; a sua dignidade está em obedecer-lhe, e é por ela que será julgado. A consciência é o centro mais secreto e o santuário do homem, no qual se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser. Graças à consciência, revela-se de modo admirável aquela lei que se realiza no amor de Deus e do próximo».

O Concílio ensina ainda que «pela fidelidade à voz da consciência, os cristãos estão unidos aos demais homens, no dever de buscar a verdade e de nela resolver tantos problemas morais que surgem na vida individual e social».

Ora, vale a pena pensar se, quando falamos de consciência, de que é que estamos (mesmo) a falar. Certamente notamos que, no texto de M. Twain, quando Huck fala de consciência e fala com a consciência – que vozes são estas que se ouvem? – fala de (e com) instâncias diversas...

Guinters recorda, como Fuchs ensinava, que para F. Nietzsche a ‘consciência’ era “a voz dos outros em nós”. E que S. Freud denomina esta instância “o super-eu”. Claro que esta estrutura psíquica pré-pessoal – “o super-eu” – é especialmente importante para o nosso desenvolvimento pessoal, contanto que esteja ao serviço da consciência pessoal (e não o contrário!). Ginters ajuda-nos a fazer a distinção entre a verdadeira consciência e esta dita “consciência” que corresponde ao super-eu:

<b>“consciência” = super-eu</b>	<b>CONSCIÊNCIA</b>
é pré-pessoal	é pessoal
não faz distinções	avalia, distingue
procura o sucesso	reconhece o limite
usa pseudo-argumentos	argumenta
submete-se cegamente à autoridade	quer compreender
é árida	é existencial
o “sentido do dever”	a relação com o outro

Facilmente reconhecemos que, no texto, só quando, quase no fim, Huck faz a memória da sua descida do rio com Jim («Comecei a pensar na nossa viagem rio abaixo [...]») – trecho em que, por sinal, não utiliza a palavra ‘consciência’ – é que se trata verdadeiramente de *consciência*. Correndo o risco das generalizações, diria que, quando alguém utiliza uma expressão do tipo “a minha consciência”, se refere, efectivamente, ao *super-eu*, e que, quando alguém diz simplesmente “eu”, é que se refere à *consciência*. Foi nessa altura que evocámos a figura do Grilo do Pinóquio como imagem da heteronomia da pseudo-consciência. Essa pseudo-consciência do super-eu *diz-me, dita-me, manda*; ao passo que, quando dizemos “a mim parece-me” ou “suponho que”, aí é que estamos a dar espaço à consciência, a procurar ouvir a sua voz.

### **Percurso de catequese, encontro interpessoal e consciência moral**

O que penso sobre este assunto encontra-se já publicado<sup>4</sup>. Aponto apenas algumas notas.

Sobre a *relação interpessoal no percurso de catequese*, é necessário que, ao longo de todo o percurso de catequese, as relações interpessoais possam ser vividas e reflectidas de modo a possibilitarem uma verdadeira experiência moral.

---

<sup>4</sup> J. M. PEREIRA DE ALMEIDA, «Catequese e formação da consciência moral» in J. CARDOSO DE ALMEIDA, M. H. CALADO PEREIRA, C. SÁ CARVALHO, ED., *Fórum de Catequese*, Lisboa 2003, SNEC, 81-86.

Sobre o *peçoal encontro com Jesus e a consciência moral*, recordar que «a finalidade última da catequese é pôr as pessoas não apenas em contacto, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo»<sup>5</sup>. Existe uma reciprocidade entre a nossa experiência moral e a nossa experiência de fé.

Sobre a *livre responsabilidade*, vale a pena recordar a importância da experiência moral que, tal como a fiz notar no texto das *Aventuras de Huck*, nasce da relação interpessoal, é experiência de responsabilidade, experiência de *encontro* com um 'tu' que põe o problema da liberdade enquanto chamada a tornar-se responsabilidade. É esta instância que denominamos *consciência moral*.

Espera-se que o itinerário de catequese possa permitir o crescimento da livre responsabilidade pessoal no cuidar do 'outro' no mundo em que vivemos, sobretudo se ele é fraco, se é necessitado, se precisa.

Sobre a *formação moral*, dizer que a formação da consciência é tarefa de uma vida inteira; que o trabalho de formação é, antes de mais, um trabalho de auto-formação; mas que é verdade também (por causa das relações inter-pessoais) que todos concorremos para a formação ética dos outros: somos corresponsáveis da sua formação.

---

<sup>5</sup> JOÃO PAULO II, Exortação apostólica *Catechesi Tradendae*, n.5; CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório Geral da Catequese*, n.80.



# **Novas linhas para o despertar da fé e a educação religiosa nas paróquias, com as famílias**

CRISTINA SÁ CARVALHO (\*)

## **1. Pensar globalmente e agir localmente**

A reconhecida expressão «Pensar globalmente e agir localmente» exprime, com clareza e dinamismo, a posição que nos parece mais conveniente tomar quando pensamos sobre como agir naqueles espaços tradicionais de evangelização que mais desgastados se têm revelado. De entre eles podemos destacar, facilmente, as famílias, tanta é a evidência de que algo mudou, e não só em termos eclesiais mas, de um modo mais geral e muito pronunciado, na sociedade. Essa mudança está, realmente, a pedir-nos uma reflexão ampla e englobante, mas também uma visão que penetre a estrutura mais fina de cada família.

Como a mundividência das mulheres e dos homens de hoje é, muito fortemente, marcada pelas suas experiências pessoais, e como a família está no centro das mais fortes experiências que nos são dadas viver, é natural que a experiência das famílias afecte directamente a vivência das várias comunidades de fé, fazendo-o de um modo, realmente, tão próprio e preciso que, efectivamente, somos levados a perceber como se torna urgente agir de um modo local, isto é, contextualizado e significativo para aquelas pessoas em concreto. Ao menos sob este ponto de vista, o tempo das acções de massas e das generalidades simplificadas e sustentadas por estruturas lógicas de organização, oferecidas em bloco a grandes grupos, perdeu a sua eficácia e, de algum modo, poderá estar a perder o seu sentido. Compreendemos,

---

(\*) Psicóloga educacional, docente de Psicologia e pedagogia da religião na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa. Membro da equipa do Secretariado Nacional da Educação Cristã.

hoje, embora ainda com alguma dificuldade, que o tempo de oferecer, “bases sólidas” pré-definidas e iguais à generalidade das pessoas não resulta na difusão e interiorização da fé que inicialmente se esperava, pois o ser pessoa é, cada vez mais, não só o processo, que sempre foi, de individuação, mas também de individualização. Assim, aquilo que há a oferecer, para se tornar apetecível e significativo, tem de ser oferecido de uma forma tão próxima e personalizada quanto possível.

O despertar da fé e a eficácia da educação religiosa, quando estudados, e tal como já tivemos oportunidade de referir nestas mesmas páginas<sup>1</sup>, aparecem sempre indelévelmente ligados à família. E ligados à família de modos diversos, modos esses que se cruzam para proporcionar um resultado final. Assim, verificamos que a família é significativa e influente no despertar religioso e na educação da fé tanto do ponto de vista da sua vivência humana e da qualidade da experiência parental que proporciona, como das relações afectivas e amorosas que estabelece. E, como seria de esperar, é influente também na medida em que age como referência de uma determinada prática religiosa que, mais explicitamente, pode proporcionar.

Mesmo quando se questionam os adultos sobre as suas escolhas e compromissos religiosos, a experiência familiar, sobretudo ao nível das influências recebidas na infância e na adolescência, surge como uma variável poderosa. Mas, como aproveitar, hoje, todo esse potencial evangelizador? Não há respostas simples para problemas complexos e, é evidente, o trabalho com as famílias levanta-nos problemas multiformes e de difícil resolução. Se por um lado a reflexão sobre a evangelização e a catequese põe, cada vez mais, de manifesto, a necessidade de evangelizar visando a maturidade pessoal e religiosa, isto é, não se limitando a educar para o conhecimento, mas proporcionando, como oferta em liberdade, uma qualidade de experiência – a religiosa – que enformará e dará sentido a todas as outras experiências, humanizando a pessoa e o seu agir em profundidade, por outro, se vai compreendendo como essa maturidade e religiosidade madura começam nas fundações, isto é, nas experiências da infância e da adolescência. Além disso, e a questão não é, exactamente, nova, a família tem provado ser o espaço mais influente na estruturação da personalidade humana, personalidade humana que assenta as bases até ao

---

<sup>1</sup> SÁ CARVALHO, C. «A família e o seu insubstituível papel educativo», *Pastoral Catequética*, n.º9, 2007, pp. 153-199.

início da vida adulta, embora os processos desenvolvimentais continuem a processar-se e a oferecer novas oportunidades de estruturação, de saúde mental, de inteligência, de aperfeiçoamento, de maturação. Assim, não será nunca de excluir que a família tem uma influência profunda e duradoura na personalidade religiosa das pessoas.

A questão complica-se um pouco mais quando as famílias representam uma verdadeira urgência pastoral, é cada vez mais delicado definir o que é uma família, sobretudo se pretendermos, como é o caso, fugir à gasta dicotomia “família tradicional” e “família pós-moderna”. Do ponto de vista da evangelização e da educação religiosa das crianças e dos adolescentes, o que realmente nos interessa é assumir, com clareza, serenidade e esperança, que as famílias, hoje, têm uma estrutura complexa, mutante, exigente e que primam mais pela diversidade do que pelas semelhanças. De facto, a organização da família no ocidente mudou, está mudada. Esta mudança permitiu a emergência quase contínua de novos modelos de vivência familiar: os arranjos provocados pelo divórcio, ou pelas escolhas de natureza jurídica, como a união de facto, mas, também, outros modelos de vivência e percepção da organização familiar.

De facto, é simplista considerar que as mudanças que ocorrem na família se devem, apenas, ao aumento do número de divórcios, pois também é possível encontrar “novas famílias” entre jovens pais que desejam uma vida mais pessoal e escolhem, por exemplo, optar por menor ambição na carreira profissional e mais liberdade para exercer a sua parentalidade. Estas famílias apresentam tendências face à mudança de valores que podem vir a introduzir no tecido social transformações quase tão radicais como as primeiras famílias cujos pais se divorciaram. São famílias que reclamam novos direitos laborais, em grande parte no acesso à gestão do seu tempo, mesmo em detrimento de um certo nível de vida, vulgo capacidade de consumo. Portanto, não nos convém esquecer que, nalguns sectores da sociedade, e sectores influentes porque, normalmente, cultos e activos, há um aumento de interesse na família. E como, actualmente, muitas mudanças culturais profundas só ocorrem quando determinados interesses ou comportamentos se transformam numa nova oportunidade de negócio, é previsível que estas atitudes venham a despertar o interesse dos Estados e dos meios empresariais, finalmente, obrigando a ajustamentos legais e novas oportunidades de conciliação da vida laboral com a vida familiar e motivando

o aparecimento de novas soluções de consumo, sob o risco de se desperdiçar talento, recursos humanos valiosos e novos nichos de mercado.

A preocupação com o eventual desperdício de talentos e recursos humanos bem pode estar presente numa reflexão das necessidades de evangelização para o mundo de hoje, porque se perdermos as famílias, se não as reconquistarmos para uma experiência de fé no contexto de uma Igreja que aceita renovar-se para integrar essas mesmas famílias, qualquer que seja a sua “modalidade”, não nos restará grande coisa para evangelizar. Inclusivamente, correremos o risco de perder aquelas famílias para quem a família é uma prioridade consciente e que, frequentemente, se amparam numa fé bem determinada e, sentidamente, vivida, pois essas famílias, se são exigentes com o seu próprio percurso, são-no, também, com as diversas estruturas educativas e de referência a que estão ligadas e o que pretendem da Igreja não pode ser nada menos bom do que uma vivência profunda e testemunhal.

## **2. Pastoral parental e catequese**

Apesar de todos os desafios que enfrentamos ao nível da pastoral da família e da catequese, o nosso padrão eclesial persiste em acolher as famílias na condição destas aceitarem dividir-se por secções. Na nossa Igreja, para onde foi relegada a unidade familiar?

Relativamente a outros ambientes educativos, principalmente no que se refere à escola, um esforço de investigação e de alteração de práticas tem vindo a ser feito. De um modo geral esses estudos, e concomitantes transformações, partiram da necessidade de se quebrar o ciclo da desvantagem social e escolar das crianças oriundas de famílias pobres, cujos pais, embora interessados na educação dos filhos e, certamente, desejosos de lhes dar uma vida melhor, não possuíam os recursos suficientes para os motivar para a vida escolar, para lhes mostrar que a educação é relevante, nem para os ajudar a lidar com a aprendizagem e o estudo. Deste modo, o ciclo da pobreza muito, facilmente, se perpetua pois, sem educação, não é possível conquistar um emprego razoável nem um melhor nível de vida. Do ponto de vista da educação da fé, este objectivo também faz todo o sentido, pois, uma vez que a fé parece culturalmente encarcerada e tendencialmente enviada para o domínio do privado, mais facilmente se evidencia o empobrecimento da capacidade



de evangelização e de construção do Reino por parte daqueles que ainda se consideram cristãos. Há, se quisermos encontrar uma analogia, um real risco de estabelecimento de um ciclo de reprodução do empobrecimento na fé, uma vez que a experiência de fé, e a criadora força do cristianismo, dos actuais adultos, estão de tal forma depauperadas que não reúnem argumentos suficientes para passarem às gerações seguintes. Uma fé que é vivida de forma esquelética, mecânica e pouco estruturada não tem potencial para se tornar interpelante, imitável, seguível e desejável pelas gerações seguintes, tornando-se, rapidamente, dispensável.

Embora a nossa tradição catequética não tenda a incorporar a experiência das escolas relativamente aos desafios que enfrenta, e que são, muitas vezes, estruturalmente semelhantes aos das escolas, relativamente à participação dos pais e à colaboração activa com estes, a catequese paroquial tem muito a aprender com as práticas e os estudos que têm lugar na escola. É, realmente, necessário que, na paróquia, como na escola, se retirem todas as vantagens da participação das famílias e que se possa ir mais longe. Ir mais longe poderá significar que a família não é vista apenas como um instrumento cooperativo de evangelização, mas como o espaço central e preferencial dessa evangelização. Sob este ponto de vista, não nos limitaríamos a referir como é importante “retirar todas as vantagens da participação das famílias”, mas deveras estaríamos a assumi-las como o núcleo transformador da comunidade de fé.

Uma catequese que tem um objectivo familiar deve ter, na nossa perspectiva, a ambiciosa meta de educar na fé tanto os filhos como os pais, e pode começar por apoiar a educação dos filhos, ajudando os pais a melhorar, através da formação e do contacto directo, a sua acção parental. Muitos pais gostariam de fazer melhor mas, tal como face à escola, não sabem como actuar. Se na escola, facilmente, identificamos esta carência nos pais por muitos destes serem, apenas, precariamente escolarizados, deveríamos fazer um esforço por entender que tipo de educação religiosa tiveram os pais de hoje, descobrindo como esta foi, provavelmente, mais orientada para a aceitação passiva de um conjunto de formalidades religiosas e de padrões comportamentais, integrados por acção da pressão social, e não tanto por um esforço de apropriação personalizado. Deste modo, não estaríamos a operar, apenas, ao nível da educação parental, mas a ajudar os adultos a viver, na fé, os desafios mais centrais e cruciais da sua vida privada. Este é, pois, um passo importante no desenvolvimento de uma fé

adulta entre os adultos da nossa comunidade: viver cristãmente a sua vida quotidiana<sup>2</sup>.

A este esforço chamamos Pastoral Parental não só porque é objectivamente dirigido a adultos com funções parentais, mas porque procura servi-los, precisamente nesse âmbito, isto é, enquanto educadores de crianças e de adolescentes inscritos num quadro de responsabilidade e acção que integra educação humana – focada na estruturação de uma personalidade madura e sã – e educação da fé, encontrando esta a sua base e ponto de partida na qualidade humana da pessoa. Deste modo, será possível evitar, desde a sua infância, a clivagem entre fé e comportamento, entre credo e opção moral, que tanto fragilizam a fé adulta.

Além disso, as famílias de hoje estão, não só visivelmente sobrecarregadas com a sua gestão, como demasiado sozinhas perante os esforços económicos, amorosos e educativos que devem realizar apenas para se manter a funcionar. Assim, muitos pais não só não sabem como fazer melhor como, mesmo que soubessem, sentem, claramente, que têm poucas oportunidades para o praticar. Neste sentido, uma comunidade de fé que se abre à família, na prática tem de optar por apoiar essa família, criando condições para que pais e filhos descubram como é são passarem bons momentos juntos, momentos esses que devem incluir experiências orientadas para o crescimento na fé e de vivência da fé, por exemplo, através de acções de serviço ao próximo. Que bom seria se conseguíssemos que um grupo de famílias estivesse connosco, na paróquia, toda uma tarde de sábado, a reflectir em torno da Palavra de Deus e, no final, miúdos e graúdos avaliassem a experiência dizendo “Que tarde tão bem passada, queremos voltar!” Melhor ainda seria que os organizadores avaliassem essa experiência pela qualidade do ambiente gerado e pelo facto de as famílias estarem, agora, genuinamente, dispostas a viver essa aprendizagem numa acção concreta de caridade.

Evidentemente, as paróquias não têm muitos recursos e, talvez, não estejam habituadas a geri-los de uma forma muito inovadora, mas o trabalho com as famílias não tem de passar por projectos muito complexos e morosos,

---

<sup>2</sup> A nossa reflexão sobre a tipologia e o desenvolvimento das características da fé adulta é bastante devedora do trabalho de André Fossion, nomeadamente o seu artigo «La catéchèse au service de la compétence chrétienne», *Lumen Vitae* Vol. LX, n° 3 – 2005 (pp. 245-259), pela sua perspectiva eminentemente virada para a intervenção educativa, como aqui, também, se pretende tratar.

mas por uma rede bem orquestrada de pequenas iniciativas interessantes. Por exemplo, muitos casais não têm possibilidades de se proporcionar uma saída a dois, ou de conviver com outros casais, experiências que são importantes para a consolidação dos laços conjugais. Assim, a paróquia pode organizar encontros de casais ou facilitar os meios, materiais e humanos, para que um casal possa ir ao cinema, jantar fora ou dar um passeio no sábado à tarde, sem se preocupar com quem vai deixar os filhos e como pagar os bilhetes de cinema, se for o caso.

Também convém ter presente que muitas famílias passam por experiências muito difíceis, vividas sem um verdadeiro enquadramento social e comunitário. Os Estados modernos, e bem, preocupam-se em fornecer pessoal técnico e estruturas de apoio, mas são sempre muitos os que necessitam de intervenções diversificadas e complexas face a recursos, necessariamente, limitados e, nem sempre a técnica ou a instituição estatal, o funcionalismo, por bem organizado que seja, constituem a resposta mais necessária para uma determinada família ou pessoa. Muitas doenças nascem do isolamento social, da contínua sensação de incapacidade e falta de valor.

Algumas situações familiares são mais atreitas a esse terrível desgaste, e se durante milénios a viuvez era quase uma maldição, hoje são as famílias monoparentais as que estão mais sobrecarregadas e, portanto, mais carecem de apoio. Enfrentam, também, situações de grande fragilidade humana e familiar os avós que estão a educar netos, as famílias atingidas pelo desemprego ou a doença crónica. Todas elas necessitam da ajuda de grupos de apoio e, até, de um acompanhamento técnico fácil de aceder, barato ou grátis, e que, sem funcionalismo, não esquece a importância curativa da presença amiga e da oferta, não proselitista, de um horizonte portador de significado e de sentido que se apoia na experiência religiosa de quem oferece e de quem recebe apoio.

### **3. Como começar?**

Em primeiro lugar, há que ter bem presente que, ao pretendermos introduzir alterações nos nossos projectos de pastoral familiar e de catequese, se pretende oferecer um serviço à família e não criar-lhe mais um fardo de obrigações e compromissos. A gratuidade é aqui um conceito enformador crucial, encarado de uma forma tão ampla quanto possível.

Aquilo que temos para oferecer deve ser tão bom, tão significativo, tão adequado às necessidades e expectativas daqueles que pretendemos cativar, que realmente lhes atribuamos o poder de serem eles quem decide livremente, que é impossível perder as próximas propostas que nós temos para oferecer. Oferecer, não impor. Nem sempre aquilo que nos dá muito trabalho está bem feito, é apelativo ou significativo. E, frequentemente, uma mentalidade assistencial vem estragar um projecto generoso e interessante. Trata-se de viver a fé entre irmãos, apenas.

Em segundo lugar, é necessária uma liderança eficaz e uma motivação genuína. Só o que fazemos convencidos pode atrair outras pessoas e apenas um projecto apresentado com energia e clareza de ideias angariará os colaboradores necessários. Depois, é aprender a começar com um público reduzido e exigente, confiando naquilo a que os especialistas chamam *buzzmarketing*, isto é, a força publicitária do passa-palavra: “fui participar em algo, realmente, interessante, também podias ir na próxima vez, vale a pena”.

Como a celebração da fé e a oração são duas dimensões fundamentais da experiência religiosa, devem ser, desde o início, incluídas nos projectos de abertura da paróquia e da catequese à família. Assim, a oração com as famílias, a bênção dos bebés, a preparação para o baptizado, as eucaristias, a celebração do início do ano pastoral e da catequese, serão motivos de festa em torno do diálogo conjunto com Deus e da celebração da fé. Neste contexto, não haverá necessidade de preparar celebrações específicas para as crianças ou os adolescentes, todas as celebrações devem envolver, activamente, os mais novos e ser atraentes para estes, pois os adultos acabarão por se deixar conquistar pela alegria, o movimento, a clareza da linguagem, a criatividade que os jovens sempre emprestam àquilo que fazem. E se o ensinamento que oferecemos às crianças e aos adolescentes é bom e bem preparado é, igualmente, adequado para os adultos.

Embora as celebrações preparadas, vividas e entendidas sejam as celebrações mais belas e verdadeiras, não se pretende, apenas, melhorar a sua organização, ter um “público” mais vasto, fiel, ou capaz de ouvir, ou manter os participantes mais interessados durante o seu decurso. Tudo isso são vantagens, mas este trabalho litúrgico-sacramental, celebrativo, tem um alcance mais amplo e profundo quando se pretende, de facto, capacitar os adultos, os adolescentes e as crianças, com os instrumentos de participação

activa na liturgia que são, em si, centralmente, catequéticos: vivê-la como a actualização da história da salvação que, realmente, é.

Depois, poderemos ir mais longe, integrando os pais na gestão da catequese, na oferta de projectos de catequese familiar e de catequese conjunta, inter-geracional, uma modalidade catequética em que participam, nas mesmas sessões, os vários membros da família, fazendo uma aprendizagem em grupo e partilhando, em directo, os momentos significativos da descoberta e aprofundamento da fé. A aprendizagem da inteligência da fé pode ser muito bem feita em grupos familiares em que, juntas várias gerações, aprendem a dar a razão da sua opção religiosa e de vida, contribuindo, por um lado, com a experiência e a tradição, e por outro, com a novidade, a criatividade e os novos dados da cultura a evangelizar.

De facto, a melhor estratégia é fazer com que os pais e os avós se sintam, de facto, bem vindos e apoiados, proporcionando que se sintam em casa na sua comunidade de fé. Muitos ficarão e terão um papel activo durante longos períodos de tempo. Outros, manterão uma ligação intermitente. A vida das famílias, e os seus ciclos de crescimento, não permitem que estas se integrem num processo permanente e contínuo. Mas voltarão, quando puderem, quando precisarem. No entanto, não nos esqueçamos de deixar a luz acesa junto à porta, para que não se percam quando quiserem voltar.

No entanto, qualquer que seja a nossa comunidade de fé, não conseguiremos avançar na integração das famílias na catequese, se não aceitarmos e compreendermos porque sofremos de uma verdadeira “parentofobia”. Como explicam os dicionários de psicologia, a fobia consiste em reacções de medo persistentes e desproporcionadas em relação a um objecto ou situação que representam, para a pessoa fóbica, um perigo ou uma ameaça, embora estas possam não ser reais. Nas fobias, o medo transforma-se em ansiedade crescente quando somos expostos ao estímulo que desencadeia a fobia, levando-nos a actuar de modo a evitar esse estímulo a todo o custo, mesmo que isso implique desajustamento face à realidade. Assim, comecemos por reconhecer como na base das nossas dificuldades em trabalhar com as famílias está o medo que estas nos inspiram. Gostamos imenso das “nossas” crianças e adolescentes, mas evitamos, afastamos, quanto possível, os pais e as famílias.

Este quadro de fobia aos pais é bastante frequente, infelizmente. Justifica-se, em parte, pelas motivações pessoais dos próprios educadores: muitas vezes, pessoas que decidem trabalhar, e com talento, com crianças e adolescentes, não se sentem tão à-vontade na sua relação com outros adultos, acabando por gerar um circuito fechado de desinteresse-isolamento-temor. Tal circuito instala-se, ou acabará por se instalar, à maneira da racionalização, como mecanismo de fuga, com base numa concepção pedagógica que, na maior parte dos casos, é delirante e desajustada: a ideia de que as crianças e os adolescentes poderiam ser melhor educados se fossem “isolados” da influência das famílias. Esta ideia também pressupõe que “nós” sabemos melhor o que convém às crianças e adolescentes, que “nós” nos podemos sobrepor aos pais ou evitá-los porque estamos numa posição – inconsciente – de superioridade. Há, de facto, nas más relações entre educadores e pais, um real problema de gestão do poder.

Assim, para reforçar a “parentofobia” não há nada de mais eficiente do que considerar os pais como incompetentes nas suas funções parentais e religiosas. É um facto – complexo e doloroso – que os pais de hoje tendem a ter pouco tempo disponível para os seus filhos, sobretudo pelo facto de ter aumentado muito o número de famílias que necessitam de um duplo rendimento, isto é, em que ambos os pais trabalham, como pelo facto de as famílias monoparentais também serem cada vez mais numerosas. E é, igualmente, um facto que, hoje, embora continuemos a advogar pelo “tempo de qualidade”, cada vez percebemos com maior clareza que há uma qualidade, intrinsecamente boa, no ter-se tempo para partilhar, com alguma calma e frequência regular. Os primeiros a reclamá-lo são, precisamente, as crianças e adolescentes que, realmente, como os catequistas e os professores sabem, gostariam de passar mais tempo com os pais.

Apesar de todas as dificuldades dos pais e das famílias e dos resultados parcos que algumas estão a atingir com o seu fragilizado empenho educativo, numa comunidade de fé, numa paróquia, necessitamos compreender que os pais olham a Igreja como uma aliada na educação dos filhos, não como um espaço de competição. Assim, não entremos nós nesse processo de disputa e esforcemo-nos por colaborar com os pais em tudo o que possa reforçar e fortalecer a sua autoridade, as suas competências e as suas capacidades como educadores. Se tratarmos os pais, apenas, como pais, e pais que não consideramos, particularmente, competentes, estaremos a votar aquelas pessoas a uma certa marginalidade, estaremos a privá-los de

exercer o seu papel de adultos na comunidade e de aprender e de exercitar a sua integração eclesial plena. Como diz o povo, se cheio de boas intenções está o inferno, desafiemo-nos a nós mesmos para agir com um novo espírito: preparemos bem os encontros, tratemos bem as pessoas. Se a reunião não convém naquela hora, pois mudemos a hora. Se vieram poucos pais, façamos outra. Se tentámos uma conversa três vezes, arrisquemo-nos a uma quarta tentativa.

#### **4. Trabalhar para “ter as famílias conosco” na catequese**

Depois de reconhecermos as dificuldades, é imprescindível que os responsáveis pela catequese se comprometam, seriamente, no envolvimento com os pais. Não uns pais quaisquer, abstractos, mas “aqueles pais reais” de uma comunidade concreta. Tal predisporá, necessariamente, para que nos esforcemos por conhecer os pais, por avançar para além da conversa superficial ou o “diz que disse” e encontrarmo-nos com eles e tentar perceber – antes de os julgar – que desafios enfrentam nas suas vidas. Esta tarefa, longa e laboriosa, será tão mais frutífera se incluir os esforços dos responsáveis da catequese como também os da equipa sacerdotal de cada paróquia. Fazendo-o bem, estaremos a construir um valioso dispositivo testemunhal da missão de Evangelização que cabe a todo o cristão e que, certamente, chamará a atenção dos adultos para o novo estar no mundo e interagir com o outro a que o Evangelho sempre nos chama, uma espécie de catequese pela acção e o testemunho de proximidade.

Quando se começa a conhecer as famílias, também é mais fácil apercebermo-nos de quantos pais, avós, irmãos mais velhos, estão interessadas em colaborar, de modos diversos, emprestando as suas salas de estar para reuniões, liderando pequenos grupos, acompanhando acantonamentos ou acampamentos, passeios e retiros, fornecendo vários tipos de recursos, desde o papel higiénico para as casas-de-banho ou novas lâmpadas para as salas, até o seu conhecimento ou experiência na organização de um programa de educação da sexualidade em âmbito paroquial ou explicações de matemática. Um cuidado especial deverá ser tido em conta na convocação desses esforços: quando se pede algo aos pais, tem de se pedir com bastante antecedência porque se trata de pessoas sempre muito ocupadas. Não deixemos de fora os reformados, pais ou avós, e toda a aprendizagem acumulada numa vida de trabalho que, agora que a reforma chegou, pode parecer tão vazia e sem sentido.

Como a disponibilidade dos pais, realmente, varia com a sua personalidade e circunstâncias, é boa política adequarmo-nos àquilo que cada família pode dar em cada etapa da vida dos seus filhos. Podemos definir como pais “disponíveis” aqueles que não pretendem muito envolvimento ou não podem comprometer-se de forma duradoura, mas que podem ajudar pontualmente e, por vezes, em mais de uma ocasião: conduzir um veículo, limpar um espaço depois de um evento, emprestar a sua sala. São pais “participativos” aqueles que assumem uma tarefa durante um período de tempo, por exemplo, um mês, talvez mais aos fins-de-semana, sendo depois substituídos por outros pais: fazer o acompanhamento das crianças pequenas durante a eucaristia, orientar um conjunto de sessões de uma formação pontual sobre um tema que dominam. E, finalmente, temos os pais “comprometidos”, que trabalham fora de casa ou não, mas podem oferecer o seu trabalho durante a semana. São pais que pretendem ter um papel activo do processo de desenvolvimento espiritual dos seus filhos mas que necessitam de um enquadramento quase contratual – que se estabeleçam regras partilhadas e se faça uma avaliação conjunta do trabalho – de liderança (orientados por uma equipa de responsáveis) e de preparação/formação.

Além da própria disponibilidade para o trabalho paroquial de apoio à catequese, os pais têm para oferecer modos diversos de participar. Podem actuar como “amigos da catequese”, alguém que faz parte de um grupo de apoio mas não se envolve directamente, embora possa colaborar em campanhas de recolha de fundos para um passeio, assumir obras ou melhoramentos, e actividades deste âmbito. Num nível mais integrado teremos os “padrinhos da catequese”, voluntários centrados num tipo de evento, daqueles eventos que só têm lugar uma ou duas vezes por ano: organizar o jantar da catequese, apoiar um acantonamento pela Páscoa, promover uma feira do livro educativo, preparar e acompanhar uma peregrinação. Com uma participação mais activa teremos os “patrocinadores da catequese”. São pais que não são catequistas nem responsáveis pela catequese mas que apoiam directamente estes últimos. Na realidade, cuidam de que as acções planeadas para a catequese possam ter lugar: fornecer o café e os bolos para uma reunião, preparar refeições para encontros mais alargados, escrever cartas e alimentar a *newsletter*, fazer telefonemas, apoiar os ensaios e bastidores na realização de espectáculos e festas.

Por fim, numa comunidade de uma certa dimensão, têm o seu lugar os “conselheiros da catequese”, uma meia dúzia de pais – e outros paroquianos



– com boa preparação intelectual e pastoral que colaboram, directamente, com os catequistas, assumindo tarefas conjuntas com estes, fornecendo-lhes formação pedagógica, psicológica e, se for possível, teológica e catequética, acompanhando o desenvolvimento das diversas actividades da catequese – uma vez que os catequistas se devem concentrar nas tarefas pedagógicas com os seus catequizandos –, e que formam, com a equipa sacerdotal e os responsáveis da catequese, o núcleo duro da pastoral da infância e adolescência e que, futuramente, serão os animadores da Pastoral Parental. Como são escolhidos entre paroquianos preparados e, altamente, comprometidos, também animam determinados projectos como estudos Bíblicos, programas de educação parental, programas de educação da sexualidade, pastoral dos casais jovens, ... de acordo com as necessidades e criatividade de cada paróquia.

### **5. Trabalhar, mas de acordo com as necessidades de cada paróquia**

Cada paróquia tem uma cultura própria, um ambiente, umas pessoas, um modo de funcionar. No entanto, apesar das diferenças, algumas necessidades relativas ao envolvimento das famílias na catequese são comuns. A primeira necessidade a satisfazer numa catequese da infância e da adolescência que se abre às famílias é garantir que a meta será “ter as famílias conosco” e não, apenas, do nosso lado, isto é, assumir como missão a construção um sistema de trabalho na catequese que é tão partilhado e cooperativo com as famílias quanto possível.

Para tal, haverá que começar pelo mais básico, mas, embora básico, cuidando de o fazer muito bem: garantir que os pais, ou seus substitutos, se sentem bem informados sobre o projecto da catequese que os seus filhos frequentam. Muitos pais não participam mais porque não conhecem os projectos da catequese, ou não compreendem aquilo que a paróquia pretende fazer. E é um facto que, muitas vezes, os informamos, superficialmente, precisamente para os manter numa certa ignorância.

Este primeiro passo que, de novo nos põe a questão da partilha do poder, não é fácil, pois os catequistas resistem a mostrar o que fazem com receio de virem a ser criticados pelas famílias ou por se sentirem expostos e vulneráveis.

Um método eficiente e simpático de informar os pais consiste na celebração de um “jantar da catequese” para os pais cujos filhos estão a começar um novo ano de catequese. Este jantar pode adaptar-se às necessidades e recursos da paróquia, ser oferecido, pago ou partilhado, mas deve ter como objectivo conseguir que os pais se sintam bem recebidos, fomentando-se o convívio e o laser entre os pais, entre os pais e os catequistas e entre o grupo e os responsáveis paroquiais. O “jantar da catequese” é, também, uma oportunidade para, após a sobremesa e antes das actividades de animação, os responsáveis da catequese recrutarem voluntários para as diversas actividades que apoiarão a pastoral da infância e da adolescência durante o ano.

Neste tipo de actividades não se pretende dizer aos pais que a catequese é muito importante – isso eles já sabem, ou não teriam inscrito os filhos – mas mostrar-lhes como Deus actua naquela comunidade para transformar a vida das pessoas que dela fazem parte, a começar pelos seus filhos. De facto, é um momento importante de testemunho de fé. Nessa condição – de se testemunhar uma fé viva e transformadora – fará todo o sentido pedir-lhes algum do seu tempo, um compromisso de oração ou apoio administrativo. Esse pedido será feito em função do plano de trabalho da catequese para esse ano pastoral, que lhes é mostrado e explicado, se possível acompanhado por imagens – filme ou fotografia – de acontecimentos semelhantes que tiveram lugar no ano anterior e que resultam muito bem como reconhecimento pelo trabalho já feito e motivação para o seguinte.

Quando se pede aos pais tempo, oração ou trabalho, é importante ter presente que algumas pessoas podem comprometer-se pontualmente, por pouco tempo ou para um longo período de trabalho, pelo que os responsáveis devem reflectir com cuidado sobre os vários tipos de ajuda que lhes fazem falta, apresentando aos pais propostas concretas e eficientes, bem programadas. Depois, há que apoiar as pessoas nos compromissos que estas escolhem ter connosco. Um responsável pela catequese que integra os pais na vida da catequese, provavelmente, não passará a ter menos trabalho, tem é um trabalho diferente e poderá necessitar de ajuda para manter os pais comprometidos, em alerta quanto a esse compromisso, por exemplo, escolhendo pessoas com menos tempo ou mobilidade mas que, sem grandes dificuldades, podem fazer telefonemas ou mandar email de alerta, que recordem as tarefas a realizar, mantendo em acção uma boa rede de contactos.

De qualquer forma, informar os pais de que há trabalho para fazer pode ser insuficiente para os mobilizar. Uma liderança, comunitariamente relevante, aprenderá a colocar-se numa situação de necessidade, não numa posição de poder. Essa necessidade conduzirá a uma atitude proactiva de convite directo para uma tarefa específica: “temos aqui uma tarefa que parece mesmo ter sido pensada para si”. Este pedido directo subentende a criação de uma relação pessoal entre quem pede e quem responde, isto é, mais do que um trabalho entregue a alguém capaz de a desempenhar, uma comunidade que se constrói com base em pedras vivas.

Uma proposta de trabalho concreta requer que se conheçam e reconheçam os talentos das pessoas e a habilidade de os integrar no nosso programa. Para a catequese, tão válido é o conhecimento especializado que permite criar um site na Internet como a experiência maternal que prepara uma refeição quente para um grupo de adolescentes prestes a chegar de uma caminhada de oração. E um bom programa também é aquele que tanto atende à necessidade de solidão e radicalismo para orar como aquele que não esquece o efeito reconstituente de uma boa sopa. Assim, pais que não podem tratar tão bem das necessidades do espírito, podem bem ajudar a reconfortar o corpo ou a dotar o espaço de catequese de melhores condições de trabalho: um espaço reconvertido, paredes pintadas, melhor iluminação, casas-de-banhos decentes, ... se tudo é muito caro, o trabalho partilhado e os bens doados podem fazer milagres.

De qualquer modo, os pais não serão chamados à paróquia apenas para ouvir contar o que planeamos fazer nem apenas para trabalhar naquelas tarefas a que nós já não conseguimos deitar a mão. A família, de facto, constitui a força de influência mais poderosa na vida de uma criança ou um adolescente. Cabe à paróquia agir como uma “apetrechadora” de pais, de famílias. Trata-se de evangelizar pela acção de equipar, munir, abastecer os pais com as melhores condições para bem cumprirem o seu papel de pais, para, tão plenamente quanto possível, preencherem a sua função de família. Treiná-los, acompanhá-los, aconselhá-los, orientá-los nas suas funções educativas parentais, nas quais se inclui, o seu papel de orientadores dos filhos na fé. Sob este ponto de vista, ainda restará um outro desafio às nossas paróquias: apoiar e ajudar pais que não se envolvem, religiosamente, ou não são católicos.

Descrevemos aqui algumas tarefas de voluntariado e trabalho na catequese para os quais os pais podem, e devem, ser convidados, mas o envolvimento dos pais vai mais longe. Uma tarefa importantíssima será a organização de rotinas e de grupos de oração pela catequese e pelas intenções de catequistas e catequizandos: quantas vezes trabalhamos muito e o trabalho não produz resultados, precisamente, porque nos esquecemos de contemplar a presença que Deus quer ter na nossa obra que pretendemos realizar em seu nome!

Depois, há todo um conjunto de acções a desenvolver para ajudar os pais a ser bons pais, começando por propor-lhes actividades para reforçar as relações pessoais em casa ou estratégias para antecipar e resolver conflitos com os filhos, ajudando-os a ser mais assertivos e a treinarem nos filhos boas competências sociais e morais.

Uma necessidade cada vez maior no trabalho de educação parental centra-se na crucial necessidade de organizar actividades formativas para pais que colaborem com eles no sentido de os pais entenderem melhor o mundo em que os filhos adolescentes vivem. Esta dimensão da educação parental será cada vez mais relevante, pois as múltiplas e contínuas mudanças que a nossa sociedade e cultura sofrem quotidianamente, acompanhadas ou despoletadas pela evolução vertiginosa das tecnologias, facilmente, relegam cada um de nós para franjas de marginalidade operativa em áreas de actuação para as quais as crianças e os adolescentes estão muito orientados, acedendo-lhes sem controlo e dominando-as sem restrições. A organização de sessões de cinema ou de entretenimento que foquem essas alterações e sirvam de base para a sua discussão, são muito úteis, podendo incidir sobre a escola e a vida escolar, sobre a necessidade de uma boa educação da sexualidade, sobre a Internet, o seu uso e os seus riscos, sobre as séries de televisão mais vistas, o cinema e as mensagens que propõe, sobre os jogos de computador, o desporto, a moda, os best-sellers juvenis... e todas as questões do dia-a-dia com as quais os pais mais têm dificuldade em lidar<sup>3</sup>. Além da indiscutível riqueza educativa que, potencialmente, este tipo de trabalho permite, constitui, também, um

---

<sup>3</sup> Por ocasião da Semana da Educação Cristã de 2007 o Secretariado Nacional da Educação Cristã editou gratuitamente o DVD "*O suave peso de educar – educação e media*" com o objectivo de colaborar com as famílias, os catequistas e os professores na educação das crianças e dos adolescentes para o uso dos meios de comunicação social. Contém numerosos filmes produzidos para serem utilizados em reuniões formativas com pais e educadores profissionais. Entre outros, mostra uma excelente

espaço de reflexão e experiência própria para o adulto, no sentido em que este é ajudado a pensar, sentir e viver os seus valores numa dinâmica espiritual.

Os pais também apreciarão ser tratados enquanto a pessoa que são e sob o ponto de vista das suas necessidades pessoais e adultas, oferecendo-lhes modalidades diversas de acompanhamento e apoio espiritual nas suas dificuldades (grupos de oração, de escuta da Palavra, actividades de tempos livres em pequenos grupos, grupos de mães e de pais com filhos nas mesmas idades, preparação para o sacramento da reconciliação, email com pequenos textos de reflexão educativa, espiritual e oração, aconselhamento técnico ou possibilidades práticas de colocar os pais em contacto com bons profissionais).

As oportunidades para as crianças e os adolescentes partilharem a sua fé com os pais e testemunharem o compromisso religioso dos progenitores também darão um forte contributo para a construção de uma comunidade de fé catequizada e que catequiza: um retiro em conjunto para pais e filhos ou mães e filhas, caminhadas de oração, peregrinações em bicicleta, sessões de “desporto pela fé” ou por alguma boa causa, eucaristias preparadas, especialmente, para pequenos grupos, actividades de acção social, gemação com paróquias em países em vias do desenvolvimento e todo o trabalho de apoio, comunicação e intercâmbio que pode ser feito, a animação de um jornal ou um boletim paroquial feito por pais e filhos, ateliers de produção de materiais para a catequese da infância, construção de brinquedos para o centro social, enfim, todas as tarefas que possam unir trabalho conjunto e experiência de uma fé transformadora. Herdeiros do testemunho amoroso da criação, daremos conta dela e do Criador de uma forma duplamente criativa: pela criatividade que empregamos nas tarefas a realizar e na forma como estas criam vida, e vida em abundância<sup>4</sup>.

---

entrevista com dois dos maiores especialistas portugueses em segurança na Internet e segurança infantil, e diversos depoimentos muito qualificados sobre a importância educativa da leitura ou as precauções quanto ao uso do telemóvel e da televisão. Seguindo a mesma linha editorial, o SNEC também editou em 2008 dois volumes sobre educação da sexualidade, um dos quais explicitamente direccionado para os pais, “Conversar com os filhos sobre sexualidade”. O volume “Educação da sexualidade – guia para educadores” destina-se sobretudo a responsáveis da catequese e docentes que desejam montar programas de educação da sexualidade em paróquias e escolas. (Estes materiais podem ser encomendados directamente para o SNEC em [educacao-crista@sapo.pt](mailto:educacao-crista@sapo.pt)).

<sup>4</sup> Cf. Jo 10, 10.



# A iniciação sacramental das crianças

IR. MARIA JOSÉ SOUSA (\*)

## Elementos e critérios específicos da catequese de adultos

Segundo o DGC, 173 “a catequese dos adultos diz respeito a pessoas que têm o direito e o dever de levar até à maturidade o germen da fé que Deus lhes deu, tanto mais que são chamadas a desempenhar responsabilidades sociais de vários tipos”.

Não nascemos cristãos, fazemo-nos. Tornar-se cristão implica uma iniciação com várias etapas. Faz-se à maneira de uma caminhada progressiva dentro duma comunidade de fiéis, comprometidos. O itinerário pode ser percorrido, diversamente, consoante as circunstâncias pessoais e ambientais (cf. DGC, 174), mas inclui essencialmente o anúncio da Palavra de Deus, o acolhimento do Evangelho (conversão), a profissão da fé cristã e os sacramentos do Baptismo, Confirmação e Eucaristia (cf. CIC 1229).

A iniciação cristã dos adultos conheceu um grande desenvolvimento nos primeiros séculos, e entrou em decadência com a generalização do baptismo das crianças e com o ambiente cristão da Idade Média; manteve-se ou foi recuperado em terras de missão até aos nossos dias; e, com a crescente descristianização que tem vigorado, desde a secularização aos nossos dias, o Concílio Vaticano II restaurou-a na Igreja latina para os adultos (SC, 64ss); encontra-se regulada pelo Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos (RICA).

---

(\*) Licenciada em Ciências Religiosas.

### **Outras formas específicas da Catequese dos Adultos**

Para além da Iniciação Cristã ou catecumenado dos adultos (RICA), supõe-se:

*A Catequese do Povo de Deus* nas suas formas tradicionais devidamente adaptadas, ao longo do ano litúrgico ou na forma extraordinária das missões.

*A catequese de aperfeiçoamento*, mais dirigida àqueles que têm tarefas de formação na comunidade: catequistas e todos aqueles que estão envolvidos no apostolado dos leigos.

*A catequese realizada por ocasião especialmente significativa da vida*: matrimónio, baptismo dos filhos e os demais sacramentos da vida cristã; em suma nos vários períodos, mais relevantes da vida, bem como na doença e no luto.

Tudo isto, são circunstâncias em que as pessoas estão predispostas, mais do que nunca, para se interrogarem sobre o verdadeiro sentido da vida. (cf. DGC, 176).

Ao iniciar, falando sobre a catequese de adultos, faço-o para situar e referir que sem esta catequese (e enquanto não estiver verdadeiramente implementada na vida da Igreja) a catequese da Infância e Adolescência, por mais que caminhe e se façam esforços para tal, permanecerá sempre, ou pelo menos, em grande parte, deficitária. Pois, como refere o Directório Geral da Catequese, e não coloco qualquer dúvida, “a catequese das crianças e adolescentes deve estar necessariamente em relação com a sua situação e condição de vida e é obra de diversos agentes educativos, complementares entre si (178).

Destes agentes sabemos que em primeiro lugar estão os pais – só pais catequizados poderão catequizar os filhos. Ao referir esta frase, não a refiro em sentido negativo, mas positivo, com esperança; por mais afastados que andem, sempre que os pais “enviam um filho à catequese, no fundo é porque trazem dentro de si uma semente de fé, uma semente de esperança, uma semente de sentido num Deus que é amor. Esta é a síntese que eu faço, esta é a conclusão a que chego, nos já muitos anos que, como catequista, presenciei nos vários grupos de catequese.



**Acompanhemos brevemente o esquema paradigmático da iniciação cristã dos adultos na sua estrutura.**

A iniciação cristã dos adultos no seu desenvolvimento completo, conhece as seguintes etapas (susceptível de adaptações pessoais e locais) ou tempos e passagens:

1. *Pré-catecumenato* ou tempo de evangelização da parte da Igreja, e da conversão inicial da parte do candidato;
2. *Catecumenato* ou tempo de catequese e de ritos conexos, que pode durar alguns anos, terminando com a “eleição”;
3. *Purificação e iluminação*, ou tempo de intensa preparação espiritual ao longo duma Quaresma, a preparar proximamente para os sacramentos da iniciação;
4. Finalmente o *Batismo, Confirmação e Eucaristia* (Primeira Comunhão, na Vigília Pascal); o tempo da “mistagogia” ao longo dos 50 dias da Páscoa, destinado à experiência da vida sacramental e à inserção na comunhão dos fiéis.

Este é o esquema paradigmático, em princípio destinado à iniciação cristã dos adultos. No caso das crianças até ao uso da razão, na Igreja latina cujo batismo, de modo geral, é conferido logo em bebé ou de tenra idade, com a garantia posterior da educação cristã, a qual corresponde a um processo de catecumenado pós-baptismal, ou seja, catequese que prepare para os restantes sacramentos da iniciação cristã: primeira comunhão (eucaristia), reconciliação e confirmação (segundo decreto da CEP). As crianças em idade de catequese são baptizadas e fazem a 1ª comunhão depois de um tempo de catequese suficiente para tomarem consciência destes sacramentos, deferindo-se a confirmação para o termo da catequese de adolescentes. A prudência pastoral ditará as simplificações e as abreviações convenientes ou necessárias.

A catequese da infância e adolescência no nosso país, segue precisamente, e regra geral, este itinerário de catecumenado pós-baptismal.

A catequese com crianças é abordada expressamente no nº 37 da *Catechesi Tradendae*. Este, começa por referir a mudança na vida da criança que deixa o âmbito estritamente familiar para se abrir socialmente, quer na escola, quer na comunidade cristã (Igreja) e refere: *Catequese didáctica*, sem

dúvida, mas visando um testemunho de fé, que há-de ser dado; *Catequese inicial*, sim, mas não fragmentária, pois deverá apresentar, embora de maneira elementar, todos os mistérios principais da fé e sua incidência na vida moral e religiosa das crianças. E prossegue: catequese, enfim, que há-de dar sentido aos sacramentos ...

Perante isto, fácil é concluir que a iniciação cristã das crianças realiza-se em Igreja. Portanto, se aos pais cabe grande responsabilidade perante a formação cristã dos filhos, não é menor a responsabilidade que cabe à comunidade cristã. Da comunidade cristã tem particular importância o papel dos catequistas, melhor ainda, a pessoa que é o catequista. Pois, estes são o grande referente comunitário para a criança e o adolescente, como também o meio e o método para chegar à plena iniciação cristã, através do testemunho (cf. CT, 51).

Esta catequese inicial tem como objectivo a primeira síntese de fé, transmitindo à criança/adolescente a fé que a Igreja confessa, celebra vive e ora, tudo isto na comunidade e com o dever de dar testemunho (DGC 85-87). Por isto, esta catequese é didáctica, mas visando o testemunho de fé que a criança é chamada a dar. Mas, não podemos esquecer, a criança, alcança este “amadurecimento” da fé de acordo com a sua idade e psicologia e regra geral, suportada e alimentada na fé dos adultos. Por isso, ao avaliarmos a progressão vivencial da fé da criança, temos de a confrontar, conseqüentemente, com o testemunho de fé que ela recebe, ou não, daqueles que terão de ser para ela referência: pais, catequistas, comunidade cristã e não podemos esquecer, a pessoa do sacerdote, que em muito pode ajudar ou não para o sucesso da caminhada cristã da(s) criança(s)/adolescente(s).

Para isso, devem também ser transmitidos todos os principais mistérios da fé (pois é Deus quem chama e conduz) e as suas repercussões na vida da criança.

Esta etapa catequética, segundo o DGC 178, deve proporcionar uma síntese elementar da História da Salvação e um contacto (amoroso e atractivo) com a Sagrada Escritura, deve também possibilitar que a criança seja capaz de levar uma vida de oração, quer pessoal quer comunitária. Que saiba participar nos sacramentos, nomeadamente a Eucaristia, de forma a agir activa e frutuosamente vinculando a sua vida a Cristo e, que, por isso, assuma opções concretas, conforme a fé.

Porque é eminentemente educativa, a catequese da infância deve preocupar-se por desenvolver aqueles recursos humanos que formam o substrato antropológico da vida cristã: são eles o sentido da confiança, da gratuidade, o dom de si mesmo e a participação alegre na vida de fé.

A catequese de iniciação não tem como objectivo a mera preparação para os sacramentos, mas sim promover que realizem um itinerário pessoal de vida cristã, no qual se inserem os sacramentos como momentos fortes de maturidade cristã; do crescimento da fé.

Reforço: os sacramentos, são, sim, momentos fortes da maturidade cristã que a criança vai alcançando.

A catequese que dá sentido aos sacramentos possibilita também que eles sejam vividos numa dimensão vital. Por isso, a verdadeira catequese não se fica apenas na dimensão do conhecimento (cognitivo), antes impregna toda a vida da criança, todas as suas dimensões e capacidades, levando-a a viver, com alegria a sua opção por Cristo, dando testemunho dele no meio em que vive, pois, a sua vida agora gira não só em torno da família, mas também no ambiente da escola: dois ambientes educativos vitais onde ela se vai mover como cristã comprometida.

A catequese familiar, na sua essência, é insubstituível, pois é aí que se pode verificar aquele ambiente acolhedor positivo onde, pelo testemunho amoroso e comprometido dos adultos se pode fazer a primeira sensibilização explícita e prática da fé.

Ouvir falar de Jesus, o amigo maravilhoso, sentada no regaço dos pais...e ao longo dos primeiros anos da sua pequena vida, é bem mais incisivo e marcante que ouvir, tantas vezes, pela primeira vez, e por volta dos 6 anos, sentados nas cadeiras de uma sala... e infelizmente, para tantas crianças, raramente mais que uma vez por semana...

É, portanto, à família que cabe a missão do despertar religioso, mas todos sabemos que isso nem sempre acontece, pelo que ao darmos início à catequese na paróquia, se deve ter em especial atenção aqueles que não tiveram o despertar religioso, para que, com tacto e delicadeza, a comunidade paroquial, sobretudo nas pessoas dos seus responsáveis mais directos, nomeadamente pároco e catequistas, saiba tratar convenientemente cada caso que, como é óbvio, deve merecer um cuidado, um tratamento especial.

Não posso deixar aqui de referir um cuidado em que tantas vezes penso e procuro pôr em prática na minha vida de catequista e muitas vezes o

mencionei publicamente, a respeito do despertar religioso: nos primeiros anos de catequese a criança precisa de encontrar no coração, palavras, gestos e no sorriso e compreensão do catequista essa “espécie de colo”, que as cativa para Jesus e para Deus Criador e Pai. A criança tem uma capacidade enorme de se maravilhar – porque ela, em si mesma é maravilhosa e porque não dizer radiosa – irradia confiança ilimitada; ela crê naturalmente... É, portanto, no “colo do coração” que esta adesão a Jesus – que a acolhe no seu coração – se processa e ganha consistência. Ainda que no desenrolar do tempo venham fortes tempestades... a semente que assim fica no coração da criança, mais cedo para umas, mais tarde para outras, dará fruto... E veremos, com alegria, muitas vezes, os nossos catequizandos a aprender a lição do Mestre, e por isso, ainda que em determinado período de inconstância ou de crise, ergam a casa, sobre a areia, na “hora de Deus” a casa querida e apetecida será sempre a que a Palavra, primariamente ergueu: “a casa sobre a rocha”.

A catequese da infância, e porque são crianças, mais que promover a síntese da fé, deve sim promover a conversão, a adesão, portanto, sobretudo ao fazer o despertar religioso a grande e primeira preocupação dos educadores da fé terá de ser a de lançar, criar e fazer fortificar sólidos alicerces.

Infelizmente, constata-se com tristeza, que a iniciação cristã não inicia fortemente na experiência da fé.

O problema não é do processo em si, ou desta ou daquela diocese, mas de todos. Todos procuramos descobrir as causas para criar soluções. Impõe-se repensar a iniciação cristã, com horizontes mais amplos, não nos fechando em rituais nem nas celebrações, seja da Primeira Comunhão, Festa da Fé, Confirmação... como se tudo fosse uma meta a alcançar e “terminasse” ali...

O itinerário para o crescimento da fé das crianças, passa, terá de passar necessariamente, por uma sólida catequese de adultos, que vá ao encontro das circunstâncias das suas vidas: noivos, jovens esposos, pais, avós, etc.

E quem “disse”, por exemplo que as crianças, em idade de catequese têm de fazer a primeira comunhão (todas) no terceiro ano de catequese, segundo o itinerário de catequese actual. Se tivermos em conta o processo de

acompanhamento dos pais e o conseqüente despertar religioso, provavelmente algumas poderão fazer mais cedo e outras (quem sabe, a maioria) só, talvez mais tarde, ou até muito mais tarde.

De uma coisa estou certa, seja para que idade for, e em que momento for da vida: Quem chama é o Senhor, quem ama é o Senhor, quem conduz os nossos passos é o Senhor...

Quanto mais formos objecto deste cuidado amoroso de Deus, em Jesus Cristo, quanto mais experimentarmos a sua salvação na nossa vida, tanto mais seremos testemunhas credíveis que as crianças gostam de escutar.

Um coração grande (cheio de Deus) torna “grandes”, importantes as mais pequenas coisas.

Amemos as nossas crianças, pois é Cristo que as quer amar em nós e demos tempo ao tempo – Jesus, o Mestre deixa-me esta lição: “Dar tempo ao tempo”.

Não faz Ele assim com cada um de nós? Não o fez com cada um dos seus discípulos? Senão recordemos de quanta paciência precisou Jesus para com Pedro.

A vida cristã, não é uma meta alcançada, é um caminho a percorrer naquele que se faz Caminho: “Eu Sou o Caminho, a Verdade e a Vida”.



# A catequese pela arte

EMÍLIA NADAL (\*)

## A arte e as artes

O conceito de *arte* é uma abstracção qualitativa que caracteriza as expressões humanas que atingem um grau superlativo de qualidade estética e de densidade de sentidos.

As artes são linguagens simbólicas e englobantes porque simultaneamente exprimem e comunicam vivências e conceitos particulares e universais, e realidades que são inexplicáveis como o amor e a beleza, o sofrimento e a morte, o sagrado e o eterno. Como metalinguagens, as artes falam ao coração e elevam o espírito às dimensões do Mistério da Transcendência.

Pode ler-se, numa Carta que o Papa João Paulo II dirigiu aos artistas, que *“a arte é, por sua natureza, uma espécie de ponte que leva à experiência religiosa...e uma espécie de apelo ao Mistério”*<sup>1</sup>. Da natureza espiritual e simbólica da arte, deriva a vocação litúrgica e catequética das expressões artísticas, pelo que as artes foram sempre linguagens de excelência para o culto, desde que a humanidade existe, e mediações privilegiadas para a transmissão das crenças e do conhecimento religioso.

Entre as realizações mais elevadas do génio humano, encontram-se as obras de arte destinadas ao culto e de temática religiosa das mais diversas civilizações e culturas. Neste imenso património estão representadas *as artes da palavra*, nos textos sagrados, doutrinários e apologéticos; *as artes do espaço*, nas arquitecturas dos templos; *as artes dos sons*, na música e no canto litúrgico; *as artes plásticas e visuais*, nas representações da pintura e da escultura, do desenho, da iluminura e da ilustração dos textos; e *as artes*

---

(\*) Artista plástica.

<sup>1</sup> “Carta do Papa João Paulo II aos Artistas”, Ed. Paulinas, 1999, p. 22.

*decorativas*, particularmente nos objectos para o culto público e privado. E também as obras de *teatro* e de *no cinema* de inspiração sacra e de temas religiosos.

### **As artes litúrgicas e catequéticas**

Os efeitos da música e das demais linguagens artísticas, no psiquismo e no comportamento das pessoas, nomeadamente nos comportamentos religiosos, eram já conhecidos na antiguidade.

No que se refere aos cultos, os gregos distinguiam particularmente a música que favorecia a espiritualidade e as atitudes de respeito religioso face ao sagrado e à transcendência, dos géneros musicais que favoreciam a distração ou que apenas se dirigiam aos instintos e aos sentidos. Com igual conhecimento, a Igreja foi criando e desenvolvendo as suas artes e as suas próprias linguagens musicais para rodear de beleza e de elevação a celebração dos Santos Mistérios, tendo como finalidade “*a glorificação Deus e a santificação dos fiéis*”<sup>2</sup>.

A capacidade de simbolização das artes encontrou o seu pleno sentido na visibilidade do Mistério da Encarnação do Filho de Deus na natureza humana, e na realidade sacramental da Sua presença na Igreja. As componentes estéticas e simbólicas das linguagens artísticas tornaram-se assim *epifanias* dos Mistérios de Cristo, *expressões e testemunhos* da fé cristã.

No plano das expressões estéticas e artísticas, a catequese e a liturgia são interdependentes, pois dirigem-se à percepção da pessoa na sua totalidade, ou seja, à sua inteligência racional e simbólica e, principalmente, à sua afectividade. A catequese pela arte começa, portanto, na descoberta da *dimensão estética e orante da fé*. Neste sentido, é essencial que as artes da palavra, dos sons e das imagens destinadas à catequese tenham um conteúdo religioso explícito e a vertente espiritual da própria fé; do mesmo modo, as celebrações litúrgicas, nas quais transparecem a verdade, a beleza e a dimensão estética, são *epifanias* reveladoras do Mistério e do sentido espiritual da fé cristã.

---

<sup>2</sup> Concílio Vaticano II, “Constituição da Sagrada Liturgia”, nº 112.



Pode concluir-se que a integração da vertente estético-simbólica na catequese conduz à *pedagogia da fé* ao passo que a lacuna destas componentes reduz a catequese à transmissão de conteúdos racionais ou mais ou menos sentimentais.

Nas linguagens que intervêm nas celebrações, integraram-se as artes abstractas da música e da arquitectura e as artes figurativas que dão matéria e visibilidade à Palavra de Deus e às simbólicas que percorrem o Antigo e o Novo Testamento. Simbólicas que revivem e se fazem explícitas na matéria dos sacramentos, nos gestos e nas palavras que acompanham os ritos e as celebrações.

### **A representação da imagem cristã**

A representação das imagens foi solenemente assumida pela Igreja no sec. VIII, como afirmação de fé no Mistério da Encarnação<sup>3</sup>. A imagem de Jesus foi entendida como uma evocação sacramental e litúrgica, ou seja, como mediação eficaz para oração, na relação pessoal do crente e das comunidades com Aquele cujo Mistério é evocado na imagem-ícone.

As representações dos episódios bíblicos e dos ciclos da vida de Jesus e de Nossa Senhora, e as representações simbólicas dos mistérios da salvação, nas artes visuais, foram comparadas pelos Padres da Igreja à *pregação que conduz à fé*. Tal exigiu que as imagens, sendo textos visuais, correspondessem fielmente aos textos escritos; era a *bíblia dos pobres* que, através das cenas representadas dos mosaicos e das pinturas, promovia a interiorização da Palavra de Deus relacionando-a com os sacramentos e com as Festas Litúrgicas.

A exigência de transmitir correctamente os conteúdos da Verdade revelada e da fé da Igreja, ditou as regras e os códigos que deveriam orientar a representação dos símbolos e das imagens, orientações que continuam a ser válidas e em vigor para discernir os temas e os estilos das artes e das imagens que podem, ou não devem, ser utilizadas na catequese dos fieis, sejam adultos ou crianças.

---

<sup>3</sup> II Concílio de Niceia (787).

### **Virtudes e efeitos perversos das imagens na catequese**

A questão das imagens deu origem a muitas controvérsias na Igreja. Sempre existiu a consciência de que a imagem tanto pode ter efeitos positivos na transmissão da fé, como contribuir para a criação de falsos conceitos de Deus e conceitos erróneos da doutrina católica. Esta ambivalência é própria da natureza das imagens, uma ambiguidade que é agravada pelo seu processo de comunicação directa e persuasiva.

Se as imagens são mais acessíveis do que as palavras, elas são interpretadas diferentemente por cada pessoa, consoante a sua cultura e experiências anteriores, as quais condicionam a sua percepção. O fascínio da imagem pode levar à confusão da realidade que ela evoca com a sua representação, o que, na arte cristã, pode induzir à idolatria. Mas também pode conduzir à recusa de Deus e da realidade divina devido às suas representações redutoras.

A capacidade de persuasão da imagem não é apenas subjectiva como tem a virtualidade, ou a agravante, de perdurar na memória. As imagens constituem-se como referências do conhecimento estético e simbólico e, principalmente, afectivo, que orientam e influenciam a percepção das pessoas ao longo da vida, o que pode ser determinante no plano religioso. Nestes termos, é fundamental para o discernimento sobre as imagens a utilizar na catequese, o conhecimento estético e teológico das linguagens visuais, e das ambivalências dos sentidos que elas podem conter e transmitir, sob pena de produzirem efeitos contrários ao que se pretende.

No contexto de uma catequese pela arte, apresentam-se actualmente algumas vias que são complementares e que passam por redescobrir as potencialidades evangelizadoras e catequéticas da liturgia (quando é bem celebrada), e do património de arte religiosa que nos foi legado, integrando-os pró-activamente na catequese das crianças e dos jovens. Outra via importante passa por ajudar as comunidades a saber distinguir a arte religiosa de qualidade, incentivando-as à aceitação das expressões contemporâneas, condição fundamental para motivar os artistas – particularmente os mais jovens – à criação e renovação da arte da Igreja.

## **O património artístico da Igreja na catequese actual**

Pelo que foi referido sobre as potencialidades da arte cristã como expressão da fé da Igreja e epifania dos Mistérios de Cristo, há um vastíssimo campo a explorar a partir do património artístico e religioso existente nas nossas igrejas, nos monumentos religiosos e nos museus. O mesmo se afirma a respeito da música sacra e religiosa que é cada vez mais executada em Festivais de Música nas igrejas e nas salas de concertos, por iniciativa da sociedade civil ou dos próprios artistas.

É fundamental que a Igreja redescubra o valor testemunhal do seu património artístico, pois este é a face mais visível e tangível do seu património espiritual. Porque a grande arte é intemporal, é urgente fazer reviver a linguagem de expressões artísticas que continuam vivas e actuates apesar de terem sido emudecidas durante um século de esquecimento.

É indispensável que os cristãos que se afirmam católicos, e principalmente os que têm a missão de transmitir a fé, reaprendam as linguagens das artes cristãs e conheçam o sentido dos sinais que povoam as suas igrejas. Esta aprendizagem requer uma iniciação e necessita de ser apoiada por pequenos textos ou roteiros, explicando o sentido da arquitectura, do altar, do sacrário, da pia baptismal e de outras peças fundamentais, assim como as iconografias de imagens, azulejos, estuques e pinturas que existam em paróquias e igrejas.

## **As imagens na catequese e nos catecismos**

As representações artísticas e iconográficas das imagens nos manuais da catequese, cuja função deve ser a de amplificar e explicitar o sentido dos textos, influenciam a captação subjectiva do conteúdo teológico e religioso da comunicação que é transmitida pelos catequistas, pelo que são determinantes para a pedagogia da fé. Daqui se infere a dificuldade que rodeia a elaboração de catecismos e de outros materiais de apoio audio-visual, uma responsabilidade que exige competência teológica e artística, clareza de critérios e discernimento espiritual.

A importância da questão deve levar-nos a reflectir sobre as preocupações e as prioridades que têm orientado os responsáveis pelas edições destinadas

às crianças e aos adolescentes, no que respeita aos conteúdos e à qualidade religiosa das imagens e das ilustrações. Ainda que o objectivo a alcançar seja o de conseguir que os materiais a editar tenham qualidade estética e catequética, os critérios de apreciação e os consequentes resultados podem ser muito diferentes.

Admitindo que se estabeleçam, como exigências teóricas, a preocupação pelo acerto teológico e iconográfico das representações; a preocupação pela qualidade estética e artística das imagens; a preocupação pela sua qualidade litúrgica, e a preocupação pela sua adequação à idade psicológica dos destinatários, verifica-se, na prática, que aquelas preocupações podem ser hierarquizadas segundo conceitos e prioridades. Estes conduzem a desequilíbrios graves quando sobrevalorizam uma vertente e subvalorizam outras, fragilizando a percepção do mistério de Cristo pelos destinatários dos materiais pedagógicos.

Os materiais marcados pela qualidade artística e pela clareza iconográfica, e que transmitem uma visão amadurecida da fé, perduram na memória das crianças e dos jovens como referências importantes para a sua relação com Deus, na idade adulta. Têm efeitos contrários as ilustrações fantasiosas e as imagens objectivamente desviantes, assim como as representações sem densidade artística e teológica que ignoram os modelos da arte cristã.

No que se refere à catequese das crianças, consideram-se redutoras as ilustrações infantilizadas e as representações abonecadas de Jesus. Não se devem confundir catecismos com vulgares livros infantis, transferindo visualmente os Mistérios de Cristo e a História da Salvação para o plano dos contos morais e para o nível das *estórias*. Dada a sua insuficiência e fragilidade, estas imagens podem ficar associadas a uma fé infantil que dificilmente ultrapassa a fase da adolescência.

Na catequese dos jovens destacam-se, pelas consequências negativas, as imagens de Cristo *new age* e as do imaginário da ficção científica que actualmente povoam a informação religiosa dos adolescentes. Demonstram-no grande número de desenhos e de pinturas que concorrem a exposições de temática religiosa destinadas a jovens artistas, organizadas pelo Santuário de Fátima e outras entidades. São iniciativas que integram júris da especialidade e que são simultaneamente pastorais e catequéticas, porque desafiam os

jovens a conhecer e a interiorizar os textos bíblicos que lhes são oferecidos, e a procurar as referências religiosas, estéticas e iconográficas nos livros de História da Arte e na Internet, assim como em igrejas onde nunca tinham entrado.

A catequese através da arte e das boas imagens é sempre motivadora, como poderá ser particularmente motivador o envolvimento dos adolescentes e dos jovens na criação dos próprios materiais, orientando-os para a *missão* no discernimento para a recolha dos textos, das imagens e das linguagens correctas para comunicar a fé, recorrendo às tecnologias que eles utilizam e dominam.

### **Conclusões**

A pedagogia da fé requer as linguagens do espírito e da alma na liturgia e na catequese. Expressão e testemunho da fé cristã, o património artístico da Igreja transmite imagens com grande poder de comunicação subjectiva e espiritual. As artes actuam positivamente na catequese quando as suas formas e linguagens têm densidade teológica e litúrgica, e quando as imagens correspondem aos modelos iconográficos da representação de Jesus Cristo e dos seus Mistérios, na tradução dos textos sagrados e dos conteúdos da fé.

A catequese pelas artes implica uma iniciação. É urgente proporcionar uma formação mais completa a quem ensina e a quem é ensinado, recorrendo a especialistas nas disciplinas das artes e da liturgia para acções de formação dos catequistas e de outros agentes.

O objectivo evangelizador da arte sacra e religiosa dirige-se a todos, aos crentes e aos descrentes. As imagens que exprimem correctamente a fé cristã podem ser naturalmente recebidas pelas crianças desde a mais tenra idade, constituindo-se como parte integrante da iniciação à fé, e como referências basilares para a experiência religiosa.

As crianças e os jovens são sensíveis à verdade e à beleza das linguagens da fé e das artes, entendendo-as progressivamente e a seu modo. A qualidade artística e a densidade espiritual não são inimigas da simplicidade. Os manuais da catequese não podem ser herméticos nem devem ceder a conceitos de acessibilidade que impõem o imediatismo e a facilidade; devem integrar a

*A catequese pela arte*

dimensão da transcendência e do religioso, evitando os planos do moralismo sentimental, da abstracção religiosa e, principalmente, propondo uma ruptura nos modelos da banalidade.

# Estudios





# O Catecumenado e a renovação da educação cristã

D. MANUEL MADUREIRA DIAS (\*)

## *Introdução*

A Igreja sempre considerou necessária uma preparação para a celebração dos sacramentos. Não utilizou os sempre, os mesmos métodos e a mesma pedagogia, no entanto, sempre teve uma maior ou menor exigência de fé, servindo-se das metodologias consideradas mais adaptadas para cada época histórica.

A consciência do que significa ser cristão, nos tempos que correm, devido ao arrefecimento da fé e à diminuição da cultura cristã, leva-nos a procurar, também hoje, o método pedagógico mais adequado à nossa situação, nas presentes circunstâncias. Nesta era de neo-paganismo, em que proliferam os costumes pagãos e o alheamento, mais ou menos consciente, dos valores da verdade evangélica, existem muitas formas possíveis de formação cristã. Mas a metodologia catecumenal, outrora usada, com tão bons frutos, afigura-se cada vez mais adaptada ao tempo presente e por isso é vivamente recomendada pela Igreja da actualidade.

Também eu estou, pessoalmente, convencido que o método catecumenal é, de novo, hoje, o mais adequado. Refiro-me ao percurso e ao método, e não à mensagem que devemos anunciar, porque esta, há que dizê-lo, é hoje a mesma de ontem e de sempre; os destinatários são diferentes uns dos outros; as situações de vida que importa iluminar, são distintas; os formadores têm preparações diversificadas; os subsídios formativos podem ser uns mais apropriados que outros.

A descristianização dos nossos dias é um facto tangível e incontestado. Todos sentimos que não é fácil ser cristão no meio dum mundo debruçado sobre si mesmo, indiferente a Deus, alérgico à Igreja e fomentador de

---

(\*) Bispo emérito.

comportamentos marginais ao Evangelho. Por outro lado, a proposta de fé da Igreja é cada vez mais uma proposta no meio de muitas outras. Impõe-se, por isso, uma sólida formação na fé para podermos saber o porquê da nossa esperança. Situados no limiar duma nova fase da vida da Igreja, impõe-se que a formação dos crentes contribua para que os cristãos possam passar, sem sobressaltos, de um regime de cristandade para uma era de missão.

A Igreja, voltada para o seu ministério evangelizador, reclama o catecumenado como forma de introduzir os catecúmenos na fé cristã. Por isso, também considera a recuperação do Catecumenado, à imagem do que se fazia na Igreja primitiva, como absolutamente útil e apto para a evangelização dos homens deste tempo.

Analogamente ao catecumenado propriamente dito, podemos e devemos, com as devidas adaptações, usar uma metodologia catecumenal, para dar formação, mesmo aos que já receberam o Baptismo e não adquiriram formação suficiente para viverem o Evangelho em sentido pleno. De facto, o catecumenado propriamente dito, foi e é um processo bem definido para o caso dos adultos que, estando por baptizar, querem aderir pela fé ao mistério de Jesus Cristo, pela mediação da Igreja.

Toda a formação verdadeiramente cristã, seja qual for o nível etário dos seus destinatários, deveria, por isso mesmo, ser ministrada em regime catecumenal e com uma metodologia semelhante à do catecumenado.

## **1. Metodologia catecumenal**

### **1.1. Noções fundamentais**

***O catecumenado em geral*** é um *processo ou itinerário de fé*, feito em grupo (comunitariamente), prolongado por um tempo necessário ao amadurecimento duma opção sólida de fé e de vida cristã, constituído por diversas fases e expresso em gestos rituais. Pretende-se com ele promover uma educação na vida cristã, através da conversão do coração, do despertar de respostas interiores aos apelos do Espírito e do compromisso radical de vida, identificada com a Pessoa de Cristo e o seu Evangelho.

São três os seus grandes objectivos da pedagogia catecumenal:

Ajudar no amadurecimento da fé e na conversão pessoal ao essencial do mistério cristão.

Contribuir para a transformação da vida em Cristo, por uma mudança efectiva do proceder humano, expresso em novas atitudes comportamentais.

Inserir os seus destinatários no mistério da Igreja e identificá-los com a sua natureza e missão.

Visto no seu conjunto, o catecumenado abarca as seguintes fases:

- Pré-catecumenado.
- Catecumenado propriamente dito.
- Purificação, Iluminação e Celebração sacramental.
- Mistagogia.<sup>1</sup>

### **Processo ou itinerário de fé, feito em grupo**

Trata-se duma experiência de vida em comunidade e com uma comunidade. Por isso, há-de fazer-se em grupo, para que os formandos (catecúmenos ou não, experimentem o apoio e a ajuda fraterna e aprendam a ser testemunhas uns para os outros, estimulando-se mutuamente no aprofundamento da fé e na prática de uma vida evangélica.

Mas, além do grupo que faz esse percurso comum, há uma outra dimensão relacional comunitária com a comunidade cristã local mais alargada, a qual é insubstituível. Importa saber valorizar esta relação durante todo o processo catecumenal.

A entrada plena, na comunidade dos fiéis, é uma espécie de ponto de chegada, para atingir o qual, os catecúmenos prosseguem no caminho catecumenal até aos sacramentos da fé. Por isso mesmo, esta, a fé, não pode deixar de marcar uma presença viva e actuante no itinerário catecumenal, testemunhada e vivida na comunidade mais alargada.

### **Processo de educação e formação da fé**

Para que o catecúmeno ou qualquer outro formando se deixe educar e formar segundo os conteúdos da fé cristã, há-de, antes de mais, abrir o coração a Cristo, aceitando-o como Mestre (verdade), Guia (caminho) e Vida. Isso levá-lo-á à descoberta do que Deus lhe pede, e a dar a resposta interior e exterior aos apelos divinos na contínua docilidade aos impulsos do Espírito Santo que sempre acompanham o esforço de uma mudança interior. Mas exige-se também que o educando assuma um compromisso de vida que o identifique com a Pessoa de Cristo e com as exigências do Evangelho por Ele revelado.

---

<sup>1</sup> Adiante, dir-se-á uma palavra, sobre cada uma destas fases.

Quaisquer que sejam os conteúdos doutrinários cristãos, ministrados, durante o processo formativo, o que importa obter é esta educação e formação que tenha como resultado final, levar o formando às opções por uma vida verdadeiramente cristã.

### ***Processo feito por fases e expresso em gestos rituais***

As diversas fases deste itinerário não constam apenas de conteúdos doutrinários ou sessões de formação doutrinária. Estas nem deverão ser meras lições de “doutrina”. Não-de ser permanentemente entretecidas com oração interiorizante e responsabilização vivencial.

Mas, mesmo assim, e apesar disso, o processo catecumenal entrelaça as diversas fases com frequentes celebrações da fé, por meio de expressões rituais apropriadas, sobretudo nas mudanças de uma para a outra fase do processo. Os sinais, a simbologia em geral, fazem parte do catecumenado e tornam-se expressão de fé e de vida, aproximação do mistério, concretização das aspirações mais profundas do coração humano. O homem não é só inteligência e memória. Também é afecto, emoção, sensibilidade. A formação não se comunica apenas por palavras ou discursos.

### ***Processo vivencial que leva ao compromisso de vida***

O catecumenado tem como objectivo principal conduzir o catecúmeno à experiência da vida com Deus, no Espírito. Tal experiência é vivencial, é algo que acontece no interior da pessoa, no mais profundo de si mesma. Não pretende, contudo, nem quer fomentar intimismos. Pretende ajudar a criar uma intimidade com Deus, no interior de cada um, para que o cristão, bem preparado na fé, possa, daí, arrancar para uma transformação do mundo.

Deus é quem converte e transforma o coração. Mas nós temos de cooperar com a acção de Deus, utilizando os meios ao nosso alcance para acolher e pôr em prática os seus sinais e os apelos. O catecumenado é um processo onde alguns desses meios são facilitados aos formandos. Por isso, não pode haver verdadeiro *catecumenado* sem uma verdadeira *experiência de oração*.

No decurso de todo este itinerário de fé, nos primeiros séculos da Igreja, exigia-se uma verdadeira mudança de comportamentos aos que entravam no processo catecumenal. O mundo ambiente era pagão e as perseguições aos fiéis eram frequentes e violentas. Era necessário ter “força” e “convicção” para permanecer firme na opção de vida evangélica.

Por isso, os catecúmenos eram sujeitos a um juízo da comunidade antes de lhes serem concedidos os dons dos sacramentos. Daí a razão pela qual eram “eleitos” somente após vários “escrutínios”.

Para se ser cristão autêntico é indispensável aceitar as “regras do jogo” pelas quais a Igreja se rege na sequência dos apelos do Evangelho.

Estas exigências de tipo catecumenal são válidas, hoje também. Não se trata duma mera observância de regras, ou de seguir uma determinada estrutura formativa. O que se procura é uma vida que, partindo dos apelos evangélicos, com a ajuda de Deus e o esforço humano, se vai identificando com o que agrada a Deus, não obstante os critérios e valores mundanos pelos quais muitos homens e mulheres se regem, graças ao ambiente que respiram na sua na vida quotidiana.

## **1.2. Diversas fases do catecumenado**

### *Primeira fase: “Pré-catecumenado”*

#### **Objectivos do pré-catecumenado**

1. Purificar as motivações que levam os “catecúmenos” ou outros formandos a querer viver uma experiência deste tipo;
2. Facilitar-lhes uma opção por um Cristianismo exigente, feita em liberdade plena e pessoal;
3. Despertar neles as atitudes mais aptas para uma experiência catecumenal levada a sério, onde a sinceridade, abertura, interesse, seriedade, constância encontrem o ambiente apropriado.

#### **Pedagogia do pré-catecumenado**

- a - Encontro(s) pessoal(ais), nos quais se cultive um bom acolhimento e se esclareçam as exigências e os objectivos do catecumenado, em ordem a ajudar a rectificar algumas das intenções pessoais. Nem sempre as intenções com que se começa um processo catecumenal são totalmente puras e rectas.
- b - Encontros comunitários, com todos os candidatos. Tais encontros deverão ajudar a: esclarecer os objectivos deste processo; iniciar na sua dinâmica; criar espaços e momentos de oração; preparar esse grande grupo (se for o caso) para uma futura divisão em grupos menores (10 a 15) para a fase do catecumenado, propriamente dito, se isso vier a ser justificável.

c - Ritos no final desta fase do pré-catecumenado:

*Inscrição do nome no grupo* da fase catecumenal a que cada um irá pertencer. Com a presença dos interessados de cada grupo, dos respectivos catequistas e sacerdote(s), faz-se um encontro.

*Cada candidato leva por escrito os compromissos* que vai assumir com os outros membros do grupo, apresentando as motivações e os desejos pessoais; cada um apresenta-se e lê o que leva escrito; assina o seu compromisso perante os outros; os compromissos de todos são guardados na pasta do respectivo grupo mais pequeno.

d - Ritos na entrada na fase seguinte - o “catecumenado”

*Este rito faz-se perante uma comunidade alargada:* pais, padrinhos, grupos de crismados, outras pessoas interessadas da comunidade paroquial.

Desenvolve-se no interior duma Celebração da Palavra, do modo seguinte ou outro semelhante: leituras apropriadas e homilia; apresentação dos candidatos; comunicação de um candidato, ora admitido, na qual ele exprima, em nome de todos, as motivações que os levam a percorrer este itinerário; entrega da Bíblia; oração universal; Pai nosso; acção de graças e despedida.

#### *Segunda fase: Catecumenado propriamente dito*

A fase mais longa do processo catecumenal é o catecumenado propriamente dito, ou seja, o tempo em que é ministrada a catequese, acompanhada de oração, integração na comunidade e as diversas celebrações rituais.

#### **Objectivos do “catecumenado”**

1. Ajudar a amadurecer a fé e a conversão do coração pelo confronto com os aspectos essenciais do mistério cristão, ministrados nas sessões de formação.
2. Transformar progressivamente a própria vida em Cristo, por um esforço de identificação com a vida cristã, através da própria experiência vivida, na docilidade aos impulsos do Espírito feita e cultivada em clima de oração.
3. Levar os catecúmenos (ou outros formandos) a participar em actividades eclesiais, estabelecendo contactos com testemunhos vivos de fé e com outros grupos no interior da Igreja, de forma a deixarem-se iniciar também, na actividade caritativa e missionária da comunidade cristã.

### ***Tempos de formação catecumenal***

Deverá organizar-se a formação por conjuntos doutrinários, fazendo culminar cada um desses conjuntos, com uma celebração enquadrada no tempo litúrgico. É desejável, recomendável que nunca esqueça a temática da responsabilização no interior da Igreja: a fé comprova-se pelas obras, no interior da comunidade cristã; e no empenho na transformação do mundo; pelo testemunho da esperança do futuro e da caridade no presente.

### ***Celebrações e gestos rituais no decorrer desta fase***

Deverão prever-se diversas pequenas celebrações, uma no final de cada conjunto que integram os tempos de formação da fase “catecumenal», como se refere acima”. Indica-se, como desejável, que haja três tempos dentro desta fase.

*1º No fim dum primeiro tempo* os diversos grupos deveriam fazer um dia de encontro/convívio, no qual sejam convidados:

- *a fazer uma revisão* sobre *conteúdos* catequéticos desenvolvidos e assimilados, mudanças de vida mais significativas, progressos na oração e na inserção na vida da Igreja, experiências na escuta do Espírito Santo;
- *a partilhar essa revisão* com os outros grupos, num convívio de conjunto com todos os catecúmenos, no caso de haver vários grupos;
- *a celebrar na alegria do Espírito* a experiência deste primeiro tempo.

*2º No fim do segundo tempo far-se-ia uma revisão, nos moldes do anterior*

*3º No fim do terceiro tempo*, que coincide com o termo da fase “catecumenal” propriamente dita, deverá ser assinalado por dois gestos, para além da celebração prevista, apropriada.

- Cada grupo é convidado a fazer um **dia de retiro/escrutínio**. Confrontados com o que se propuseram fazer no início deste itinerário catecumenal, cada candidato é ajudado pela Palavra de Deus e pelas sugestões do formador e do sacerdote a confrontar-se a si mesmo, perante os outros, quanto ao seu aproveitamento e, conseqüente-mente, ao juízo que faz de si mesmo sobre se deve avançar ou não. Deste modo, todos serão ajudados a decidir se devem ou não ser “eleitos” em ordem à celebração sacramental.

Critérios a ter em conta nesta avaliação:

Participação assídua no percurso catecumenal; progresso na vida de fé; participação na vida da comunidade, especialmente na Eucaristia dominical; desempenho interessado em eventuais responsabilidades comunitárias... etc.

### ***Admissão aos sacramentos da Iniciação***

No decurso de uma celebração da Palavra, em que participarão todos os candidatos dos diversos grupos, aceites para a celebração dos sacramentos, e os seus formadores, sob a presidência do Pároco, será celebrado o *rito da admissão* a que poderão e deverão associar-se outros membros da comunidade paroquial.

Esta celebração da Palavra está prevista no Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos, que pode ser adaptada a grupos de formandos já baptizados.

### ***Terceira fase: Purificação, Iluminação e Celebração sacramental***

#### ***Objectivos desta fase***

1. Fazer a identificação duma verdadeira vida de fé cristã;
2. Intensificar e aprofundar a vida de oração;
3. Captar o significado dos símbolos sacramentais;
4. Preparar proximamente os sacramentos.

#### ***As catequeses nesta fase***

São centradas nos sacramentos da Iniciação, (no caso dos catecúmenos), nos seus símbolos e no acontecimento da Páscoa e do Pentecostes.

Devem ser acompanhadas, se possível, *pelos padrinhos* que darão testemunho sobre a vida dos afillhados; por outros jovens, já iniciados, que darão o testemunho da sua vida cristã após a recepção dos sacramentos.

***Aconselha-se que preparação imediata dos sacramentos se faça através:***

- de um dia de retiro, passado em oração;
- da celebração da penitência, com ou sem sacramento, conforme os casos;
- da explicação da liturgia dos sacramentos.



### **A celebração dos sacramentos**

- Seja uma celebração festiva e comunitária que se torne verdadeiro “memorial” da Páscoa de Cristo e do Pentecostes;
- Seja um grande encontro dos neófitos com toda a comunidade cristã.
- Na caso de cristãos já batizados, seja uma grande festa, centrada no amor de Deus, celebrado pela via dos sacramentos.

#### *Quarta fase: Mistagogia*

Numa comunidade adulta na fé, a meta sacramental de todo o processo iniciático é a Eucaristia. É, pois, em ordem à Eucaristia celebrada na comunidade dos fiéis cristãos que deverá situar-se o tempo da mistagogia daqueles que fizeram o “Catecumenado»

Dá-se aqui uma sugestão sobre esta quarta fase, no caso dos neófitos:

Durante a semana que se segue à celebração dos Sacramentos, os neófitos deverão reunir-se com os respectivos catequistas, em ordem a programarem a sua intervenção visível numa Eucaristia para toda a comunidade.

Oito dias após os Sacramentos da Iniciação, na Missa mais significativa para a comunidade (a Missa paroquial), os neófitos serão convidados a intervir do seguinte modo:

- explicam aos membros da comunidade o sentido da sua participação naquela Eucaristia;
- exprimem, por breves palavras, como se sentem comprometidos, de forma nova, para colaborar na Eucaristia de toda a comunidade;
- nesse Domingo (nesse dia) desempenhariam eles os diversos ministérios;
- no fim fariam o anúncio da sua vontade em continuar a amadurecer na fé, solicitando o apoio da comunidade; e anunciam, aos presentes, as tarefas comunitárias que se comprometem a desempenhar, em todas as áreas da vida cristã, a partir desse momento.
- Coisa semelhante poderá ser feita, com os que já tinham sido batizados e que fizeram, agora, uma caminhada de fé, à semelhança do catecumenado.

## 2. Para uma formação religiosa renovada

João Paulo II, no seu diagnóstico sobre a situação religiosa da Europa dos nossos dias, escreveu: «*Muitos baptizados vivem como se Cristo não existisse; para muita gente, as grandes certezas da fé foram substituídas por um sentimento religioso, vazio e pouco empenhativo; difundem-se várias formas de agnosticismo e de ateísmo prático que concorrem para agravar a divergência entre a fé e a vida; os grandes valores, que inspiraram a cultura europeia, foram separados do Evangelho*»<sup>2</sup>.

Diante de um tal panorama, nós, os cristãos, não podemos limitar-nos a deixar correr esta enxurrada vinda da corrente indiferente ao Evangelho. E a primeira pergunta que nos assalta é esta: que fazer, diante de tal situação?

O Sumo Pontífice não hesita em afirmar a necessidade de um novo anúncio evangélico, renovado, não só para os que estão por baptizar, mas mesmo para aqueles que, não obstante o Baptismo, nunca fizeram uma verdadeira iniciação ao Cristianismo ou já dele se desligaram pelos mais variados motivos<sup>3</sup>.

Estamos, de facto, perante um grande desafio pastoral que consiste, como diz o mesmo Papa «não tanto em baptizar os novos convertidos, mas em levar os baptizados a converterem-se a Cristo e ao seu Evangelho».<sup>4</sup>

Urge, conseqüentemente, que todos os Responsáveis pela missão evangelizadora da Igreja, invistam cada vez mais numa sólida formação daqueles que, estando por baptizar, são acolhidos pela Igreja e introduzidos num processo e num ritmo de preparação para os sacramentos da Iniciação cristã, que dá pelo nome de Catecumenado, segundo as determinações da Santa Sé. Mas, urge, igualmente, que ensaiem novas formas de formação que nos ajudem a contribuir, de modo eficaz, para uma formação séria daqueles que, estando baptizados, carecem de uma verdadeira introdução no mistério da fé em Cristo. Sem sermos escravos de qualquer método, podemos, e, talvez, devamos privilegiar uma exigente catequese de adultos, segundo o centenário modelo do Catecumenado, tão recomendado pela Igreja, mesmo para aqueles que já foram baptizados.

---

<sup>2</sup> *Ecclesia in Europa*, 47.

<sup>3</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>4</sup> *Ibidem*.

## 2.1. Catequese de «tipo» catecumenal

A catequese, em todos os graus etários, mas, principalmente, quando se trata de adultos, deveria ser assumida como uma das actividades principais da vida da Igreja, no exercício da sua missão profética. Quando falamos de Catequese, falamos de uma forma específica de formação na fé tendo em conta que não é, exactamente, o mesmo, catequizar catecúmenos e catequizar baptizados, será bom que tenhamos presente a orientação que nos é dada no Directório Geral de Catequese, onde se afirma: «A Catequese dos adultos deve assumir cada vez mais uma importância prioritária. Trata-se de promover uma catequese pós-baptismal, através de uma proposta posterior, de certos conteúdos do Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos (RICA), destinados a promover uma maior compreensão e uma vivência das imensas e extraordinárias riquezas e da responsabilidade do baptismo já recebido»<sup>5</sup>.

Efectivamente, o Catecumenado de adultos é o grande modelo formativo que a Igreja cultivou, de modo especial, no meio do mundo romano, paganizado, e que nunca deixou de praticar, sobretudo nas terras chamadas de «missão ad gentes». Este modelo, ainda hoje, segundo o pensamento da Igreja, está cheio de virtualidades e deve ser tido sempre como referência dos nossos processos de formação na fé. O já referido Directório Geral da Catequese não hesita em dizer que o modelo catecumenal deverá ser, também hoje, a fonte inspiradora de toda a acção catequética.<sup>6</sup>

Para ajudar os formadores no uso da metodologia catecumenal, sobretudo na catequese de adultos, saliento, aqui, alguns elementos inspiradores:

- 1º Uma catequese de tipo catecumenal deverá começar sempre por ser uma catequese de iniciação naquilo que é fundamental e imprescindível para vivermos segundo a fé cristã. Quem se propuser fazer uma catequese deste tipo, tenha isso em conta.
- 2º Qualquer catequese, seja ela de que tipo for, é uma acção da Igreja. Com mais razão ainda, quando se trata de uma catequese de tipo catecumenal. Os iniciandos hão-de ser ajudados a tomar consciência da maternidade espiritual da Igreja que deverá expressar-se de muitos modos, por atitudes e gestos simbólicos, que não podem estar ausentes da Catequese.

---

<sup>5</sup> GC.258, (a).

<sup>6</sup> Cf.DGC.90.

- 3º O centro de toda a formação cristã está no coração do mistério pascal. A catequese, de «tipo catecumenal», deverá centrar-se nesse mistério e inspirar-se sempre nele.
- 4º O mistério pascal só foi possível, graças ao mistério da encarnação do Verbo. Neste mistério, diz-nos a fé, o Verbo fez-se homem concreto, nas circunstâncias próprias do ser humano terreno; assumiu o homem, como ele é, com as suas circunstâncias. Como exigência catequética, proveniente deste mistério, os formadores são convidados a fazer um esforço, renovado, no sentido de ajudarem a «incorporação» dos formandos, sejam eles quais forem e qualquer que seja a sua circunstância, na Igreja universal, de forma que, ao serem acolhidos por ela, levem consigo todas as sementes de Evangelho, disseminadas por cada indivíduo e por cada povo.
- 5º Há elementos, próprios da prática catecumenal, que convém ter muito presentes numa catequese de tipo catecumenal ministrada a adultos baptizados. Relevo os seguintes: que a formação seja intensa e integral; seja ministrada em ritmo crescente, de forma gradual, com etapas bem definidas; que exista uma clara vinculação entre as sessões de formação, os ritos e o uso dos símbolos e sinais, especialmente, os bíblicos e os litúrgicos; que se faça, frequente-mente, e de modo constante, uma referência à comunidade cristã mais alargada (a paróquia), e se estabeleçam contactos com ela<sup>7</sup>.
- 6º Dentro da comunidade paroquial, deverão existir alguns pontos de referência, sólidos, aos quais se possa recorrer, a fim de ser possível confrontar os formandos com o testemunho e o exemplo de vida, de um certo núcleo comunitário constituído por cristãos maduros, bem iniciados na fé<sup>8</sup>.
- 7º Não basta esta referência à comunidade paroquial e ao seu núcleo «duro». A catequese, de tipo catecumenal, é uma catequese ministrada em grupo. O grupo ajuda na socialização cristã dos formandos e permite o exercício prático da fraternidade; o grupo contribui para a formação da pessoa que é, essencialmente, um ser em relação; o grupo estimula o diálogo, a partilha e a co-responsabilidade; o grupo encarna, em certa medida, a realidade da natureza e missão da própria Igreja, como Corpo de Cristo, Povo de Deus e Comunhão fraterna.

---

<sup>7</sup> Cf.DGC.91.

<sup>8</sup> Cf.DGC.258 (c).

## 2.2. Uma nova evangelização

O número de adultos por baptizar vai crescendo cada vez mais, mesmo nas chamadas Igrejas de «cristandade», onde, a generalidade das pessoas eram baptizadas em crianças. Duas exigências resultam deste facto: a necessidade de implementar, mesmo nessas Igrejas, o Catecumenado de adultos; e a premência de uma «nova evangelização», que em muitos casos, será mesmo uma «primeira evangelização», como refere João Paulo segundo, na Exortação *Ecclesia in Europa* (46)).

Já Paulo VI, na encíclica *Evangelii Nuntiandi*, se interrogava sobre a necessidade de nos situarmos, face ao mundo de hoje, e à problemática da evangelização. E concluía com três perguntas: 1ª - *O que é que é feito, em nossos dias, daquela **energia escondida** da Boa Nova, susceptível de **impressionar profundamente** a consciência dos homens ?*; 2ª - *Até que ponto e como é que **essa força evangélica** está em condições de transformar verdadeiramente o homem deste nosso século?*; 3ª - ***Quais os métodos** que não-de ser seguidos para proclamar o Evangelho, de molde a que a sua potência possa ser eficaz?*<sup>9</sup> Estas três perguntas iriam, mais tarde, ser tidas como as grandes interrogações a que uma nova evangelização é chamada a responder. Com efeito, a primeira situa-nos numa das qualidades da nova evangelização, o **novo impulso**; a segunda, situa-nos diante do **novo ardor**; e a terceira chama-nos a atenção para o **novo método**.

### **Novo impulso**

Nos nossos tempos, tal como nos demais tempos da História, o que está em causa não é a falta de energia, por parte da Boa Nova. Esta, efectivamente, é a mesma ontem, hoje e sempre. «*A Igreja tem o dever de preservar a sua pureza intangível*»<sup>10</sup>. Mas tem também o dever de a apresentar aos homens do nosso tempo «*de maneira compreensível e persuasiva*».<sup>11</sup> Ora é precisamente aqui que se coloca o problema do **novo impulso e da nova linguagem**.

A linguagem do mundo hodierno não é a mesma do tempo de Jesus de Nazaré. A mensagem, que, hoje, somos chamados a anunciar, é a mesma que Ele anunciou. Mas assim como Jesus soube adaptar a linguagem aos

---

<sup>9</sup> *Evangelii Nuntiandi*, 4.

<sup>10</sup> *Ibidem*, 3.

<sup>11</sup> *Ibidem*, 42.

ouvintes do seu tempo, para fazer passar a Boa Notícia, assim nós somos convidados a fazer o anúncio da mesma Boa Nova, com uma linguagem nova, isto é, adaptada aos nossos ouvintes deste tempo. Mas, quando se fala de linguagem, não se fala apenas de frases e vocábulos; fala-se de todo um conjunto de atitudes, gestos, símbolos que ajudem a penetrar o sentido do que dizemos e a impressionar os ouvintes com a mensagem que anunciamos. Aqui entra o **novo impulso**. Este, portanto, depende não tanto da virtude da Boa Nova, pois essa é sempre eficaz, mas da qualidade do evangelizador que sabe sondar as necessidades dos homens, e se adapta, em cada caso, ao modo mais apropriado, que seja apto para «impressionar» quem escuta. É a **questão da linguagem**.

### ***Novo ardor***

*«A palavra continua a ser sempre actual, sobretudo quando ela for portadora da **força divina**».*<sup>12</sup> Esta força divina, importa dizê-lo uma vez mais, não falta à palavra de Deus; mas pode faltar àqueles que são, por missão, chamados a fazer o seu anúncio. Por isso, para que o Evangelho se torne eficaz nos nossos ouvintes, temos de o fazer eficaz em nós, ou seja, temos de nos deixar evangelizar a nós mesmos, para podermos, com o novo ardor dos evangelizados, fazermos aos outros o seu anúncio.

A Igreja e os que ela envia a anunciar a Boa Nova da salvação exerce um ministério, ou seja, age em nome de Cristo e pela força do seu Espírito. Por isso, os responsáveis pela nova evangelização precisam de *«viver em plena docilidade ao Espírito Santo e deixar-se plasmar interiormente por Ele, para se tornarem cada vez mais semelhantes a Cristo. Não se pode testemunhar Cristo sem espelhar a sua imagem, que é gravada em nós por obra e graça do Espírito»*. Aqui se encontra a fonte do **novo ardor**, tão necessário para a eficácia da pregação. Por isso, João Paulo II insiste, no mesmo local, ora citado: *«é necessário também hoje rezar para que Deus nos conceda o **entusiasmo** para proclamar o Evangelho»*.<sup>13</sup> De facto, como já escrevera Paulo VI: *«Nunca será possível haver evangelização sem a acção do Espírito Santo»*.<sup>14</sup> Mas o **novo ardor** inclui também aquilo a que os documentos da Igreja chamam «caridade apostólica». Quem tem verdadeiro espírito evangelizador vive o *«ardor de Cristo pelas almas e ama a Igreja como Cristo a amou»*.<sup>15</sup> De facto, *«para anunciar a todo o irmão que Deus o ama e que*

---

<sup>12</sup> EN 7, C.S. Rom 10, 17.

<sup>13</sup> *Redemptoris missio*, 87.

<sup>14</sup> *Evangelii Nuntiandi*, 75.

<sup>15</sup> *Redemptoris Missio*.89.

*ele próprio pode amar, o evangelizador terá de usar de caridade para com todos, gastando a vida ao serviço do próximo».*<sup>16</sup>

### **Novo método**

*«As condições da sociedade obrigam-nos a **rever os métodos**, a procurar, por todos os meios ao alcance, e a estudar o modo de fazer chegar ao homem moderno a mensagem cristã».*<sup>17</sup>. Que métodos utilizar, para que o Evangelho se torne eficaz para os homens deste tempo?

Não existem métodos que, por si sós, tornem o Evangelho eficaz. A eficácia do Evangelho não vem do método utilizado, mas da acção íntima que Deus realiza no interior do coração humano. Contudo, como meios, os métodos podem facilitar, em maior ou menor escala, essa interiorização do Evangelho.

Evangelizar é levar aos destinatários uma boa e alegre notícia. Essa feliz e alegre notícia, anunciada por Jesus Cristo, trazia uma mensagem salvadora, que nos vem de Deus que é Pai, ama todos os homens e quer que todos descubram o seu amor. Aí encontrará o homem a sua própria salvação. Para nós, hoje, essa salvação sintetiza-se na pessoa de Jesus Cristo, nosso Salvador, de modo que evangelizar é sinónimo de anunciar Jesus Cristo. Evangelizar é, pois, «*levar a Boa nova de Jesus Cristo a todas as parcelas da humanidade*», para que «*por seu influxo, elas se transformem, a partir de dentro, para que toda a humanidade se torne uma nova humanidade*».<sup>18</sup>. Mas o método mais eficaz de contribuir para que Cristo seduza e arraste consigo todos os homens é o testemunho dos que crêem nele e o anunciam. A evangelização hodierna acontece mais por exemplos do que por palavras. Por isso, aqueles que exercem o ministério da evangelização precisam de estar atentos a alguns **requisitos metodológicos** indispensáveis. Saliem-se os seguintes: **1º**: Quem converte é o Espírito Santo, o primeiro evangelizador. Foi Ele quem transformou os Doze, de dispersos e fugitivos, face ao escândalo da cruz, em irmãos unidos e cheios de coragem e entusiasmo, em dia de Pentecostes. Do mesmo modo, o evangelizador de hoje precisa de estar, cultivar e permanecer na dependência do Espírito Santo, para que o seu ministério ajude a palavra a ser eficaz. Primeiro requisito: a santidade pessoal. Um **2º** requisito ser torna fundamental na acção evangelizadora

---

<sup>16</sup> Ib.

<sup>17</sup> *Evangelii Nuntiandi*, 3

<sup>18</sup> Ib. 18.

da Igreja: o conhecimento, feito experiência, da pessoa de Cristo, nos mistérios da sua Encarnação, Morte e Ressurreição e, simultaneamente, um conhecimento profundo da realidade humana deste tempo. O homem é sempre o destinatário do Evangelho. Mas ele é como é, em meio às circunstâncias que o envolvem. Que influências sofre, que reacções tem perante os valores e as propostas evangélicas, que condições de vida favorecem ou dificultam a sua abertura ao Evangelho...etc. Um 3º requisito metodológico: uso dos meios humanos tecnológicos e simbólicos, julgados mais aptos para veicular a mensagem que se pretende fazer passar.

Finalmente, o **grande requisito** deste novo método será sempre, e antes de tudo, a nossa convicção de fé, o entusiasmo e o ardor com a anunciamos e dela damos testemunho na nossa própria vida, sobretudo, através de um grande amor sincero a Cristo, à Igreja e a cada homem.

### **Conclusão**

Entre outras possíveis conclusões, relevo, de entre o que ficou dito, as seguintes:

1ª O catecumenado, proposto pelo RICA, para os catecúmenos, deverá ser implementado, com exigência e determinação, em ordem à formação sua formação cristã, quer no período de escolaridade, quer na idade adulta.

2ª Urge fomentar, nas nossas comunidades paroquiais ou em unidades de âmbito mais abrangente, sobretudo para grupos de jovens e de adultos, uma séria formação religiosa, sobretudo para aqueles que, tendo sido batizados em crianças, não receberam uma verdadeira iniciação na fé cristã. Propõe-se, como modelo desta formação iniciática, uma metodologia semelhante à que a Igreja propõe para o catecumenado, propriamente dito.

3ª Toda a acção formativa da Igreja, para que seja verdadeiramente eficaz, deverá partir sempre do pressuposto de que existe, por detrás, uma iniciação na fé cristã. Mas, seja qual for o método e o esquema formativo adoptado, há que ter em conta, sem nunca o descurar, o que se segue: - **Atenção à actuação do Espírito Santo**, o único capaz de mudar o coração humano, a partir de dentro. **A referência constante e efectiva à dimensão eclesial** da nossa fé, em Cristo. A Igreja é, com efeito, a mãe em cujo seio somos gerados para a fé, a qual nos alimenta continuamente na adesão, cada vez mais profunda, ao Senhor. Um grande entusiasmo e ardor apostólico em coerência com a Palavra anunciada. Os formadores hão-de testemunhar com a vida o que ensinam por palavras.



## A experiência e a palavra na dinâmica da fé

P. DOMINGOS TERRA, S.J. (\*)

A Igreja não cessa de transmitir a fé cristã às novas gerações. Tem consciência de que esta não é apenas um património que possui. Encara-a como aquilo que ela própria é. Na actividade catequética, a Igreja não dá um dos seus bens; comunica nada menos que o seu ser e o seu viver. A transmissão da fé supõe, assim, o estabelecimento duma comunhão de identidade entre quem a apresenta e quem a acolhe. Ora, a ponte entre ambas as partes não parece fácil hoje em dia. A fragmentação do espaço social dificulta o diálogo entre pessoas e grupos. Também a aceleração do tempo aumenta a distância entre gerações. A catequese que a Igreja oferecia noutros tempos parece já não funcionar. A comunidade eclesial vê-se obrigada a estudar novas formas de comunicação com quem se aproxima do universo da fé. Os fracassos que experimenta na actividade catequética podem mostrar que esta não se ajusta às condições actuais. Mas também é possível que a Igreja às vezes não consiga evitar passar por eles, devido à natureza dessas mesmas condições. Seja como for, a transmissão da fé tem de prosseguir. É com esta preocupação que se procede à reflexão que se segue. Apresenta-se a catequese como um movimento que arranca da comunidade eclesial, passa pela pessoa que se aproxima do universo da fé e desemboca de novo na referida comunidade. É de esperar que o clima da vida eclesial suscite uma experiência individual de descoberta de Deus. Esta deve procurar depois uma expressão que, reflectindo a carne da existência donde brota, condiga com a linguagem da fé que circula na Igreja.

---

(\*) Sacerdote da Companhia de Jesus; Licenciado em Teologia na Jesuit School of Theology, Univ Berkeley, California; Doutorado em Teologia Fundamental no Centre Sévres - Faculte Jésuites de Paris, em 2003; Ensina Teologia Fundamental e Teologia Espiritual na Faculdade de Teologia da UCP em Lisboa.

## **1. Um banho de significações**

### O papel da comunidade eclesial

A catequese não deve ser vista como uma acção à parte no quadro da Igreja. Não pode ser tida como responsabilidade exclusiva de alguns. Convém perceber que o sucesso da catequese não depende só dos pais dos que a recebem. Também não se deve apenas àqueles que se especializaram nessa missão eclesial. O Directório Geral para a Catequese parece ter consciência disso. Considera que esta é um serviço pelo qual «toda a comunidade cristã deve sentir-se responsável»<sup>1</sup>. Trata-se de afirmar um princípio. Se transmitir a fé significa dar a conhecer a outros o que a Igreja é e vive, toda esta deve mostrar essa preocupação. Mas a atmosfera cultural de rarefacção da realidade cristã em que vivemos dá ainda mais força a tal princípio. Faz dele um imperativo incontornável. É provável que as acções individuais disseminadas se revelem pouco capazes de inculcar a fé no coração de quem dela se aproxima. Torna-se necessário criar um clima colectivo, através do empenho de quantos integram o conjunto eclesial. Dificilmente a catequese produzirá frutos, se tal não acontecer. A fé cristã ganhará força de impacto, se tiver um empreendimento de carácter massivo como suporte. É claro que a própria comunidade eclesial se deve deixar catequizar, para responder a este novo desafio que lhe é colocado. Do investimento que fizer na formação de si própria vai depender o que tem para dar aos outros.

Convém realçar, contudo, que os membros da Igreja não têm todos o mesmo grau de responsabilidade pela tarefa catequética. Há uns mais directamente implicados do que outros. Assim, é legítimo considerar os pais como os primeiros responsáveis pela formação cristã dos filhos. Têm contacto imediato com o espaço onde se quer que a fé desponte. Daí que, muitas vezes, se os critique por não desempenharem devidamente o papel que deles se espera. Mas esta responsabilidade dos pais merece um exame mais cuidado. Pode ser-se injusto com a acusação que se lhes lança. Não é de excluir que eles próprios careçam do que se lhes pede. É possível que também necessitem de catequese. Nesse caso, não adianta exigir-lhes o que não têm para dar<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Congregação para o Clero, *Directório Geral para a Catequese*, 1997, nº 219.

<sup>2</sup> Denis VILLEPELET- *L'avenir de la catéchèse*, Paris, Les Éditions de l'Atelier / Les Éditions Ouvrières, 2003, pp. 127-128.

## A catequese como iniciação

A catequese não pode ser pensada apenas como um ensino ou uma aprendizagem. Não consiste só em transmitir conhecimentos ou inculcar práticas. Deve ser concebida como iniciação a uma nova forma de existência. Trata-se dum processo integral, contínuo e progressivo<sup>3</sup>. Deve agarrar a pessoa em todo o seu ser e fazê-la passar por um caminho, mais ou menos prolongado, em que se procede por etapas. A iniciação implica verdadeiro renascimento; é de esperar que se saia transformado. Mas mostra-se respeito pelo ritmo de maturação de cada um. Procura-se introduzir a pessoa num banho de significações. Ela é convidada a mergulhar num conjunto de realidades que estão carregadas de determinado sentido; por isso, constituem um 'mundo'. Pretende-se que haja, de facto, uma imersão na vida da Igreja. Chama-se a pessoa a fazer a experiência do mistério cristão, a saboreá-lo a um ritmo que se afigure adequado à própria capacidade de captação. Uma boa altura para efectuar o tal mergulho é a liturgia vivida em Igreja. Podem aproveitar-se tempos fortes do calendário eclesial: Advento, Quaresma ou certas celebrações de data precisa. Deve recorrer-se também aos ajuntamentos de massa, como acontece nos convívios ou nas peregrinações. É necessário que a Igreja, incluindo todos os seus sectores, se exponha diante de quem a olha. Toda ela deve empenhar-se em mostrar o que é<sup>4</sup>. Precisa de se preparar para lançar aos que a observam aquelas palavras que Jesus disse aos dois discípulos que o seguiam: 'vem e vê'<sup>5</sup>. A Igreja inteira tem a obrigação de propor o essencial da sua fé.

A referência que acaba de ser feita ao Evangelho de S. João mostra um aspecto importante do processo da iniciação. A ordem dos dois verbos não é arbitrária. A primeira acção é condição da segunda. De facto, a iniciação requer que se comece e prossiga um caminho, sem o conhecer antecipadamente. É preciso que a pessoa se deixe apanhar por um estilo de vida que só vem a conhecer à medida que o segue. O banho das significações, que constituem o universo da fé cristã, é condição para apreender o seu sentido. O procedimento da comunidade eclesial deve obedecer à dinâmica deduzida da citação joanina acima referida. Primeiro, deixa-se que a experiência do mistério cristão tenha impacto no iniciado. Depois, é que se lhe explica aquilo por que está a passar. Uma vez que a

---

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 112.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 67.

<sup>5</sup> *Jo* 1, 39.

liturgia da Igreja é a melhor ocasião para proporcionar tal experiência, ela deve ser seguida de tempos em que se ajuda a tomar consciência do que nela se vive. A liturgia implica a repetição das mesmas acções de maneira cíclica. Mas nada acontece duas vezes da mesma maneira. Algo muda: ou a receptividade individual ou o clima eclesial. O impacto da acção litúrgica na pessoa do iniciado será sempre diferente. A Igreja não deve, pois, coibir-se de a realizar ciclicamente. Aliás, é desse modo que vai fazendo chegar à pessoa uma realidade que constitui um dom; vem para dialogar com ela de modo fecundo. O iniciado cresce e amadurece na fé cristã, precisamente na medida em que se for abrindo a ela<sup>6</sup>.

#### A familiaridade com expressões da fé

É importante que o iniciado possa ver a fé da Igreja a exprimir-se. Tal pode acontecer num ambiente colectivo ou com uma atitude individual. Assim, convém que a comunidade eclesial se empenhe em criar espaços onde se ouve falar de Deus. Mencionem-se, por exemplo, as celebrações, os momentos de oração, as colecções ou os grupos de leitura da Bíblia. Devem ser momentos em que o iniciado e todos os outros sintam a comunhão e a alegria. É necessário que haja aí um estilo de encontro em que se declara a fé cristã com abertura e espontaneidade. Mas o iniciado pode ver esta também a exprimir-se com o testemunho de pessoas concretas. Conseguem indicar-lhe um caminho de forma interpelante. Presenciar outros a viver e dizer a sua fé ajuda a ler a experiência que o próprio faz de contacto com ela. Não é preciso que eles sejam os campeões de Deus. Nem têm de pertencer ao grupo dos cheios de sorte na vida. Dá testemunho da fé quem enfrenta também a fragilidade. Talvez até resida aí a sua capacidade de impacto no coração dos circunstantes. A força do testemunho está em não ter medo de mostrar que também se faz um caminho procurado tantas vezes de modo confuso. Confrontam-se interrogações, ao mesmo tempo que se dá provas de confiança. É-se capaz de indicar a outros um caminho, mostrando que se está comprometido nele, mesmo com hesitações<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Villepelet, *op. cit.*, pp. 112-113.

<sup>7</sup> Étienne GRIEU - *Transmettre la Parole. Des jeunes au carrefour du vivre ensemble et de la foi*, Paris, Les Éditions de l'Atelier / Les Éditions Ouvrières, 1998, pp. 110-115.

## 2. Da experiência à palavra

As 'experiências de Evangelho'<sup>8</sup>

Fazer uma 'experiência de Evangelho' é condição para uma eventual confissão da fé na primeira pessoa do singular. Constitui um acontecimento feliz que suscita abertura, confiança e crescimento. O iniciado saboreia gratuitamente a realidade cristã que lhe é apresentada. Não teve ainda de arriscar a sua resposta que o há-de comprometer face aos demais. Compreende-se, aliás, que assim seja; essa experiência é que vai permitir que a resposta surja. Na 'experiência de Evangelho', há, antes de mais, a irrupção dum 'nunca visto'. Qualquer coisa de novo se introduz no conjunto das experiências que o iniciado já tinha tido. Descobrem-se amigos numa forma que antes não se tinha conseguido. Vivem-se coisas pouco habituais juntamente com outros e gosta-se de as recordar com frequência. Aprende-se a exprimir o que se vive diante dos demais sem receio. Avança-se uma palavra que sai muito da própria pessoa. Vêm-se, enfim, certos compa-nheiros a crescer. A 'experiência de Evangelho' assume, pois, inúmeras formas. Em qualquer caso, faz brotar a alegria. Provoca o desejo de explorar as veredas que parecem abrir-se debaixo dos pés. Suscita um pôr-se em marcha. Percebe-se, aqui, já uma decisão. As suas motivações não são, muitas vezes, claras para o próprio iniciado. Esclarecem-se no decorrer do caminho que se vai fazendo. Vê-se um desejo, de início informe, a ganhar consistência e a expandir-se. Ao mesmo tempo, vão-se percebendo frutos que mostram que vale a pena o que se está a viver<sup>9</sup>. Portanto, a «experiência de Evangelho» marca a pessoa ao ponto de inaugurar nela um processo. Há, contudo, um perigo. O que essa experiência dá a viver pode ser menosprezado, se permanecer não dita. Muito dela passará despercebido, se não aceder à palavra. Ficará comprometido o potencial de crescimento que ela tende a desencadear. A não verbalização acarreta, aqui, desperdício. É preciso que a comunidade eclesial pense nos meios que propõe para ajudar o iniciado a falar da sua experiência. De facto, criando condições para a expressão do que cada um vive do mistério cristão, a Igreja faz render o investimento que Deus nela efectuou<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 125. O autor parece usar esta expressão para designar um tipo de experiência que é habitual nas cenas evangélicas. Muitos fizeram-na precisamente ao interagirem, de alguma forma, com Jesus Cristo. Sentiram-na claramente como favorável. Também o iniciado à fé cristã dos nossos tempos a pode fazer.

<sup>9</sup> *Ibidem*, pp. 125-129.

<sup>10</sup> *Ibidem*, pp. 131-132.

A experiência diz-se na palavra da fé

Às vezes, pode não ser fácil falar de Deus em tom de testemunho. Nem sempre parecerá natural arriscar uma palavra que nos compromete diante dos outros. Falar de Deus na primeira pessoa é, de certa forma, entregar-se. Há uma exteriorização que nos identifica publicamente. Não se trata apenas de pronunciar palavras. Acolhe-se a experiência de Deus que tem lugar em nós; fazemo-la nossa. A dificuldade, de que aqui falamos, pode ser ainda reforçada por uma outra. Vivemos numa cultura em que a linguagem da fé se rarefaz. À medida que a realidade cristã se ofusca, desvanece-se também a palavra que a diz. Não admira que se perca o hábito de partilhar e viver juntos a relação com Deus. Deixa-se de ser familiar com as palavras, os gestos, os símbolos, os relatos que dizem a fé. Pode nem se estar à vontade para falar dela<sup>11</sup>.

Não é comum o iniciado declarar explicitamente a fé nos primeiros tempos do contacto com ela. É pouco provável que comece logo a falar de Deus de forma organizada. Verbaliza consoante percebe o que se passa em si. No início, talvez pronuncie expressões muito diversas, dando conta de descobertas que faz e de transformações que sofre. Não se pode tomar nenhuma delas isoladamente; deve-se encará-las no seu conjunto. Combinadas entre si, indicarão que a pessoa está a fazer um caminho. Vão-lhe esboçando também o rosto de Deus, a partir do que este tem provocado nela. Tudo isto requer tempo. Não admira que o iniciado se mostre hesitante quando procura dizer o que vive na descoberta da fé. Diríamos mesmo que tem de passar por aí. O ritmo da palavra deve corresponder à corrente da experiência. Não convém que seja mais lento, nem mais rápido. Uma vez que a palavra nasce a partir desta, não seria natural que surgisse logo no estado de acabamento. Se a experiência está em fase de ganhar forma, compreende-se que a expressão, que dela dá conta, seja hesitante. Forçar o aparecimento dum discurso crente, articulado e explícito, pode constituir um perigo. É capaz de fazer mal à Palavra entretanto depositada no coração da pessoa. Da semente é que vem o fruto. Tem de se contribuir para que este apareça no devido tempo. Mas não se pode ignorar que a semente requer um ritmo que lhe é próprio. É preciso que a palavra humana, que venha a surgir, seja o reflexo da palavra divina que foi apresentada. Pode duvidar-se duma expressão da fé apressadamente coerente. Dever-se-á examinar

---

<sup>11</sup> *Ibidem*, pp. 84-85.

que ligação tem à Palavra feita chegar à pessoa. Levantam-se, então, duas questões para a comunidade cristã relativamente a quem é iniciado na fé. A primeira consiste em saber como ajudar a exprimir esta sem pressionar. Há aqui uma arte que tem a ver tanto com a espera como com o apelo. Tem de chegar o momento de exteriorizar o que se vive com uma palavra que compromete. Mas não se pode forçá-lo a acontecer prematuramente. A segunda questão refere-se à atitude a tomar em relação à palavra, quando ela acaba por nascer. Deve-se deixá-la fluir na sua espontaneidade, sem pressa numa articulação explicitamente eclesial. É preciso que a palavra não sufoque a experiência. Deve respeitar o que nela germina pouco a pouco. Uma linguagem que procure fixá-la logo em fórmulas não mostra o que ela tem de vivo<sup>12</sup>.

É de esperar que a verbalização do que se vive no primeiro contacto com a fé cristã acabe por levar à descoberta dum rosto de contornos mais ou menos definidos. Já dissemos que na 'experiência de Evangelho' há a irrupção dum 'nunca visto'. O coração sente-se inundado por uma surpresa feliz. Mas é provável que fique com a impressão de haver nesta algo mais que aquilo que lhe é dado experimentar no primeiro impacto. A 'experiência de Evangelho' pode estar à espera não só duma palavra que a explique, mas também dum rosto que lhe dê corpo. Há aqui um desejo que quer perceber aquilo que o atrai. Afinal, procura encontrar Aquele em quem recebe a sua realização plena, a sua unidade e a sua motivação. É claramente o desejo de Deus. Desta forma, sai da indiferenciação própria duma moção que não se sabe ao certo donde vem e para onde conduz. Vai sendo modelado por aquilo que o puxa para a frente. Algo insiste em o chamar, não cessando de despertar nele coisas novas. Para que este desejo descubra o seu fundamento, é preciso que a Palavra de Deus não falte ao longo do caminho desencadeado pela 'experiência de Evangelho'. O iniciado irá fazendo uma leitura com duas faces. Dum lado, está a Sagrada Escritura; do outro, a própria experiência. Aquela oferece gramática e vocabulário para perceber e aperfeiçoar esta. É assim que o iniciado consegue fabricar a sua própria expressão. Verbaliza de acordo com o que vive concretamente. Elaborar uma palavra adequada à esperança que o anima. Isto permite-lhe crescer ao ritmo do desejo de crer que traz consigo. Pôr o que se vive em linguagem é o meio de se construir a si próprio. A pessoa que descobre a fé torna-se alguém, um sujeito; é engendrada pela palavra. Compreende-se, agora, que

---

<sup>12</sup> *Ibidem*, pp. 132-133.

a iniciação cristã constitua um novo nascimento. A pessoa vai-se dizendo precisamente à luz da Palavra posta a circular no caminho a que se meteu. É assim que se desenha para ela o rosto d'Aquele que foi, desde sempre, a fonte e a meta desse caminhar. A pessoa é, então, livre de O reconhecer e de afirmar que O quer seguir<sup>13</sup>.

### **3. Humano e crente: um único itinerário**

O material humano da descoberta de Deus

O despontar da fé cristã na vida dum pessoa conduz-nos à problemática da relação entre a existência humana propriamente dita, por um lado, e o processo da descoberta de Deus, por outro. Podemos reparar no modo como partilhamos a nossa vida enquanto crentes. Não estabelecemos aí uma separação entre o nível puramente humano e o âmbito explícito da fé. Falamos dum só realidade: um percurso que se desenha no decorrer do tempo. De facto, não há descoberta de Deus que não tenha a espessura dum história pessoal, feita do quotidiano mais ou menos sereno e de momentos que requerem decisões. A fé não é propriamente um fenómeno 'extra-ordinário'; tem lugar no seio do que há de humano em todo o itinerário pessoal<sup>14</sup>. Quando se descreve a vivência da fé, referem-se elementos da experiência habitual das pessoas: lugares e ocasiões, contactos e relações, reflexão e diálogo, enfim, circunstâncias de amplitude e intensidade variáveis. Compreende-se, assim, que estes aspectos constituam o material humano de que é feito o caminho da iniciação à fé cristã. Estão igualmente presentes no percurso posterior da vida crente. Podem classificar-se fundamentalmente em dois grupos: acontecimentos e andamentos.

Os acontecimentos são factos concretos que se fazem notar no percurso da pessoa. Manifestam-se de modo pontual; tornam-se fáceis de identificar. Suscitam espanto e levam a uma descoberta. Por isso, se consideram reveladores. Surge qualquer coisa forte na vida da pessoa que passa a constituir um marco no seu itinerário. Os acontecimentos comportam uma autêntica viragem. Fazem surgir o novo, o «nunca visto». Abrem outras perspectivas para a existência. Levam a pessoa a pôr-se a caminho<sup>15</sup>. Tanto

---

<sup>13</sup> *Ibidem*, pp. 133-135.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 116.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 56.



se pode iniciar um novo, como prosseguir com outro ânimo o que já se trilhava. Esses acontecimentos ficam gravados na memória como surpresas que vale a pena recordar. Tornam-se o esqueleto em função do qual se vai organizar a história pessoal. Não admira que funcionem como os marcos de referência temporal na narração da vida crente.

O segundo tipo de material humano que compõe o caminho de iniciação à fé cristã consiste nos andamentos. São movimentos lentos em que a pessoa vai caminhando no sentido duma progressão. Apresentam-se de contornos mais indefinidos que os acontecimentos já referidos. Digamos que são os troços do itinerário pessoal separados entre si por estes últimos. Ao contrário dos acontecimentos, que constituem pontos de viragem, os andamentos fazem pensar em continuidade na vida. Não saltam directamente à vista. Identificam-se sobretudo quando se dedica algum tempo a olhar para o caminho já percorrido. O facto de esses andamentos serem discretos não significa que tenham menos importância para o crescimento pessoal do que os acontecimentos marcantes. É certo que estes inauguram algo de novo, alteram o modo como se faz o caminho. Mas grandes transformações se operam também quando a existência avança dum modo que passa despercebido. Não se sente aí um abalo. Mas é nesse caminhar lento que os dados novos da vida conseguem ganhar raízes profundas. Dá-se aí, afinal, uma verdadeira construção da pessoa. Isto nota-se na forma como ela própria dá conta desse caminhar lento. É capaz de recorrer a expressões bastante variadas, para referir o que acha ter vindo a receber ao longo dele. Podemos encontrar nelas, por exemplo, a ideia de “aprender”: fala-se duma evolução que comporta uma aprendizagem («eu aprendi a», «isto ensinou-me a»). É possível que apareça também a noção de ‘dar’ ou “permitir” («isto deu-me», «isto permitiu-me»). Pode surgir igualmente o conceito de “abrir-se” ou “ganhar” («eu cresci», «desabrochei», «abri-me», «encontrei um lugar para mim», «ganhei confiança»). Somos capazes de nos deparar ainda com a ideia de “descobrir” («encontrei», «descobri»): referem-se mutações que ocorreram como que por si mesmas. Enfim, pode surgir o conceito de “mudar” («eu mudei»). Este é particularmente forte, uma vez que caracteriza explicitamente o que se vem verificando na pessoa. O acento é posto na profundidade daquilo que se tem passado («já não sou o mesmo que antes»)<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> *Ibidem*, pp. 57-60.

Convém notar que não se podem separar completamente os acontecimentos marcantes dos movimentos lentos. Estão encadeados; contextualizam-se mutuamente. Um acontecimento existe intercalado entre dois andamentos. Estes, por sua vez, tecem a conexão dos acontecimentos entre si. O caminho que começa a ser trilhado com a viragem operada por um acontecimento é precisamente movimento lento. Este, por sua vez, pode desembocar, mais tarde ou mais cedo, num novo acontecimento. Não há, aqui, determinismo. A vida tem muitos imponderáveis, além de que é preciso contar com a interferência da graça divina que não se controla. Mas a progressão que se dá por dentro dum movimento lento pode criar condições para que um acontecimento surpreendente venha a irromper. Não tem que ser a sua causa eficiente. Pode constituir apenas um factor que ajuda a que ele apareça.

#### A vida ecoa na expressão da fé

Uma vez explicada a relação entre o itinerário humano propriamente dito e a experiência da descoberta de Deus, importa saber como aquele se reflecte na expressão que procura dizer esta última. A pessoa pronuncia frases que brotam daquilo que vai no seu íntimo. Constrói-as a partir da percepção que vai tendo de Deus, mas numa forma que denuncia o que viveu em tempos passados. Vimos já que a experiência da fé não é extrínseca à existência ordinária. Então, também não admira que as palavras que exprimem o itinerário humano da pessoa e as que dizem o seu encontro com Deus mostrem uma certa vizinhança. Consideremos, por exemplo, alguém que, antes de entrar em contacto com a fé cristã, falava de si nos seguintes termos: «eu era frágil», «não era suficientemente forte». É natural que depois se refira àquilo que veio a descobrir, da forma que se segue: «Deus dá um empurrão», «dá força», «ajuda a andar», «tira-nos de lá». De igual modo, percebe-se que uma pessoa que dizia de si «eu era pequeno», venha a afirmar mais tarde que «Deus nos faz crescer». Reparemos, enfim, em quem se descrevia com as frases «eu era muito fechado» ou «não tinha ninguém a quem falar». Virá a declarar provavelmente que «é com Deus que se pode falar»<sup>17</sup>.

A expressão da fé pode ser produzida de acordo com duas técnicas de linguagem. Uma consiste em escutar o eco que uma experiência faz

---

<sup>17</sup> *Ibidem*, pp. 116-118.

noutra. A pessoa sente que um evento ocorrido na altura do contacto com a fé faz ressonância em algo que já tinha vivido antes de a descobrir. Esse eco pode ser de consonância ou de contraste. É possível que a experiência mais recente tenha uma tonalidade semelhante à outra que a antecedeu. Mas também não é de excluir que faça pensar no contrário desta. Assim, para exprimir os primeiros passos da vivência da fé, o iniciado vai recorrer a um vocabulário próximo daquele que usou na descrição da tal experiência prévia. Pode usar expressões que vão em sentido idêntico ou inverso às encontradas para esta última. De qualquer forma, o género de vocabulário é o mesmo. Seja por consonância, seja por contraste, não deixa de ser afim. A segunda técnica de elaboração da expressão da fé consiste em pôr palavras em cima daquilo que se vem vivendo no contacto com ela. A linguagem usada ajuda a tecer a experiência. Sem isso, esta permaneceria desconexa e, por isso, informe. O iniciado não conseguiria fazê-la sua, mesmo que ela continuasse a atravessá-lo. O aprofundamento do que se está a passar consigo vem precisamente com o esforço de encontrar a palavra adequada para o designar. Esta nomeação da experiência faz-se por analogia, mesmo que seja inconscientemente. Imaginemos, por exemplo, as expressões «ver o sol brilhar» ou «perceber um amanhã que começa». É óbvio que não servem para traduzir literalmente a experiência da iniciação à fé; mas talvez a possam retratar analogicamente. Faz-se aí um jogo de aproximação entre duas realidades diferentes: a que o conceito designa e a que se vive interiormente. Essa aproximação tem uma força evocativa. Mencionar a primeira dessas realidades faz saltar no espírito da pessoa a segunda. É assim que surge um significado para aquilo que se vem experimentando no contacto com a fé<sup>18</sup>.

#### **4. Dimensão eclesial da expressão individual da fé**

A expressão da fé traz consigo a humanidade da existência donde brota. É preciso dar, pois, à pessoa um espaço de liberdade para a produzir de acordo com o que vive. Mas o aparecimento dessa expressão deve ser acompanhado pela comunidade eclesial. Não tem que haver uma interferência explícita da parte desta. Pode adoptar-se uma presença discreta, mas atenta. Importa é que a dita expressão seja aferida pela comunidade cristã que acompanha de perto o processo da iniciação. Com efeito, se a expressão da fé revela a marca da existência concreta que a pronuncia, também deve estar de acordo

---

<sup>18</sup> *Ibidem*, pp. 119-120.

com a linguagem eclesial. O que o iniciado experimenta vai na linha do que a Igreja vive no seu conjunto. Então, tem de haver uma continuidade entre a expressão individual da fé e aquilo que a própria Igreja ensina. São duas realidades que constituem a verdade uma da outra. Os crentes não podem dizer outra coisa senão a fé da Igreja. Esta, por sua vez, tem de espelhar o que eles afirmam da sua relação autêntica com Deus. A linguagem com que o iniciado exprime a sua experiência não serve apenas para dar a esta consistência e forma. Insere-a também na unidade eclesial. Uma vez que a expressão individual da fé deve ser reflexo da Palavra que a Igreja dá a conhecer, ela não pode ficar confinada ao universo estrito da pessoa. Deve ter em conta a sua procedência que é a linguagem desenvolvida no âmbito eclesial. Afinal, essa expressão individual e esta linguagem têm a mesma raiz: a experiência da fé cristã<sup>19</sup>.

A palavra que diz a experiência da descoberta de Deus feita pelo iniciado precisa de mostrar a sua referência ao Evangelho e à tradição da Igreja. O caminho de contacto com a fé é necessariamente vivido e percebido através da experiência e da linguagem dos outros crentes. A tradição da Igreja traz àquele que nela se insere a chave de leitura do que se passa no seu coração. Não o guia apenas na verbalização da experiência da fé. Fornece-lhe o conteúdo dessa mesma experiência. É assim que esta pode vir a dar testemunho do «nós» eclesial. Torna-se mais um rosto a enriquecer a identidade deste último. O iniciado à fé cristã não pode pensar que a sua experiência individual é matéria do foro privado. Deve habituar-se a 'entregá-la' à corrente de vida e de expressão que circula na Igreja<sup>20</sup>. Ser crente implica a conjugação de liberdade individual e conformidade à Igreja. Para se ser fiel a Deus, tem de se o ser também à tradição eclesial e aos outros que a integram. São estes quem melhor representa a vinda de Deus a cada crente. No fim de contas, se a experiência individual da fé vem da Igreja, destina-se também a esta. O iniciado precisa de se habituar a contar a sua vida, a confessar aquilo que é, para ser guiado na verdade da experiência total da Igreja. Deve fazê-lo com vista a tornar-se também uma proclamação de Deus no seio da Igreja. Toda a experiência de fé tem uma função de carácter eclesial: manifestar Deus que vem ao encontro do ser humano. Cada crente adquire um conhecimento particular daquilo que

---

<sup>19</sup> Michel DE CERTEAU, «L'expérience religieuse, 'connaissance vécue' dans l'Église», *Recherches de Science Religieuse* 76 (1988), pp. 197-198.

<sup>20</sup> *Rom* 6, 17.

Deus é. Mas isso destina-se a ser distribuído pela Igreja, porque é a ela que pertence<sup>21</sup>.

A catequese sempre foi um processo de inscrição da existência individual na vida da Igreja. Houve um tempo em que esta se sentia segura quanto à condução desse processo. Adoptava-se uma pedagogia inteiramente concebida *a priori*; a sua aplicação era mecânica. A responsabilidade dos insucessos que se verificassem na transmissão da fé costumava ser atribuída a quem deveria acolher esta. Mas surgiram novas dificuldades que forçaram a Igreja a recuar face ao seu procedimento habitual. Teve de olhar mais para si própria. De facto, um grande número de baptizados mostrou desinteresse pela catequese. Avolumou-se também a dificuldade de comunicação entre quem apresentava a fé e quem andava a descobri-la. A comunidade eclesial deixou de poder considerar como adquirido o que outrora o era. Percebeu que tinha de repensar a abordagem dos que entram em contacto com a fé cristã. A problemática que estes trazem consigo começou a pesar na compreensão da actividade catequética. Mas para a Igreja tem sido um desafio enriquecedor. Por um lado, é obrigada a inteirar-se dos problemas do ser humano actual e concretamente do modo de ser das novas gerações. Assim, torna-se mais apta a lidar com os que poderão receber algo dela. Por outro lado, a Igreja acaba por redescobrir práticas catequéticas dos seus primeiros tempos, que terão sido esquecidas nos séculos posteriores. Cai na conta duma riqueza contida na tradição cristã e que não tem sido explorada. Reflectindo sobre as dificuldades levantadas pela transmissão da fé, a Igreja tem a oportunidade de se colocar exactamente onde deve estar: ligada às suas raízes evangélicas e históricas, ao mesmo tempo que inserida no espaço onde o ser humano de hoje se move.

---

<sup>21</sup> Certeau, *op. cit.*, pag. 202-204.



# A instituição paroquial num contexto de ultra-urbanidade

ALFREDO TEIXEIRA (\*)

*«Deus não habita em morada feita pela mão dos homens» (Act 7, 48)*

## TERRITÓRIO E COMUNIDADE

O que é habitar? Talvez se possa descrever como o modo como nós enquanto sociedade humana, praticamos e pensamos o espaço. Na cultura ocidental, a raiz grega *oikos* parece resumir esses diversos modos de praticar e imaginar o espaço enquanto pertença, conquista, dominação, protecção, sobrevivência, troca, travessia, etc. Noutras culturas, «habitar» remete para significados diferentes – na língua japonesa, por exemplo, *sumai* (habitar) está associado às imagens da transparência e do sossego das águas imóveis. Nesta perspectiva, o que de mais interior têm as sociedades humanas pode desenhar-se na materialidade do território, tanto na sua expressão mais telúrica – do fiorde nórdico ao *tatami* japonês –, como nas suas dimensões monumentais – das pirâmides do Egipto às desaparecidas *Twin Towers*. Esta é a nossa ecologia (cf. Berque, 1992).

As religiões podem ser compreendidas como modos de habitar o mundo. A cultura bíblico-profética deu o seu contributo na moldagem da nossa ecologia humana, sobretudo na medida em que aí se descobre a afirmação

---

(\*) Mestre em Teologia Sistemática e Doutor em Antropologia Política. Desenvolve a sua actividade de docência no âmbito da sócio-antropologia da religião e da teologia prática na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa. É investigador do Centro de Estudos de Religiões e Culturas da mesma universidade, onde coordena o projecto «Morfologia do campo religioso em Portugal», integrando também a equipa que desenvolve um programa de pesquisa sobre a «acção social da Igreja católica em Portugal».

da proeminência ao tempo em detrimento do espaço (cf. Piveteau, 1995, 185-260). Michel de Certeau falava do «sem lugar da fé», sublinhando que Cristo, desligando a presença divina de todo e qualquer laço sagrado, anuncia uma religião em espírito e verdade (cf. 1991, 1-12). Mas à medida em que o evangelho cristão foi penetrando na espessura humana das culturas, incarnou em formas específicas de praticar o território. O cristianismo acabou por participar da tendência para a «cosmicização» das práticas de fé (os lugares santos, a inscrição arquitectónica no espaço, a peregrinação, etc.) e para a institucionalização de territórios de «comunitarização» (dioceses, paróquias, etc.).

O momento em que vivemos é, provavelmente, aquele em que mais se complexificou a nossa relação com o território. De modos diversos, em diferentes disciplinas, fala-se do fim do tempo da territorialidade local compacta, quadro social em que era possível encontrar imediatamente para cada pessoa, objecto ou acontecimento uma rede estável de significação referida a um lugar. Frequentemente, o significado dos lugares parece afectado por jogos de substituição que os tornam incertos. Por outro lado, se perduram as relações de proximidade, as pequenas alianças do quotidiano que criam solidariedades locais, também é certo que nunca como hoje se fez a experiência de multiplicação das pertenças, implicando a sua própria relativização<sup>1</sup>.

As novas práticas do território não ficam limitadas pelas fronteiras dos territórios urbanos e peri-urbanos, na acepção geográfica e demográfica; enquanto fenómeno antropológico inscrevem-se no plano mais amplo das dinâmicas sociais que descrevem as culturas. Falar neste contexto de culturas urbanas implica reconhecer as alterações de médio e longo curso que estão a afectar a forma como os indivíduos constituem sociabilidades comunitárias e gerem as formas de lealdade à memória recebida.

Sabemos como a paisagem religiosa se transformou profundamente a partir dos processos de urbanização industrial do século XIX. A Igreja católica reagiu a essas transformações em várias frentes: multiplicou as paróquias dentro da cidade, com o intuito de enquadrar numa rede de proximidade os crentes; deu um novo impulso a outras formas de inscrição institucional no espaço, como a construção de colégios, universidades, hospitais, etc., e suas

---

<sup>1</sup> Para uma aproximação interdisciplinar às práticas sociais do território: cf. Poche, 1996; Silvano, 1997; Salgueiro, 2001; Cordeiro *et al.*, org., 2003.



capelarias; mas também favoreceu formas de enquadramento não limitadas aos quadros territoriais, autorizando a constituição de redes de associativismo confessional (associações profissionais, de lazer, de intervenção social) e de movimentos eclesiais que se adaptavam melhor ao princípio de mobilidade das sociedades modernas.

Os estudos que se realizaram entre os anos 60 e os anos 80 glosaram frequentemente o tema do desmoronamento da «civilização paroquial» que, em traços largos, seria o «fim» dessa identificação entre a paróquia como circunscrição eclesiástica e a comunidade como forma social<sup>2</sup>. Recorde-se que nessa «civilização paroquial», a igreja era o dispositivo central do território, muitas vezes um centro geográfico, mas sobretudo um centro simbólico, um emblema central da representação da identidade da população enquanto comunidade moral (no sentido durkheimiano); a relação entre o pároco e os crentes estabelecia-se no quadro de uma proximidade espacial, proximidade que permitia o acesso fácil aos ritos, à pregação e à instrução religiosa e, assim, a manutenção de uma linhagem crente continuamente celebrada<sup>3</sup>.

As paróquias tornaram-se, pois, um laboratório privilegiado de observação tanto da crise quanto da criatividade das formas eclesiais na resposta às novas culturas urbanas – estando em causa já não apenas os problemas clássicos do urbanismo como modo de vida, mas as novas questões que caracterizam a ultra-urbanidade própria da modernidade radicalizada da segunda metade do século XX. Proponho uma leitura destas culturas a partir de quatro eixos caracterizadores: pluralismo, individualização, mobilidade e «terciarização» dos estilos de vida.

---

<sup>2</sup> Observe-se a presença deste tema em: Lambert, 1985; Hervieu-Léger, 1987; Lemieux, 1987. Este dossier foi recentemente relido em: Bobineau, 2005: 13-15; Teixeira, 2005a: 176-183.

<sup>3</sup> É precisamente porque, neste contexto, a paróquia como circunscrição eclesiástica corresponde a uma forma social, a «comunidade», que os quadros territoriais e sociais da paróquia se revelaram frequentemente tão persistentes. O estudo de Seymour e de Watkins (cf. 1994) mostrou que, em Inglaterra, a Reforma deixou esses quadros intactos mudando apenas a autoridade de referência. Ela sobreviveu também como quadro administrativo insubstituível. Aliás a configuração civil que se lhe seguiu não tocou nos seus limites territoriais nem provocou mudanças na forma social — o *Local Government Act* de 1894, não mexeu, pelo menos no que às zonas rurais diz respeito, na malha eclesiástico-territorial que tinha as suas origens na Idade Média. Estabilidade desses quadros dependia também dos mecanismos de reprodução social, como os que delimitavam o campo da escolha do cônjuge — Lison Tolosa (cf. 1974) apontava para a importância, neste domínio, da endogamia paroquial.

## **Sociabilidades paroquiais e culturas urbanas**

### ***Pluralismo***

As culturas urbanas resultam da «explosão da diferença», enquanto facto e ideologia (cf. N. García Canclini, 1997). Hoje, a cidade não transporta apenas a coexistência de espaços e tempos diferentes (as zonas históricas, os monumentos, as zonas de expansão industrial, as formas arquitectónicas mais recentes). À complexidade dos tempos sobrepostos corresponde esse enredo de trocas interculturais intensas decorrentes do encontro entre os nativos e os imigrantes de vários tempos e de várias geografias. A desordem que ameaça pela exacerbação da diferença tem conduzido a estratégias de defesa, de separação, e mesmo «guetização», que acabam por contribuir para a instauração de formas de segregação urbana.

O pluralismo é, talvez, a qualidade mais proeminente das culturas urbanas. As culturas urbanas são policêntricas e, em algumas das suas manifestações, acentradas. A dinâmica social vive permanentemente da activação de um amplo mercado simbólico. As modalidades de identificação religiosa foram afectadas por essa lógica de mercado. Os estudos de Wade Clark Roof, nos EUA, mostraram que é frequente que os cristãos, em particular evangélicos, se desloquem por Igrejas diferentes até que se encontre uma «congregação» que se adequa aos seus gostos, às suas questões não resolvidas, ao seu modo de busca espiritual. Tais estudos mostram que aquilo que esses crentes procuram não são apenas, nem em primeiro lugar, propostas acerca de uma vida futura, ou ofertas de uma moralidade construída, mas antes programas que se dirijam às suas necessidades pessoais e os orientem na via da construção de si (cf. Roof, 1993, 2000). Por isso, o eixo do pluralismo exige a consideração de uma outra característica das culturas urbanas: a valorização do *self* (identidade pessoal)

### ***Individualização***

A análise da equação modernidade-religião, sob o ponto de vista social, permitiu a identificação de um efeito de «dualização» do religioso (J.-P. Willaime, 1996): por um lado o campo religioso especializa-se, mas por outro o religioso dissemina-se, isto na medida em que os indivíduos ganharam mais autonomia face às instituições que gerem a colectividade. A este propósito,

a sociologia da religião dos anos 90 comentou amplamente o fenómeno da recomposição individual do crer<sup>4</sup>.

No interior dessa transformação, percebemos que a figura da observância regular deixou de ser um padrão de referência para se estudar a religiosidade contemporânea (marcada por fenómenos amplamente documentados: a mobilidade das pertenças, a fluidez das crenças, a desterritorialização das comunidades, a desregulação dos processos de transmissão, a desarticulação entre crer e pertencer, a individualização das formas de identificação religiosa, etc.). As investigações no domínio biográfico têm mostrado que os indivíduos, face ao desmoronamento das antigas coesões, desenvolveram dinâmismos de revalorização das dimensões experienciais e expressivas do religioso, relativizando a autoridade e a tradição (cf. Sandre, 2007). Forçados a viver a experiência da mudança acelerada, muitos são os que fazem da incerteza e do efêmero um valor interiorizado, tornando-se especialistas práticos do provisório. Neste contexto, o enraizamento da identidade pode passar mais pela implementação de grupos de eleição do que pelo regime de pertença a uma comunidade ou associação estáveis (mesmo vivendo a nostalgia dessa estabilidade). Esta situação implica novos modos de pertença à colectividade, mesmo que essa colectividade seja uma Igreja. Nos diversos itinerários de identificação cristã encontramos, assim, muitos cristãos para quem o centro polarizador da sua sociabilidade crente não passa pela dupla centralidade: Domingo (tempo) – Paróquia (espaço)<sup>5</sup>.

É necessário não perder de vista que, associadas às formas urbanas de praticar o território, nos deparamos com uma geografia humana muito densificada – a falta de espaço físico parece desenvolver a necessidade de ampliar a distância psicológica (cf. Simmel, 1997). Nesse sentido se deve perceber a urbana procura do anonimato. Esse anonimato é uma forma de defesa pessoal ao serviço de uma cultura de afirmação do indivíduo, longe já do comunitarismo que ainda podemos observar nas sobrevivências das culturas campestres. Mas, paradoxalmente, esse mesmo indivíduo urbano, que se defende com os recursos do anonimato, procura o reconhecimento

---

<sup>4</sup> Para uma aproximação panorâmica: Teixeira: 2005, 183-196. Entre a «secularização», enquanto paradigma sociológico hegemónico, e a «recomposição individual do crer», pode descobrir-se um itinerário de transição paradigmática: cf. Teixeira, 2003.

<sup>5</sup> Quanto a esta dupla caracterização simbólica da vida paroquial: cf. Chevalier, 1992: 118-126.

do outro<sup>6</sup>. É o mesmo espaço urbano que facilita o desenvolvimento de uma cultura de relações amigas, grupais, de reconhecimento mútuo.

### ***Mobilidade***

A mobilidade é uma característica determinante das culturas urbanas pós-industriais<sup>7</sup>. Antes de mais, porque há condições de mobilidade facilitadas que permitem aos indivíduos e grupos a construção de sociabilidades que ultrapassam as fronteiras do parentesco e da vizinhança, fazendo do território um conjunto complexo de trânsitos. Isto afectou também a identidade religiosa. No caso de muitos percursos migrantes, a referência religiosa ficou agarrada ao lugar de fundação e surge na consciência dos indivíduos apenas como memória, lugar de investimento afectivo nas origens: a infância, a família, a terra (uma espécie de «religião dos pais», ou «religião da nossa terra»).

Entre os dinamizadores da acção pastoral, no patriarcado de Lisboa, onde vivo, circula a seguinte observação: «na cidade, a paróquia é a cidade». Esta afirmação procura descrever o facto de os católicos, nos espaços urbanos mais integrados por redes de mobilidade, circularem em torno de diferentes pólos comunitários, segundo necessidades e interesses diversos, recriando de forma modular a territorialidade da Igreja local segundo uma complexa geografia de itinerários (percursos no território) e trajectórias (percursos biográficos). Desta geografia podem fazer parte contextos de interacção muito diversificados: entre outros, uma assembleia dominical, determinado grupo de reflexão, um centro de formação, o encontro com um padre reconhecido pelas suas competências para o diálogo e para o acolhimento, um contexto organizado de práticas de voluntariado, uma comunidade de consagrados onde se procura a experiência do deserto simbólico. No entanto, deve reconhecer-se que as estruturas da Igreja local não encontraram ainda formas de apropriação «estratégica» desta mobilidade; ela resulta da «táctica» dos crentes. No estudo que desenvolvi numa paróquia da cidade de Lisboa (1998-2002), foi possível verificar que

---

<sup>6</sup> Acerca das relações entre «individualização» e «ultra-urbanidade»: cf. Delhez & Servais, 2007.

<sup>7</sup> Os estudos de Marc Augé são particularmente importantes na modelação do conceito de mobilidade: cf. Augé, 1992, 1994, 2007. O mesmo se diga da antropologia do quotidiano de Michel de Certeau (cf. 1990: III Parte), particularmente no que concerne às formas de praticar o espaço urbano.

a composição das assembleias dominicais e da comunidade paroquial era menos determinada pela composição dos paroquianos residentes do que pelas diversas práticas de mobilidade próprias do território (cf. Teixeira, 2005a: Cap. 8). Ou seja, com frequência, as paróquias urbanas descobrem-se menos comunidades de residentes e mais pólos comunitários para uma população crente em movimento.

Similares são os problemas criados pelas práticas familiares ao fim-de-semana. Muitos cristãos praticantes regulares e membros activos das comunidades vivem permanentemente uma tensão: estão empenhados em iniciativas diversas em determinada paróquia, mas frequentemente não participam aí na reunião dominical. Vivem, assim, a necessidade de encontrar compromissos práticos que possam compatibilizar a centralidade da *ekklesia* reunida no Domingo com a importância familiar das práticas de fim-de-semana – um ajuste prático entre a lógica cristã do «primeiro dia da semana» e lógica secular do «fim-de-semana»<sup>8</sup>.

### **«Terciarização» dos estilos de vida**

As culturas urbanas são culturas de serviços. É nesse sentido que falo aqui de uma «terciarização» dos estilos de vida (cf. Teixeira, 2006b). Num contexto de sociabilidades marcadas por essa terciarização, os indivíduos e grupos entram numa rede de transacções em que procuram respostas, avaliadas por critérios de qualidade, para os seus desejos e necessidades, em contextos organizados. Nas suas formas mais exacerbadas, podemos identificar um «mercado de serviços de espiritualidade» com os seus dispositivos e produtos próprios. Mas este fenómeno não diz respeito apenas às formas de identificação religiosa que apresentam um carácter mais difuso. Também o *habitat* paroquial se encontra imerso nessa lógica de terciarização, na medida em que o que aí se oferece é lido na perspectiva da sua «qualidade». No terreno das culturas urbanas, há paróquias que

---

<sup>8</sup> O termo «desterritorialização» tem sido usado com frequência, neste âmbito, para caracterizar as transformações que têm afectado as formas de praticar a paróquia enquanto circunscrição territorial. Segundo a minha perspectiva, este termo só faz sentido na medida em que com ele se procura descrever esse conjunto amplo de transformações relativas às práticas do território. O termo seria equívoco se com ele se pretendesse classificar de irrelevante o papel do território praticado na construção das identidades (acerca do princípio territorial sobre o ponto de vista canónico: cf. Borrás, 1996: 55-65).

são reconhecidas pela sua extraordinária capacidade de oferta ou pela competência com que o fazem. Nesse contexto, lança-se mão da dinâmica das sociabilidades grupais para criar uma «Igreja de opções», oferecendo respostas diversas às inquietações religiosas.

A lógica de terciarização da instituição paroquial é particularmente visível nas acções rituais que ritmam o longo curso da identidade dos indivíduos ou nas iniciativas que dão resposta às necessidades educativas da família. Aí a paróquia parece assumir o papel de uma espécie de «serviço público de religião» (cf. Routhier, 2001: 228-238; Teixeira, 2005b). Este é o domínio em que facilmente a paróquia fica refém da lógica de transacção simbólica própria das relações que se estabelecem entre uma instituição prestadora de serviços («bens de salvação») e os utentes que procuram uma adequada satisfação de necessidades.

### **Um desafio teológico-prático**

O Concílio Vaticano II favoreceu o desenvolvimento de uma teologia da Igreja como comunidade. Mas é necessário um renovado empenhamento para descobrir como é que esses horizontes teológicos se podem concretizar nas novas capilaridades que tecem, nas culturas urbanas, a «comunidade que vem» (cf. Agamben, 1993). Em concreto, as Igrejas são confrontadas com uma pergunta essencial: como «comunitarizar» crentes marcados por uma cultura de afirmação do indivíduo? Desprendida a religiosidade da objectividade social própria de uma religião herdada, os indivíduos procuram, com frequência, ideais espirituais que, de uma forma ágil, respondam às suas necessidades no curso do seu itinerário biográfico. Deparamo-nos, assim, com um «nomadismo» religioso de geometria variável<sup>9</sup>, bem diverso do «sedentarismo» religioso que se exprime na manutenção de uma linhagem crente. G. Simmel (cf. 1997) pensou esta mobilidade a partir da figura do estrangeiro (tão rica na reflexão teológica dos primeiros séculos

---

<sup>9</sup> Há alguns anos atrás, a socióloga francesa Danièle Hervieu-Léger (1999) propôs a figura do «peregrino» como tipo ideal da religiosidade móvel (por oposição à figura da religiosidade estável do praticante-observante da «civilização paroquial»). O modelo procura identificar uma característica fundamental: a fluidez dos percursos individuais crentes a que correspondem formas de socialidade religiosa marcadas pela mobilidade e pelos modos de associação temporária. A experiência crente passou a ser marcada por um trabalho de construção biográfica, percurso subjectivo que pode, no entanto, encontrar-se com a objectividade de uma linhagem crente, ou seja, a objectividade de uma comunidade em que o indivíduo se reconhece como crente com outros crentes.

do cristianismo). O estrangeiro não como esse viajante que hoje chega para partir amanhã, mas sim como esse errante que chega hoje e que ficará amanhã sem prescindir da liberdade de ir e vir – porque é estrangeiro procura o gesto de acolhimento. Na metrópole contemporânea, as comunidades cristãs tendem, pois, a configurar-se como comunidades de «disseminados», concretização de uma diáspora eclesial, exigindo a reinvenção das práticas de acolhimento<sup>10</sup>.

Quando hoje um cristão procura um círculo mais pequeno dentro da comunidade crente de referência, para além da percepção de uma fé comum procura algo que confirme o seu próprio trabalho de construção do sentido. Paradoxalmente, o reforço e a multiplicação de diferentes regimes de pertença dentro de uma comunidade de referência, sendo uma tradução da moderna individualização religiosa, traduz a vontade do sujeito crente se auto-implicar na economia de salvação que a instituição pretende servir e mostra também que esse individualismo não se verte numa completa privatização do religioso. Estes percursos de identificação procuram preencher os quadros de pertença com um suplemento de espiritualidade, expressa no terreno de uma enorme pluralidade, que torne mais «portátil» o «crer» recebido (cf. Berzano, 2007). O «nomadismo» religioso contemporâneo corresponde à vontade de celebrar a subjectividade e o acontecimento. Mas, porque o movimento só é possível dentro de um quadro mínimo de referências, assistimos também à procura de contextos comunitários onde seja possível o acolhimento das inquietações pessoais – enraizamento e movimento implicam-se paradoxalmente (cf. Frémont, 1998). Ou seja, na era do individualismo religioso subsiste a nostalgia da comunidade (imaginada ou praticada). Neste sentido, as diferentes formas de interacção paroquial, sem monopólios, podem revelar-se «lugares» privilegiados onde é possível discernir a eclesialidade do acolhimento num duplo sentido: a abertura da pequena narrativa individual ou grupal à memória de Jesus e o seu acolhimento na grande narrativa eclesial (cf. Teixeira, 2005c).

---

<sup>10</sup> O conceito de «disseminação», com raízes no pensamento de Michel de Certeau, é central em alguns dos paradigmas contemporâneos da Teologia Prática: cf. Delteil & Keller, 1995; Teixeira, 2006a.

## BIBLIOGRAFIA

- AGAMBEN, Giorgio – *A comunidade que vem*, Lisboa, Presença 1993.
- AUGÉ, Marc - *Non-lieux. Introduction à une anthropologie de la surmodernité*, Paris, Seuil, 1992.
- \_\_\_ *Pour une anthropologie des mondes contemporains*, Paris, Aubier, 1994.
- \_\_\_ *Por una antropología de la movilidad*, Barcelona, Gedisa, 2007.
- BERQUE, Augustin (1992). L'écosymbole du tatami. *L'Homme et la Société. Revue internationale de recherches et de synthèses en sciences sociales* 26:2, 7-14.
- BERZANO, Luigi - Il pluralismo cattolico delle spiritualità. *Religioni e Società XXII*, 57, 100-108, 2007.
- BOBINEAU, Olivier). *Dieu change en Paroisse. Une comparaison franco-allemande*, Rennes, Publications Universitaires de Rennes, 2005.
- BORRAS, Alphonse - *Les communautés paroissiales. Droit canonique et perspectives pastorales*, Paris, Cerf, 1996.
- CERTEAU, Michel de - *L'Invention du quotidien: I. Arts de faire*, Paris, Gallimard, 1990 [1980].
- \_\_\_ *L'Étranger ou l'union dans la différence*, Paris, Desclée de Brouwer, 1991 [1966].
- CHEVALIER, André (). *La paroisse post-moderne. Faire Église aujourd'hui: l'exemple du Québec*, Montréal, Éditions Paulines, Paris, Mediaspaul, 1992.
- CORDEIRO, Graça Índias & Luís Vicente BAPTISTA, António Firmino da COSTA – *Etnografias urbanas*, Oeiras, Celta, 2003.
- DELHEZ, Charles & Olivier SERVAIS (2007), Individualisme religieux, ultra-urbanité et pluralisme. *La Revue Nouvelle* 6-7, 35-41.
- DELTEIL, Gérard & Paul KELLER - *L'Église disséminée: itinérance et enracinement*, Paris, Cerf, 1995.
- FRÉMONT, Armand - Les territoires des hommes, *Project* 254, 33-38, 1998.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor - Cultures urbaines de la fin du siècle: la perspective anthropologie. *Revue Internationale de Sciences Sociales* 153, 381-392, 1997.



- HERVIEU-LÉGER, Danièle; avec la collaboration de Françoise Champion - *Vers un nouveau christianisme? Introduction à la sociologie du christianisme occidental*, Paris, Cerf, 2<sup>e</sup>1987.
- \_\_\_ *Le pèlerin et le converti. La religion en mouvement*, Paris, Flammarion, 1999.
- \_\_\_ *Catholicisme, la fin d'un monde*, Paris, Bayard, 2003.
- LAMBERT, Yves - *Dieu change en Bretagne. La religion à Limerzel de 1900 à nos jours*, Paris, Cerf, 1985.
- LEMIEUX, Raymond - L'effritement de la civilisation paroissiale. In: *L'état des religions dans le monde*, Montréal, Éditions du Boréal Express, 502-504, 1987.
- LISON TOLOSA, C. - *Antropología cultural de Galicia*, Madrid, Siglo XXI, 2<sup>e</sup>1974.
- MERCATOR, Paul - *La fin des paroisses? Recompositions des communautés, aménagement des espaces*, Paris, Desclée de Brouwer, 1997.
- PIVETEAU, Jean-LUC - *Le temps du territoire. Continuités et ruptures dans la relation de l'homme à l'espace*, Genève, Éditions Zoé, 1995.
- POCHE, Bernard - *L'espace fragmenté. Éléments pour une analyse sociologique de la territorialité*, Paris, L'Harmattan, 1996.
- ROOF, Wade Clark (). *A Generation of Seekers. The Spiritual Journeys of the Baby Boom Generation*, San Francisco, Harper, 1993.
- \_\_\_ Spiritual seeking in the United States: Report on a panel study. *Archives des Sciences Sociales des Religions* 109, 49-66, 2000.
- ROUTHIER, Gilles - La paroisse: ses figures, ses modèles et ses représentations. In: Gilles ROUTHIER & Alphonse BORRAS, dir., *Paroisses et ministère: métamorphoses du paysage paroissial et avenir de la mission*, Québec, Paris, Médiaspaul, 197-251, 2001.
- SALGUEIRO, Teresa Barata - *Lisboa, periferia e centralidades*, Oeiras, Celta, 2001.
- SANDRE, Italo De - Emozioni nell'esperienza religiosa: rigenerazione o dispersione di energie e di senso. *Religioni e Società* XXII: 57, 109-116, 2007.
- SEYMOUR, S. & C. WATKINS - The decline of the country parish? Sixty years of parochial change in the diocese of Lincoln and Southwell, *The East Midland Geographer* 17, 12-21, 1994.
- SILVANO, Filomena – *Territórios da identidade*, Oeiras, Celta, 1997.

- SIMMEL, Georg – A metrópole e a vida do espírito. In: Carlos FORTUNA, org., *Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia*, Oeiras, Celta, 31-43, 1997.
- TEIXEIRA, Alfredo – Berger versus Berger. O ocaso da religião ou o seu regresso à cidade secular? *Theologica*, 2ª série, 38:2, 249-272, 2003.
- \_\_\_ «Entre a exigência e a ternura». *Uma antropologia do habitat institucional católico*, Lisboa, Paulinas, 2005a.
- \_\_\_ A instituição paroquial e a família. Serviço público de religião? *Communio* 22:1, 55-66, 2005b.
- \_\_\_ A palavra distribuída: figuras da interlocução grupal no campo católico. *Didaskalia* 35, 663-683, 2005c.
- \_\_\_ «Os índios do interior»: a instituição do crer e a folclorização do religioso segundo Michel de Certeau. *Didaskalia* 36:2, 165-193, 2006ª.
- \_\_\_ «Casar pela Igreja»: pedagogia paroquial e «terciarização» dos estilos de vida. *Theologica*, 2ª série, 41:1, 75-96, 2006b.
- WILLAIME, Jean-Paul - Surmodernité et religion duale. In: Liliane VOYÉ, dir., *Figures des Dieux. Rites et mouvements religieux. Hommage à Jean Remy*, Bruxelles, De Boeck Université, 235-246, 1996.

# Avaliação da profissionalidade docente (\*)

MARIA DOS PRAZERES CASANOVA (\*\*)

## Introdução

O tema da avaliação da profissionalidade docente surgiu da necessidade de entendermos um pouco mais toda a complexidade da avaliação do desempenho na docência. Sob este ponto de vista, estamos neste momento a viver um momento importante.

Definimos como objectivos desta comunicação:

1. Conhecer os princípios base da Avaliação da profissionalidade docente.
2. Identificar a noção de Avaliação de Desempenho da profissionalidade.
3. Apresentar sugestões para a elaboração do Plano Individual de Desenvolvimento para os docentes de Educação Moral e Religiosa Católica.

Propomo-nos neste trabalho abordar o conceito de avaliação e o de profissionalidade e de avaliação de desempenho da profissionalidade docente. Relativamente à avaliação da profissionalidade docente identificaremos quais as suas funções, as suas modalidades e ainda os instrumentos de avaliação. Por fim, daremos uma pequena sugestão de ordem prática para a elaboração do Plano Individual de Desenvolvimento.

Em jeito de conclusão formularemos algumas questões que deixaremos à vossa reflexão.

---

(\*) Este texto corresponde a uma exposição apresentada por ocasião do Programa de Formação Creditada para Docentes organizada em 2008 pelo Secretariado Diocesano do Ensino Religioso da diocese de Lisboa e a Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa. (N.E.)

(\*\*) Doutorada em Ciências da Educação pela Universidade de Évora, Mestre em Gestão Educacional pela Universidade Católica Portuguesa. Licenciada em Ciências religiosas pela Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa. Docente de EMRC. Membro da equipa de Programas de EMRC, edição de 1990. Orientadora de Estágio de docentes de EMRC (1990-1999).

Entendemos como limite deste texto o estar mais vocacionado para o professor que é avaliado e não tanto para o avaliador, uma vez que o exemplo prático é a sugestão para apresentação do Plano Individual de Desempenho. Não é nossa intenção estabelecer a relação entre o modelo de avaliação de desempenho em vigor em Portugal e nos restantes países da OCDE, assim como não iremos abordar os diferentes tipos e métodos de avaliação de desempenho por objectivos ou por competências.

## **1. Os Princípios Base da Avaliação da Profissionalidade Docente**

### **1.1. Definição de Conceitos**

Ao iniciarmos esta comunicação importa definirmos o que entendemos por avaliação e por profissionalidade docente.

O significado de *avaliação* apresentado pelo Instituto de Lexiologia e Lexicografia revela a avaliação como “1) acção de avaliar. 2) determinação, por cálculo mais ou menos rigoroso, do valor de algo; valor que é atribuído” (2001, p.433). Esta noção de avaliação aponta-nos para a existência de um processo possuidor de duas vertentes: a medição (através da qual podemos constatar o estado actual do objecto ou da situação que queremos avaliar) e a valoração (pela qual realizamos uma comparação entre os dados obtidos na medição, reflectindo “o como é”, ou “o como deveria ser”) (Zabalza, 1994, p.220; cf. Fantani, 2003).

Interessa-nos referir a noção de avaliação encontrada nos normativos relativos à formação de professores. A avaliação é um processo contínuo, que comporta a análise da actividade em função dos objectivos **previamente** definidos com o fim de vencer as dificuldades e “ajustar o trabalho docente ao quotidiano educativo” (Portaria nº 659/88, art. 17. 1). Poderemos ver nesta definição a sequência em que decorre o processo avaliativo: antes da avaliação, durante a avaliação e a prospectiva do futuro (Hadji, 1994).

O conceito de profissionalidade remete para o tipo de desempenho e saberes específicos da profissão docente: o conjunto de comportamentos, conhecimentos, destrezas, valores e atitudes que corporizam a especificidade de ser educador. O professor é a pessoa que tem que reencontrar espaços de interacção entre a dimensão pessoal e profissional de modo a assumir a sua própria formação e a lhe dar sentido na sua própria vida (Nóvoa, 1992, p.25).

Os pontos que caracterizam a profissionalidade docente fundamentam-se na capacidade de identificação, a qual requer capacidade de observação e análise do processo educativo e resolução dos problemas em situações de incerteza, na necessidade de “gestão do provável” (Hadgi, 1994, p.22), em situações de stress e de forte envolvimento pessoal (Perrenoud, 2002).

Parece-nos poder afirmar que a noção de profissionalidade apresenta no seu âmago um professor “considerado como um *profissional em situação* [...] capaz de se adaptar às diferentes situações com que se depara no exercício das suas funções” (Trindade, 2007, p.133) de acordo com os diferentes contextos específicos. O perfil de desempenho é o de um profissional comprometido e empenhado na missão de ensinar e implicado na aprendizagem de cada um dos alunos.

Entendemos a avaliação da profissionalidade docente como a avaliação de desempenho do docente em exercício efectivo das funções, nas dimensões preconizadas pelo Decreto-Lei 240/2001 de 31 de Agosto. No que se refere ao professor de Educação Moral e Religiosa Católica ainda teremos que ter em atenção o perfil específico de professor aprovado pela Comissão Episcopal da Educação Cristã.

## **1.2. A Avaliação de Desempenho Profissional**

A avaliação de desempenho dos professores não pode ser desligada, por um lado, da avaliação da escola enquanto organização aprendente, e da avaliação do processo de ensino e de aprendizagem (Casanova, 2005). Não é possível realizar uma avaliação de desempenho profissional sem ser inserido num determinado contexto, e sem esse mesmo contexto ser devidamente conhecido pelo avaliador (cf. Rodrigues e Peralta, 2008). Entendemos ainda que a avaliação de desempenho assumirá a vertente pessoal no quadro profissional.

A avaliação de desempenho docente justifica-se pela necessidade de assegurar que todos os professores ensinam com um nível mínimo de competência. É necessário que os alunos façam aprendizagens seguras, sérias, verdadeiras e reais, as quais são competência da escola. Os alunos têm que ir à escola para aprenderem verdadeiramente, rumo à perfeição e não apenas para se socializarem (cf. Patrício, 1997, p.34). E para revelar a qualidade do ensino que se pratica e, conseqüentemente, revelar os pontos

fortes e tornar mais claros os pontos fracos, é necessário um investimento formativo para poder ser melhorada a prática (cf. Trindade: 2007, p.132). Justifica-se ainda pela necessidade de identificar pessoas possuidoras de competências que conduzam ao exercício de outras funções no seio da comunidade educativa.

A finalidade última da avaliação de desempenho da profissionalidade docente é a tomada de decisões sobre o desempenho dos professores. Estas decisões deveriam ser eminentemente formativas, culminando na avaliação sumativa. No entender de Alonso(s.d.) existe a necessidade de identificar as causas que dificultam a execução da tarefa.

Partindo deste quadro de reflexão, a avaliação de desempenho preocupa-se com os resultados, com o desempenho e acompanhamento do avaliado, visando alcançar os objectivos.

### **1.3. Significado da Avaliação do Desempenho Pessoal e Profissional**

O conceito de avaliação de desempenho segundo Chiavenato (1999, p.189) é “a apreciação sistemática do desempenho de cada pessoa em função das actividades que desempenha, das metas e resultados a serem alcançados e do seu potencial de desenvolvimento”. Esta noção implica o carácter formativo da avaliação, visando o desenvolvimento do sistema, o desenvolvimento pessoal e profissional e a qualidade do ensino e, conseqüentemente, as aprendizagens dos alunos.

Na tentativa de concretizar este conceito, vamos adoptar a linha apontada por Trindade (2007) que segue a definição de avaliação retirada do modelo para a tomada de decisões preconizado por Alonso (1994). No seu entender, a “avaliação tem um **objecto** (avaliação do **quê?** ...) e constitui-se como um processo sistemático e contínuo de busca e organização da informação, para formular juízos de valor que sustentem tomadas de decisão (**objectivo** da avaliação) referentes a esse tal objecto” (2007, p.132). O objecto **de** avaliação é o desempenho docente enquanto que o objectivo **da** avaliação é a melhoria da profissionalidade docente.

Na construção do sistema de avaliação os fins constituem uma das suas partes, nomeadamente:

- a) A melhoria da escola e do ensino em sala de aula e a responsabilidade e desenvolvimento profissional (Velez, 2000).
- b) A identificação das diferenças – “qualitativas e quantitativas – entre o que realmente se faz e o que se deveria fazer, no desempenho das funções” docentes (Trindade, 2007, p. 32).

Se tivermos em atenção o Decreto Regulamentar 2/2008, de 10 de Janeiro, verificamos que a avaliação de desempenho docente apresenta duas vertentes: a primeira visa a “melhoria dos resultados escolares e a qualidade das aprendizagens” dos alunos e a segunda visa oferecer “orientações para o desenvolvimento pessoal e profissional” (Art. 3.2).

Uma boa avaliação profissional deve cumprir as seguintes funções:

1. A função diagnóstica, a qual serve de guia à implementação das acções de **consciencialização** e de superação das dificuldades detectadas.
2. A função instrutiva, em que os professores aprendem, incorporando uma nova experiência de aprendizagem profissional. O processo em si mesmo deve produzir uma síntese dos indicadores de desempenho.
3. A função educativa: pressupõe uma importante relação entre os resultados da avaliação e as motivações e atitudes dos professores face ao trabalho. A partir desta consciência pode-se definir uma estratégia de melhoria do professor.
4. A função de melhoria: é a última etapa neste processo. Esta função incrementa maturidade no avaliado. Parece-nos identificar duas fases: na primeira o docente é capaz de avaliar critica e permanentemente o seu desempenho, não teme os seus erros, mas aprende com os mesmos e é capaz de conduzir de maneira mais consciente o seu trabalho; o professor deseja aprender e gera em si próprio necessidades de perfeição. Num segundo momento, o docente é capaz de formular juízos sobre as estratégias que adopta e que visam melhorar a sua profissionalidade, as suas características pessoais e os seus resultados (Velez, 2000, p.3).

Neste processo consegue adaptar o ensino à turma de acordo com a diferenciação de ensino, elaborando as suas planificações de acordo com as necessidades dos diferentes alunos. Poderemos concluir que o professor, enquanto “construtor de currículo” e indicador de identidade, necessitará de conhecer muito bem os seus alunos para agir de acordo com as suas necessidades.

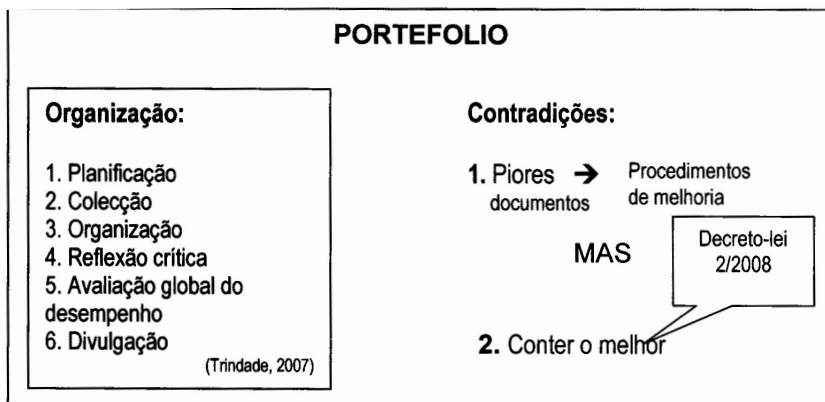
As funções apontadas por Velez (2000) apresentam uma dinâmica interactiva espiralada, alicerçada num diálogo franco e honesto entre avaliador e avaliado, e na credibilidade baseada em critérios e argumentos objectivos. O momento de chegada a um patamar de melhoria é simultaneamente o momento de partida em que o processo poderá recomeçar de forma muito mais frutuosa e reflexiva, encontrando novos caminhos de inovação.

A avaliação de desempenho profissional impõe que se interliguem as duas grandes modalidades de avaliação: a auto-avaliação e a hetero-avaliação. A auto-avaliação é também “uma hetero-avaliação, na medida em que o sujeito que avalia introduz uma distância entre o “eu” que aprecia e o “eu próprio” que é apreciado” (Hadji, 1994, p.53).

Para que o avaliado possa fazer uma auto-avaliação mais rigorosa, os instrumentos privilegiados são o Portefolio e o Diário (Trindade, 2007).

O *Portefolio* é uma colecção razoavelmente pequena e criteriosamente organizada de materiais e recursos produzidos e/ou recolhidos pelo professor, reveladores de evidências. Estas evidências deverão ser quantificadas e confiáveis, ou seja, válidas e fiéis ao ensino ministrado.

Estes materiais devem ser devidamente enquadrados por uma reflexão crítica, que no nosso entender, pode responder às seguintes questões: a razão da escolha do material; quais as razões que me levaram a realizar o processo de ensino e de aprendizagem deste modo, qual o grau de “agradabilidade” e de aprendizagem dos alunos, qual o significado que atribuo ao trabalho realizado e ainda, como o poderia realizar de outro modo (cf. Trindade, 2007, p.114).





Na construção do Portefolio ter-se-á em conta as seguintes etapas:

- a) Planificação (referem-se procedimentos sobre a implementação da metodologia a utilizar);
- b) Colecção: recolha de trabalhos, evidências e materiais relevantes do trabalho realizado; da competência pedagógica; do conhecimento dos conteúdos que lecciona e de outras competências pessoais e profissionais;
- c) Organização: os trabalhos devem estar organizados de forma a permitir um fácil acesso e consulta;
- d) Reflexão crítica sobre o trabalho realizado, as atitudes e os comportamentos vividos e a documentação inserida;
- e) A avaliação global do desempenho;
- f) A divulgação, ou seja, a entrega ao avaliador para análise e classificação (cf. Trindade, 2007 e s.a., s.d.). O Portefolio pode ser organizado numa pasta ou dossier ou em suporte digital.

Não poderemos deixar de chamar à atenção para a existência de contradições neste tipo de instrumento. Em primeiro lugar, o portefolio deveria conter a pior produção do professor para que fossem detectadas as necessidades do professor e, assim, fossem identificados os aspectos a melhorar, mas por outro lado, como instrumento de avaliação, é esperado que o mesmo contenha o melhor da sua produção. Se for mais valorizada a vertente avaliativa este instrumento, esta vai revelar uma imagem distorcida do real desempenho do professor. Em segundo lugar, o portefolio não poderá ser encarado como um instrumento de avaliação pontual e posteriormente abandonado no final do processo avaliativo. Deverá antes ser considerado um registo de vida, (ou seja, deverá ter em conta as emoções, os valores, as atitudes e comportamentos) para o crescimento profissional (cf. Trindade, 2007, p.145).

Uma pequena nota sobre o Diário: este deverá conter a descrição e a análise crítica, ou seja, os pontos fortes e os pontos que necessitam de melhoria. Estas reflexões deverão ser escritas no próprio dia da realização da actividade, sob pena de não sermos fiéis e de não nos lembrarmos de todos os pormenores relativos às actividades desenvolvidas (Estrela, 1990). Estes instrumentos poderão ser objecto de avaliação do por parte do avaliador.

No que respeita à hetero-avaliação, um dos principais instrumentos de avaliação é a observação de aulas, mas entendemos, também, que deverá

ser realizada a observação de actividades de enriquecimento curricular e de outras funções desenvolvidas pelo professor.

#### **Instrumentos usados na Hetero – Avaliação**

- Portefolio
- Observação de aulas
- Observação de outras actividades
- Resultados escolares dos alunos
  - ⇒ **Diferenciação pedagógica**
- ...

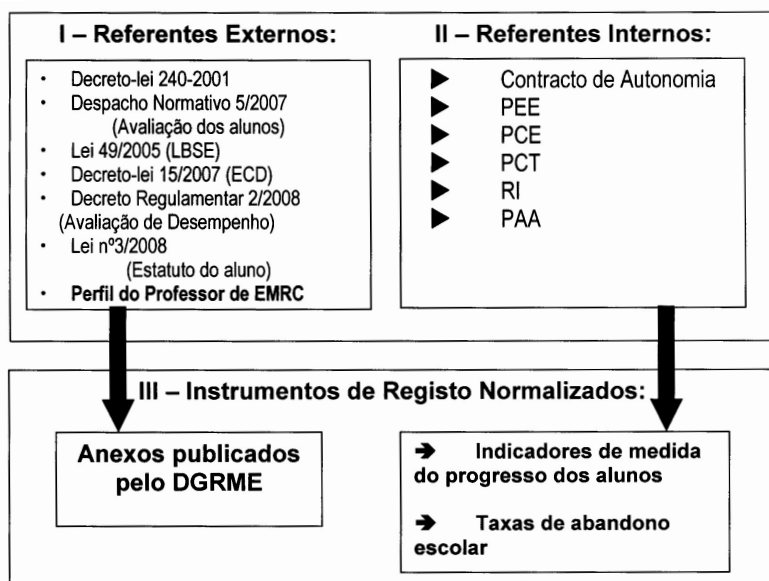
O Conselho Científico para a Avaliação de Professores aponta, também, como um dos instrumentos de avaliação, a análise dos resultados escolares dos alunos, o qual é seguido nalguns países membros da OCDE e, ainda, em países da América Latina. A análise deste instrumento comporta, em si mesmo, riscos, uma vez que o nosso sistema educativo não está preparado para dar resposta à diversidade de problemas apresentados pelos alunos. O sistema educativo deveria organizar-se em grupos de nível semelhante de aprendizagem e desenvolvimento cognitivo e emocional. Como atrás já referimos, temos consciência de que o professor terá que ser capaz de levar a cabo procedimentos de diferenciação pedagógica, em que alguns alunos poderão realizar determinada tarefa e outros outra tarefa, e no mesmo tempo lectivo, mas não tanto diferenciação quanto o número de alunos que a turma possui. É neste quadro conceptual que se realiza a avaliação de desempenho docente.

## **2. Sugestões para a Elaboração do Plano Individual de Desenvolvimento**

Ao fundamentarmos a avaliação de desempenho pessoal e profissional encontramos dois tipos de referentes. Os referentes externos são de duas ordens: 1) os normativos legais (Perfil Geral de Desempenho Docente (Decreto-Lei 240/2001 de 30 de Agosto), o Estatuto da Carreira Docente (Decreto-Lei 15/2007 de 19 Janeiro), o Decreto Regulamentar 2/2008 de 10 de Janeiro); 2) a operacionalização dos normativos legais ou seja os instrumentos de registo normalizados emanados pelo Ministério da Educação.

Os referentes internos são também de duas ordens: 1) os normativos internos: (Contrato de Autonomia, o Projecto Educativo de Escola, o Regulamento Interno, o Projecto Curricular de Escola, o Projecto Curricular de Turma (nas escolas que aceitam que constitua um referente) e o Plano anual de Actividades); 2) a operacionalização dos normativos atrás referidos, ou seja, os instrumentos de registo normalizados construídos pela escola.

No que respeita ao professor de Educação Moral e Religiosa Católica é necessário considerar, ainda, o seu perfil específico, o qual se organiza em três dimensões, a saber: 1) A Dimensão de Educador, 2) Como Testemunho de Fé e 3) Dinamismo da Conversão.



### Triangulação de Referentes Externos e Internos

Como sabemos o Perfil Geral de Desempenho Docente está organizado em quatro grandes dimensões: 1) Profissional, Social e Ética; 2) Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem; 3) Dimensão de Participação na Escola e de Relação com a Comunidade e 4) Dimensão de Desenvolvimento Profissional ao Longo da Vida. Entendo que todos os outros normativos terão que ser vistos à luz do Perfil Geral de Desempenho. Parece-me ser mais simples definir os objectivos do Plano Individual de Desenvolvimento se triangularmos os diferentes normativos e instrumentos normalizados a partir destas categorias.

O perfil do professor de Educação Moral e Religiosa Católica não contradiz o Perfil Geral de Desempenho Docente, somente lhe atribui um matiz específico ao Ser Professor em determinado contexto.

Este processo é algo complexo uma vez que teremos que conjugar diferentes normativos e diferentes instrumentos normalizados e ainda o que cada um dos professores deseja alcançar enquanto pessoa.

É com este pano de fundo complexo que os professores formularão o **Plano Individual de Desenvolvimento**.

Consideramos que o Plano deverá apresentar: 1) as metas que o professor deseja atingir no exercício do seu desempenho pessoal e profissional, de acordo com o contexto em que se insere; 2) a formulação de objectivos; 3) a apresentação de estratégias de forma atingir os objectivos definidos e 4) propostas de indicadores classificativos podendo, em alguns casos, propor-se indicadores de medida.

Vamos apresentar o modo como pensamos que se poderá elaborar o **Plano Individual de Desenvolvimento**, numa das suas vertentes, como mero exemplo de trabalho futuro. Propomos, então, o seguinte modelo:

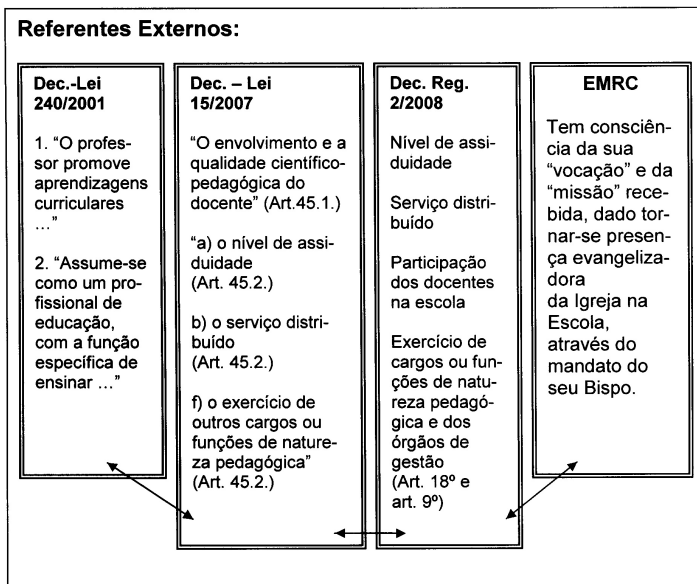
<b>Plano Individual de Desenvolvimento</b>		
<b>Meta: ...</b>		
<b>Vertente: ...</b>		
<b>Fundamentação:</b>		
1. Indicadores dos diferentes normativos		
2. Indicadores dos diferentes instrumentos de registo normalizados		
<b>Objectivo Geral 1: ...</b>		
<b>Objectivos Específicos</b>	<b>Estratégias</b>	<b>Indicadores de medida</b>
1.1. ...	a.	a.1.
1.2. ...	b.	b.1.

**Proposta de Plano Individual de Desenvolvimento**

A partir deste modelo entendemos que a nossa meta poderá ser: *Mobilizar saberes significativos capazes de motivar os alunos a participarem nas aulas de Educação Moral e Religiosa Católica.*

### 3. Formulação de objectivos: Vertente Profissional e Ética

No que se refere à **Vertente Profissional e Ética**, podemos constatar que, no Decreto-Lei 240/2001 de 30 de Agosto, o ponto 1 afirma: “O professor promove aprendizagens curriculares, fundamentando a sua prática profissional num saber específico resultante da produção e uso de diversos saberes integrados em função das acções concretas da mesma prática, social e eticamente situada” e no ponto 2. “Assume-se como um profissional de educação, com a função específica de ensinar [...]”. Entendemos que o Decreto-Lei 15/2007 aponta como parâmetro classificativo “O envolvimento e a qualidade científico-pedagógica do docente” (art. 45.1) de forma a poder medir este parâmetro, ou seja, como indicador de classificação o artigo 45 aponta no seu ponto “2. a) o nível de assiduidade; b) o serviço distribuído” e “f) o exercício de outros cargos ou funções de natureza pedagógica”. O **Decreto Regulamentar 2/2008** acrescenta a estes indicadores de classificação a “participação dos docentes no agrupamento ou escola não agrupada” em que se valoriza o número de actividades que lhe foram distribuídas e aquelas em que o professor participou, e ainda, a qualidade da sua participação para os objectivos previamente formulados serem atingidos (cf. 1. d). É de salientar que este item é de ter em atenção na formulação dos objectivos individuais.



**Triangulação dos referentes externos**

No Decreto-Lei 240/2001 de 30 de Agosto a dimensão **Profissional Social e Ética** aponta uma vertente eminentemente científico-pedagógica na linha da dimensão do Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem. Os indicadores que enformam esta dimensão foram “perdidos” nos normativos seguintes. Por esse motivo, entendemos tê-los em consideração na vertente do Desenvolvimento do Ensino e da Aprendizagem.

Ao atendermos ao perfil dos professores de Educação Moral e Religiosa Católica parece que o item “Tem consciência da sua “vocação” e da “missão” recebida, dado tornar-se presença evangelizadora da Igreja na Escola, através do mandato do seu Bispo” resume todos os outros itens relativos a esta dimensão.

No que se refere aos *Instrumentos de Registo Normalizados* o **Anexo IV** – Auto-avaliação, propõe 1) A avaliação do cumprimento do serviço lectivo e dos seus objectivos individuais estabelecidos neste âmbito, enquanto que o **Anexo XIII** – Avaliação Efectuada pelo Conselho Executivo e/ou director, apresenta como indicador classificativo o cumprimento do serviço lectivo (A.1.1.- A.1.5.), o apoio às aprendizagens dos alunos – grau de cumprimento do serviço e dos respectivos objectivos individuais, empenhamento no apoio individual aos alunos (A.2. – A.2.1.2.) e cumprimento do serviço na componente não lectiva (A.3.1.).

### III – Instrumentos de Registo Normalizados:

#### Externos:

Anexo IV – Auto-avaliação

1. A avaliação do cumprimento do serviço lectivo e dos seus objectivos individuais estabelecidos neste âmbito.

Anexo XIII – Avaliação Efectuada pelo Conselho Executivo e/ou Director:

- Cumprimento do serviço lectivo (A.1.1. – A.1.5.)
- Apoio às aprendizagens dos alunos, grau de cumprimento do serviço e dos respectivos objectivos individuais.
- Empenhamento no apoio individual aos alunos. (A.2. – A.2.1.2.)
- Cumprimento do serviço na componente lectiva (A.3.1.)

#### Internos:

**Cada escola constrói os seus tendo em conta:**

- O contexto.
- As Competências Gerais do aluno.
- Taxas de Abandono dos alunos.

### Triangulação dos Instrumentos de Registo Normalizados

Tendo ainda em conta os objectivos formulados no Contrato de Autonomia, no PEE, no RI, no PCE, no PCT e no PAA de cada uma das escolas, os instrumentos de registo normalizados realizados nas escolas e as aspirações do professor, este definirá os seus próprios objectivos individuais que apresenta ao Presidente do Conselho Executivo e/ou ao Professor avaliador.

Deste modo propomos como possíveis os seguintes **objectivos**:

1. Assumir-se como profissional de educação.  
Saber assumir a profissionalidade e deontologia como cidadã(o) e professor(a) de Educação Moral e Religiosa Católica.

Sugerimos as seguintes **estratégias e os indicadores** de classificação que poderão servir de medida para verificar o grau de exequibilidade deste objectivo geral:

**a. Possui saberes específicos da profissão docente e uma cultura humanista de cariz cristã.**

- a.1. Inspira confiança no conhecimento e compreensão dos outros através de um diálogo franco e aberto.

**b. Realização do Serviço lectivo distribuído.**

- b.1. Cumprimento do serviço lectivo distribuído com taxa de cumprimento entre os 95 e 100%, recorrendo, se necessário e possível, a permutas com outros professores.

**c. Exercício de cargos de natureza pedagógica e outras funções pedagógicas.**

- c. 1. Exercício de cargos de natureza pedagógica revelando conhecimento científico-pedagógico, eficácia, eficiência, diálogo e abertura aos outros.

**d. Organização e participação em Actividades de Enriquecimento Curricular.**

- d.1. Organização e participação de três a cinco Actividades de Enriquecimento Curricular constantes no PAA.

**e) Cumprimento do Serviço e objectivos do apoio educativo.**

- e.1. Cumprimento do serviço no apoio individual aos alunos numa taxa de cumprimento entre os 95 e 100%.

Este item coloca dificuldades acrescidas aos professores que não possuem atendimento personalizado de cada um dos alunos. Deverá ter-se somente em atenção o apoio prestado pelo professor em contexto de sala de aula.

**f. Avaliação da Importância das actividades realizadas.**

f.1. Participação dos alunos nas diferentes actividades propostas numa taxa de cumprimento entre 90 a 100% em relação aos alunos definidos previamente.

f.1.2. Avaliação positiva das actividades por parte dos alunos.

Este processo terá que ser realizado para cada uma das outras dimensões do perfil geral de desempenho docente.

Em jeito de conclusão, terminamos formulando algumas questões:

1. Como realizar procedimentos de melhoria da profissionalidade docente num contexto de avaliação formativa, quando o Decreto Regulamentar 2/2008 dá tanta ênfase à avaliação sumativa?
2. Como definir objectivos que avaliem o nosso procedimento anterior?
3. Como gerar processos de confiança entre avaliador e avaliado, construindo grupos de aprendizagem mútua?
4. Será que a avaliação de desempenho profissional por si só melhora a qualidade do ensino? E a aprendizagem dos alunos?
5. Será possível organizar e executar este modelo tão complexo sem um corpo especializado de docentes, com formação específica na área da avaliação, da supervisão, da gestão educacional como preconiza a OCDE (1989)?
6. Não será melhor a existência de um *corpo de Professores* externo à escola, independente, que não sofresse a pressão dos seus pares, mas que fosse conhecedor do contexto em que se insere a escola e também possuísse formação especializada?



BIBLIOGRAFIA

- (s.a.) (s.d.) . *Apoio na Construção de um Portfólio*, in: <http://www.meintegra.ics.uminho.pt/docs/ficheiros/portfolio.pdf> (acedido em Fevereiro de 2008).
- ALONSO, M. (Dir.) - *Evaluación Curricular*, Madrid, Siglo Veintiuno de España Editores, S.A., 1994.
- ALONSO, M. (s.d.) *Modelos de Evaluación Curricular* (cap. 5), in: <http://sid.usal.es/docs/F8/8.11-5039/cap5.pdf> (acedido em Fevereiro de 2008).
- CASANOVA, M. P. – *A Escola como Observatório de Diagnóstico de Necessidades de Formação Continua: Um estudo de Caso* (Texto Policopiado), Évora, Universidade de Évora, 2005.
- CHIAVENATO, I. – *Gestão de Pessoas: o Novo Papel dos Recursos Humanos nas Organizações*, Rio de Janeiro, Campos, 1999.
- CONTRERAS, J. A. - *Autonomia de Professores*, São Paulo, Cortez, 2002.
- HADJI, C. – *Avaliação, Regras do Jogo*, Porto, Porto Editora, 1994.
- INSTITUTO DE LEXIOLOGIA E LEXICOGRAFIA, *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, Lisboa, Verbo, 2001.
- LANDSHEERE, G. - *Dictionnaires de l'Évaluation et de la Recherche en Éducation*, Paris, PUF, 1969.
- MAURA, V. G. (s.d.) - El Diario como Instrumento de Diagnóstico y Estimulación del Desarrollo Profesional del Profesorado, *Revista Iberoamericana de Educación*, in <http://www.rieoei.org/deloslectores/1248Gonzalez.pdf> (acedido em Março de 2008).
- MORGADO, P. – *O Processo Negocial*, Lisboa, Editora McGraw-Hill de Portugal, 1994.
- NOVOA, A. – Formação de Professores e Profissão Docente, in A. Nóvoa (Coord.) *Os Professores e a sua Formação*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1992.
- PERRENOUD, P. – *A Prática Reflexiva no Ofício de Professores: Profissionalização e Razão Pedagógica*, Porto Alegre, Artmed, 2002.
- RODRIGUES, A., PERALTA, H. – Algumas Considerações a Propósito da Avaliação do Desempenho dos Professores, in [http://www.dgrhe.min-edu.pt/DOCENTES/PDF/Docente/AvaliacaoDesempenho/TextosApoio\\_AvDesempenho.pdf](http://www.dgrhe.min-edu.pt/DOCENTES/PDF/Docente/AvaliacaoDesempenho/TextosApoio_AvDesempenho.pdf) (acedido em Março de 2008).

*Avaliação da profissionalidade docente*

SNEC (s.d.) Perfil do Professor de Educação Moral e Religiosa Católica, in: <http://www.emrcdigital.com/htmls/612.shtml> (acedido em Março de 2008).

STRAUVEN, C. – *Construir uma Formação. Definição de Objectivos e Exercícios de Aplicação*, Porto, Asa, 1994.

TRINDADE, V. – *Práticas de Formação. Métodos e Técnicas de Observação, Orientação e Avaliação (em Supervisão)*, Lisboa, Universidade Aberta, 2007.

UNESCO, Evaluación del Desempeño y Carrera Profesional Docente. Una Panorámica de América y Europa.

In:[http://www.oei.es/docentes/evaluacion\\_desempeno\\_carrera\\_docente\\_2\\_edicion\\_2007.pdf](http://www.oei.es/docentes/evaluacion_desempeno_carrera_docente_2_edicion_2007.pdf).

VELEZ, H. Evaluación del Desempeño Docente. In <http://www.oei.es/de/rifad01.htm>; <http://www.oei.es/de/rifad02.htm>; <http://www.oei.es/de/rifad03.htm> (acedido em Março de 2008).

Lei n.º 10/2004 de 22 de Março.

Lei 49/2005 de 30 de Agosto.

Lei n.º 3/2008 de 18 de Janeiro.

Decreto-Lei 240/2001 de 30 de Agosto.

Decreto-Lei 15/2007 de 19 de Janeiro.

Portaria n.º 659/88 de 29 de Setembro.

Decreto-Regulamentar 2/2008 de 10 de Janeiro.

**Dossier**

**«Reflectir sobre  
a catequese de  
adultos»**



# Porque é que não chegamos a desenvolver uma catequese de adultos? (\*)

HENRI DERROITTE (\*\*)

## Formulação das questões e desafios próprios da catequese de adultos

«A Igreja de amanhã será em parte o reflexo da catequese de adultos de hoje»: eis o que escrevia, há já cerca de trinta anos, Jacques Piveteau<sup>1</sup>. Sob todos os pontos de vista, esta intuição tem sido lembrada e desenvolvida: prioridade aos adultos, lugar para os adultos, importância da catequese dos adultos. “A catequese dos adultos deve ser considerada como uma forma privilegiada da catequese” repisam os textos do magistério romano, desde o Directório de 1970 (n.20), até ao de 1997 (n.57), passando pela exortação apostólica *Catechesi tradendae* (n.43).

Ao mesmo tempo, somos forçados a constatar que, pelo menos nos nossos países<sup>2</sup>, o essencial da actividade catequética é centrada nos processos de iniciação sacramental das crianças e dos jovens adolescentes. Se englobarmos os cursos de religião dados nas escolas e o essencial das iniciativas catequéticas paroquiais, podemos dizer que a informação sobre o cristianismo é oferecida, pelo menos na Bélgica, entre as idades de 6 e 18 anos.

---

(\*) Conferência pronunciada no Institut Supérieur de Pastorale Catéchétique do Instituto Católico de Paris, em 9 de Março de 2006. (N.E.)

(\*\*) Director da revista e das edições *Lumen Vitae*. Professor na Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Lovaina, onde é responsável pela unidade de investigação em teologia pastoral.

<sup>1</sup> J.PIVETEAU, *La Catéchèse des adultes et l'Église, Catéchèse*, t. 19, 1979, p. 116-117.

<sup>2</sup> O autor refere-se à França e à Bélgica.

*Porque é que não chegamos a desenvolver uma catequese de adultos?*

O tema principal desta reflexão será o de compreender esta perspectiva e de observar se é necessário (antes de mais), possível (de seguida) superá-la. O plano deste artigo é, assim, o seguinte:

- veremos, antes de mais, como as Igrejas contemporâneas falam da catequese dos adultos;
- procuraremos as justificações avançadas para designar a catequese de adultos como uma opção privilegiada;
- queremos examinar se esta prioridade é, do ponto de vista da fé, necessária;
- olharemos, com liberdade crítica, os desafios da opção tomada por uma catequese de adultos avançada. Quereríamos ver se, para além das afirmações teóricas, um pouco encantatórias, sobre a prioridade dada aos adultos, a Igreja local está verdadeiramente preparada para dar esse passo;
- situaremos a catequese de adultos num projecto catequético diocesano global;
- e terminaremos com uma breve conclusão.

## **1. Quando as Igrejas falam da catequese dos adultos**

Mede-se melhor a evolução do pensamento da Igreja contemporânea a propósito das idades dos destinatários da catequese tomando como ponto de partida da nossa reflexão um texto do Concílio Vaticano II. No *Decreto Sobre o Múnus Pastoral dos Bispos*, n. 14, lê-se: «Vigiem que a instrução catequética, ... seja cuidadosamente ministrada quer às crianças e aos adolescentes, quer aos jovens, quer até aos adultos».

Esta concessão de fim de frase vai evoluir rapidamente, pois os textos do magistério que se seguirão fazem-no no seu rasto, encontrando-se a qualificação da catequese dos adultos como a forma privilegiada de toda a catequese, «à qual, todas as outras, se bem que indispensáveis, estão de certo modo ordenadas»<sup>3</sup>.

No seguimento desta nova orientação, muitos países europeus publicaram sínteses de fé, «catecismos» para adultos. Também apareceram numerosos

---

<sup>3</sup> *Directório Geral da Catequese*, 1970, n.20.

textos dos magistérios locais sobre os modos de colocar em marcha este deslocamento e esta prioridade dos adultos<sup>4</sup>. Vejamos um curto florilégio.

Os bispos alemães: «a catequese de todas as fases da vida deve alinhar-se fundamentalmente sobre a catequese de adultos (cf. DGC, 1997, n.171). Os começos da fé que são possíveis às crianças e aos adolescentes são os primeiros passos de um caminho que deve ser prosseguido se se pretende levar a uma fé de adulto responsável e fecunda»<sup>5</sup>.

Os bispos do Québec: «o conjunto da formação da vida cristã está ligado à visão da Igreja e ao perfil do crente adulto que a evangelização procura actualizar»<sup>6</sup>.

Encontramos textos do mesmo âmbito na maior parte dos países ocidentais<sup>7</sup>. Que eu conheça, são os bispos americanos quem publica o texto mais desenvolvido sobre este tema, em 1999<sup>8</sup>.

Nesta fase, é muito importante notar que a insistência oficial no sentido da prioridade a dar à catequese de adultos se acompanha, sempre, de uma dupla articulação, à qual voltaremos: a descoberta da importância do modelo catecumenal e a da necessidade de pensar a maturação da fé. De novo, algumas ilustrações.

Os bispos holandeses, a propósito da ligação entre catequese de adultos e catecumenado: «Por catecumenado, nós entendemos os processos de pessoas que, na idade adulta, se preparam para vir a ser católicos. Mas na nossa época, este termo recebe uma conotação suplementar, sobretudo em relação à catequese. Torna-se cada vez mais claro que a catequese é um processo que dura toda a vida. Os crentes não cessam jamais de ser discípulos na fé. É o que se chama modelo catecumenal. Entende-se aqui

---

<sup>4</sup> Cf. a análise de E. ALBERICH, "Catechesi «adulta» in chiesa «adulta»", em *Orientamenti pedagogici*, t. 38, 1991, p. 1361-1384.

<sup>5</sup> Conferência episcopal alemã, *A catequese numa época de mudança*, 22/6/2004, nº3.3.

<sup>6</sup> Assembleia dos bispos do Québec, *Jésus-Christ, chemin d'humanisation. Orientations pour la formation à la vie chrétienne*, Montréal, Médispaul, 2004, p.60.

<sup>7</sup> Da Conferência Episcopal Portuguesa, por exemplo, a Instrução Pastoral *Formação cristã de base dos adultos*, 1994. (N.T.)

<sup>8</sup> Bispos dos EUA, *Our Hearts Were Burning Within Us. A Pastoral Plan for Adult Faith Formation in the United States*, nov. 1999. Em <http://www.usccb.org/education/ourheatts.htm>

*Porque é que não chegamos a desenvolver uma catequese de adultos?*

que os homens e as mulheres, crentes ou não, permanecem discípulos da fé toda a sua vida. Tal significa que os próprios crentes são chamados a aprofundar a sua fé e a partilhá-la com os outros. Seremos obrigados a criar as estruturas e os meios necessários a este fim<sup>9</sup>».

Também os trabalhos do Sínodo de 1977 e o texto dos bispos italianos de 1988 sobre a maturação da fé: «A catequese é um itinerário permanente de maturação cristã que acompanha o cristão desde a idade pré-escolar até à morte»<sup>10</sup>. «A Igreja pode dar razão da sua esperança na medida da maturidade da fé dos adultos»<sup>11</sup>.

À escala da reflexão belga, é necessário salientar o artigo precursor de Joseph Goffinet publicado em 1966 na revista eclesiástica de Liège, que apelava a que se caminhasse para uma fé adulta, isto é, pessoal, comprometida com o trabalho e o amor humano, comprometida com a Igreja, humilde e fiel face às dificuldades de crer<sup>12</sup>.

## **2. Porquê esta prioridade da catequese de adultos?**

Para irmos mais longe na nossa reflexão, é-nos necessário procurar as diversas explicações avançadas para justificar esta prioridade dada ao adulto. Não se muda, sem razões, um dispositivo eclesial tão pesado e solidamente implantado!

Na esfera francófona, um artigo de título provocador, daquele que foi, durante muito tempo, um dos mais ardentes promotores da transmissão religiosa, foi o mais impressionante revelador desta necessidade de mudança. Quero, bem entendido, invocar a figura de Pierre Babin e um seu célebre texto, intitulado: «Eu abandono a catequese»<sup>13</sup>.

Ao ler-se este texto, compreende-se que seria mais exacto dar-lhe o título «eu abandono a catequese das crianças». De facto, Pierre Babin constata

---

<sup>9</sup> *A finalidade da Palavra de Deus. Carta sobre a catequese da conferência episcopal holandesa*, dez. 2004, III.3.

<sup>10</sup> Mensagem do Sínodo sobre a catequese, 1977, proposição n.º 15 (cit. P-A GUIGUERE, *Catéchèse et maturité de la foi*, (Coll. Théologies pratiques), Bruxelles-Montréal, Lumen Vitae & Novalis, 2002, p.10).

<sup>11</sup> Bispos italianos, *Il rinnovamento della catechesi*, 1988, n.º 124.

<sup>12</sup> J.GOFFINET, «Vers une foi adulte», *Revue ecclésiastique de Liège*, t.52, 1966, p.97-103.

<sup>13</sup> P.BABIN, «J'abandonne la catéchèse», *Catéchistes*, n.º 76, octobre 1968, p.415-427.



o fracasso frequente da catequese junto dos jovens e defende a passagem ao adulto pois, escreve ele, «a consciência e a liberdade em estado de maturidade, é essencialmente algo do adulto»<sup>14</sup>. «A catequese, originária dos tempos de cristandade, dirige-se inicialmente às crianças, depois, aos adolescentes. Porquê? Porque esta idade era precisamente, tal como a cristandade, a das “contaminações”, a idade das “misturas” inconscientes entre as dimensões da fé e as da vida»<sup>15</sup>. É em vão que se queira prolongar este sistema. Os tempos mudaram. Encontramos, assim, uma primeira explicação para a passagem aos adultos, justificada por uma evolução do contexto religioso e cultural contemporâneo. Obstar-se em querer, apenas, melhorar os esforços catequéticos junto das crianças não será suficiente: «não se trata de indefinidamente aperfeiçoar o motor a hélice, explica P.Babin, mas é necessário fazer *jets* supersónicos»<sup>16</sup>.

Para além desta primeira explicação que apela *in fine* a uma pesquisa sobre a hermenêutica da transmissão e da inculturação da apresentação crente, outras justificações da passagem ao adulto foram reflectidas e avançadas. Penso que podemos apresentá-las em quatro aglomerações.

**Justificações ligadas ao acto de fé em si-mesmo:** o acto de fé, que é resposta pessoal e livre, não é verdadeiramente autêntico se não quando se avança para a possibilidade de recusa. «O testemunho da fé não tem por finalidade a transmissão desta, mesmo se, bem entendido, se possa desejá-lo; ele é, antes de mais, um acto de caridade em que se oferece ao outro, sem cálculo, o melhor daquilo que se tem, deixando-lhe a liberdade de daí retirar o que quiser para prosseguir o seu caminho e construir a sua vida»<sup>17</sup>. A figura do ser humano como livre de receber ou de declinar uma proposta é, certamente, a figura de um adulto. Nestes tempos de incerteza religiosa, a questão do crer individual nunca está, definitivamente, regulada<sup>18</sup>. O adulto não cessa de se interrogar e de passar, através de dúvidas e respostas

---

<sup>14</sup> P.BABIN, op.cit., p.418.

<sup>15</sup> P.BABIN, op. cit., p. 419.

<sup>16</sup> É preciso notar que, segundo outros autores, esta maneira de justificar a importância da catequese de adultos não é a mais apropriada. Emitindo dúvidas sobre a qualidade da catequese das crianças, fragilizar-se-ia todo o edifício catequético. Ver, por exemplo, L.McKENZIE, *The purpose and scope of adult religious education*, in: N.FOLTZ (dir.) *Handbook of adult religious education*, Birmingham (Alabama), Religious Education Press, 1986, p.7.

<sup>17</sup> A.FOSSION, «L'évangélisation comme surprise», *Lumen Vitae*, t.59, 2004/1, p.43.

<sup>18</sup> H.DERROITE, *La catéchèse décloisonnée*, Bruxelles, Lumen Vitae, 2004, p.32-33.

*Porque é que não chegamos a desenvolver uma catequese de adultos?*

provisórias, de questões em questões. A ideia de um equipamento catequético completamente estabilizado no final da adolescência é, cada vez mais, considerado como um absurdo.

Acrescentemos que, na reflexão crítica de numerosos pedagogos da religião anglo-saxónicas, o cristianismo é uma religião adulta (que aborda temáticas adultas): «é pela sua natureza que o cristianismo e o seu ensino devem centrar-se no mundo adulto»<sup>19</sup>.

Esta lógica encontrou, historicamente, o seu ponto de apogeu (sem dúvida, um exagero) em Ronald Goldman, um especialista de catequese inglês que teve uma grande influência na educação religiosa dos jovens na Grã-bretanha e nos Estados Unidos da América durante os anos de 1960 a 1975: R.Goldman retoma, por conta própria, uma fórmula que não inventou («A Bíblia é um livro para adultos»), mas fá-lo com base numa argumentação que apresenta como científica e absoluta: por causa dos limites do desenvolvimento da criança, esta é incapaz de compreender a Bíblia. A Bíblia é um livro «written by adults for adults»<sup>20</sup>. As crianças entre os 6 e os 9 anos vão compreender literalmente as histórias bíblicas. Este literalismo vai provocar confusão e obrigará, mais tarde, a um esforço para a desaprender. Por exemplo, segundo o autor, contar a história de Jesus a crianças com idade inferior a dez anos deixar-lhes-á uma impressão de que Jesus é um super-mágico. Tal feito obrigará, a fim de evitar as graves crises da adolescência, a uma penosa desaprendizagem. Em lugar da Bíblia, R.Goldman sugere uma educação religiosa com base nas experiências, alimentada pelos temas da vida.

**Justificações ligadas à missão evangelizadora:** o pontificado de João Paulo II foi muito claramente marcado pelo desejo de pregar, no seio das sociedades des cristianizadas, uma «nova evangelização». A quando da sua viagem à Bélgica, em 1985, o Papa fez deste tema o fio condutor da sua visita pastoral.

O aprofundamento desta abordagem missionária conduziu a que se confiasse esta responsabilidade missionária a todos os baptizados. O missionólogo sul-africano David Bosch escreveu a este propósito: «uma das

---

<sup>19</sup> G. MORAN, «Prospective catéchétique», *Catéchistes*, nº74, avril 1968, p.203.

<sup>20</sup> R. GOLDMAN, *Readiness for Religion: a Basis for developmental Religious Education*, London, Roulledge and Keagan, 1965, p.71.

mutações mais espectaculares observáveis na Igreja é a que a fez passar de uma concepção de um ministério monopolizado pelos homens especializados para esse efeito, para uma noção de responsabilidade de conjunto do Povo de Deus, consagrado ou não»<sup>21</sup>. Na *Lumen Gentium* encontra-se esta apresentação da apostolicidade da Igreja: «Assim como o Filho foi enviado pelo Pai, assim também Ele enviou os Apóstolos (cf. Jo 20,21) dizendo: «ide, pois, ensinai todas as gentes, baptizai-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinai-as a observar tudo aquilo que vos mandei. Eis que estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos» (Mt 28, 19-20). ... A todo o discípulo de Cristo incumbe o encargo de difundir a fé».<sup>22</sup> É, pois, a Igreja inteira, toda a Igreja, que é apostólica. A linha fundamental é de uma apostolicidade de toda a Igreja. «Toda a Igreja é apostólica na medida em que ela se baseia na fidelidade ao testemunho dos Apóstolos e vive dos dons do Espírito»<sup>23</sup>.

A condição do discípulo é, claramente, a de partilhar a missão evangelizadora (Act 8, 4-12; 10, 36: 11, 20). Mas esta pretensão, esta audácia missionária, acompanha-se forçosamente, sempre, de um tempo de paragem em torno das qualidades do evangelizador. Como o lembra naturalmente o Cardeal Danneels, a evangelização supõe uma auto-evangelização dos baptizados. Esta auto-evangelização diz respeito a todos os cristãos, em todas as dimensões da sua vida de discípulos: a fé, a oração, a esperança, a generosidade, devem ser evangelizadas<sup>24</sup>. Gilbert Adler mostrou bem como, numa sociedade pluralista, a verdade está permanentemente a ver ser posta à prova a sua validação. «Um pensamento justo deve fazer prova do seu ajustamento, da sua autenticidade, da sua credibilidade, da sua veracidade»<sup>25</sup>. Aceita-se algo não em função do seu prestígio, da autoridade daquele que a promove, mas em função da sua capacidade de responder às nossas expectativas, às nossas necessidades<sup>26</sup>.

---

<sup>21</sup> D.BOSCH, *Dynamique de la mission chrétienne* (coll. Chrétiens en liberté), Paris, Karthala, 1995, p. 625.

<sup>22</sup> LG 17.

<sup>23</sup> H.LEGRAND, «Les ministères de l'Église locale», in B.LAURENT e R.REFOULE (dir.) *Initiation à la pratique de la théologie*, T.3, dogmatique 2, Paris, Cerf, 1983, p.216.

<sup>24</sup> Dard. G.DANNEELS, «Evangéliser, encore et toujours», *Lumen Vitae*, t.41, 1986, p.7-18.

<sup>25</sup> G.ADLER, «Aujourd'hui croire ou de quelques conditions d'une production de sens», in G.ADLER e S.SALZMANN (dir.) *Quêtes de sens ... Outils pour repérer et accompagner les demandes de sens*, Strasbourg-Fribourg, 1997, p.24.

<sup>26</sup> Retomo um extracto do meu texto: H.DERROITTE, «Une catéchèse dans la mission de l'Église», in H.DERROITTE (dir) *Théologie, mission et catéchèse*, (coll. Théologies pratiques), Bruxelles-Montréal, Lumen Vitae & Novalis, 2002, p. 191-213.

*Porque é que não chegamos a desenvolver uma catequese de adultos?*

Esta necessidade de prosseguir a procura espiritual diz respeito, prioritariamente, bem entendido, aos adultos. A credibilidade da evangelização repousa largamente na inteligência, na maturidade, no equilíbrio psicológico e afectivo dos adultos que se reclamam do Cristo. Temos, aqui, uma outra justificação decisiva para uma catequese dos adultos. Como o diziam os cristãos reformados de França desde 1968: «Uma Igreja não pode propor uma catequese às crianças e aos adolescentes, senão na condição de se lhe submeter ela mesma, na pessoa de todos os seus membros»<sup>27</sup>.

**Justificações ligadas à missão humanizadora:** os bispos alemães dão da catequese esta definição: «A catequese pretende convidar os homens a descobrir na fé cristã uma via que leva a uma identidade que marca na vida o seu selo, uma via, também, que ajuda a situar-se a si mesmo no meio da confusão e da fragilidade dos universos de vida modernos»<sup>28</sup>. Esta definição faz bem, parece-me, a ligação entre catequização e humanização. Yves Burdelot, o autor, recentemente falecido, de um belo livro sobre a proposta cristã. Dava esta definição de catequista: «Alguém que vive de fazer viver».

Na sua mensagem de socialização e de libertação, a catequese pode aproximar-se de um público de adultos e fazer-lhes perceber que o seu itinerário existencial não é um obstáculo à dilatação do seu ser interior, mas o local próprio para tal. De um certo modo, a espessura da vida humana, o desejo dos nossos contemporâneos de viverem fortemente e de multiplicarem os seus centros de interesse e as questões, tudo isso constitui um material a partir do qual a acção catequética «deve promover sujeitos crentes responsáveis pela sua maneira de viver como cristãos no mundo presente»<sup>29</sup>. A determinação das prioridades «adultas» para a catequese é uma consequência lógica desta abordagem<sup>30</sup>.

---

<sup>27</sup> Synode de l'Église réformée de France, Royan, 1968, citado por G.DUPERRAY, «Où va la catéchèse ?», *Catéchèse*, N° 68, 1977, p.333.

<sup>28</sup> Conferência Episcopal Alemã, *La catéchèse dans une époque de changement*, 22/6/2004.

<sup>29</sup> M. PELCHAT, *L'éducation de la foi des adultes en tant qu'intervention pastorale: action formatrice et action transformatrice*, in C. MENARD (dir.), *L'intervention pastorale. Recherches et analyses*, (coll. Cahiers d'études pastorales, n° 8), Montréal, Fides, 1991, p. 102.

<sup>30</sup> L. MCKENZIE, *The purposes and scope of adult religious education*, in Nancy FOLTZ (dir.), *Handbook of adult religious education*, Birmingham (Alabama), Religious Education Press, 1986, p. 20.

**Justificações ligadas à investigação pedagógica:** a este conjunto de justificações ligadas à natureza da própria catequese e à fé cristã, é evidente que é necessário juntar o facto de que a ideia de que o adulto deve continuar a formar-se é, hoje, comumente aceite. São dados adquiridos a rapidez do desenvolvimento dos saberes, a evolução rápida das nossas sociedades, como os conhecimentos adquiridos se tornam rapidamente obsoletos e como exigem ser continuamente postos em dia. Nos auditórios das nossas universidades encontramos estudantes assíduos dos 18 aos 80 anos. Também, e como o analisa o padre e sociólogo Jean Joncheray, «o conjunto dos cristãos toma consciência de que a formação que recebeu na sua infância não responde mais àquilo de que precisam para alimentar a sua fé de adulto»<sup>31</sup>.

### **3. Esta prioridade dada à catequese de adultos prepara realmente um futuro para o cristianismo ocidental?**

Pudemos sublinhar como uma tal insistência sobre a catequese de adultos está, apesar de tudo, patente na Igreja contemporânea. Mas é necessário abordar um outro aspecto desta questão: que esperança razoável podemos colocar nesta escolha pastoral? Quais são os efeitos positivos hipotecados pelas mulheres e pelos homens da nossa época? Que novos tipos de crentes esperamos, assim, engendrar?

De novo, nesta secção, vos proponho considerar quatro efeitos favoráveis que podemos esperar de uma passagem para a catequese de adultos.

**Uma catequese de adultos ajudará a fé a crescer e a amadurecer:** é com uma esperança real que a catequese de adultos entende tomar conta da convicção crente. À passagem ao adulto corresponde uma tomada em consideração das competências religiosas<sup>32</sup> necessárias para uma vida ampla e consumada. Paul-André Guiguère na sua obra, já clássica, sobre a fé dos

---

<sup>31</sup> J. JONCHERAY, *Formation et stratégies d'Église*, in A. BINZ, R. MOLDO e A.-L. ROY, *Former des adultes en Église. État des lieux, aspects théoriques, pratiques. Hommage à Gilbert Adler*, Saint-Maurice, Éd. St-Augustin, 2000, p. 159.

<sup>32</sup> Sobre o tema, muito contemporâneo, das « competências » religiosas, ver os textos de A. FOSSION, *Faire résonner la parole : la pratique catéchétique*, in G. ROUTHIER e M. VIAU, *Précis de théologie pratique*, (coll. Théologies pratiques), Bruxelles-Montréal, Lumen Vitae & Novalis, 2004, p. 377-387 e ID, «La catéchèse au service de la compétence chrétienne», dans *Lumen Vitae*, t. 60, 2005/3, p. 245-259.

*Porque é que não chegamos a desenvolver uma catequese de adultos?*

adultos, explica em detalhe as diversas facetas desta maturidade crente: a fé dos adultos é aquela que é, cada vez mais, pessoal, cada vez mais responsável, cada vez mais confiante em Deus, cada vez mais encarnada no quotidiano, cada vez mais capaz de avançar na obscuridade, cada vez mais capaz de se exprimir na celebração...<sup>33</sup>

**Uma catequese de adultos ajudará a fé a durar:** com base em inquéritos feitos nos Estados Unidos da América e no Canadá, no final dos anos oitenta, e sobre a solidez das convicções religiosas dos adultos, constatou-se que a instituição eclesial joga um papel não negligenciável, tanto do ponto de vista positivo como negativo. Numerosos são os adultos que aí exprimem uma influência desfavorável da instituição eclesial (sobretudo em dois domínios: o dos discursos sobre a moral sexual e a de uma educação sufocante nas instituições escolares confessionais). De entre aqueles que dizem ter sido ajudados na sua fé, encontramos três tipos de pessoas:

- Aqueles que beneficiaram de um acompanhamento espiritual personalizado;
- Aqueles que foram convidados a ter responsabilidades na animação das suas comunidades cristãs;
- Aqueles que participaram num grupo de catequese de adultos.<sup>34</sup>

**Uma educação dos adultos ajudará a fé a inculturar-se:** Uma fé adulta permite que a pessoa se sinta bem na sua pele de crente e de cidadão, sem nenhuma esquizofrenia. É uma fé que tem muito a dar e muito a receber da cultura. É uma fé capaz de se apoiar sobre os elementos da cultura para pensar num empreendimento de fé, para a tornar razoável, para a tornar capaz de dar contas num dado contexto. Apoiando-se na cultura para conferir, ela também, razão, a fé «salva» a cultura (integra-a na dinâmica da salvação) e posiciona-se igualmente como razoável, possível, desejável no seu contexto (como gosta de o referir André Fossion<sup>35</sup>). Vemos, então, com clareza, que

---

<sup>33</sup> P.-A. GIGUERE, *Une foi d'adulte*, Bruxelles-Montréal, Lumen Vitae et Novalis, 2005. Ver também Denise BELLEFLEUR-RAYMOND, *Accompagner des adultes dans la foi. L'andragogie religieuse*, Bruxelles-Montréal, Lumen Vitae et Novalis, 2005.

<sup>34</sup> Estes resultados foram apresentados por R. COMTE, *Les étapes de la vie. Évolution psychologique et spirituelle des adultes. Pour une relecture de l'histoire personnelle*, Paris, Cerf, 1993.

<sup>35</sup> A. FOSSION, *La catéchèse dans un monde en pleine mutation*, dans *Catéchèse*, n° 172, 2003, p. 99.

a questão da fé adulta está relacionada com a problemática da inculturação. «No fundo, uma fé adulta é uma fé que permite aos cristãos viver com «à-vontade» e «pertinência» na cultura (o que implica uma liberdade de palavra, de iniciativa, de crítica, etc.). Tal pode permitir uma saída em conjunto (cristãos e não cristãos) de uma certa relação «desprezável» para com o cristianismo. Quando os cristãos não ousam dizer-se cristãos, é porque a fé, culturalmente, não é madura (adulta) neles e/ou não é percebida socialmente como humanizante»<sup>36</sup>

**Uma catequese de adultos ajudará a fé a transformar-se:** A catequese dos adultos não é uma formação académica de estudo da teologia, nem uma formação profissionalizante dos futuros animadores pastorais. Ela não pode reduzir-se nem à formação, nem à informação<sup>37</sup>. Ela visa mais: uma aprendizagem transformadora que examinará os fundamentos e os pressupostos da maneira de ser e de viver no mundo<sup>38</sup>. Pela sua própria natureza, a catequese de adultos visa a mudança, que, tradicionalmente, nós chamamos «conversão». Se outrora a formação se caracterizava pela tarefa de informar e de doutrinar (transmitir conhecimentos, induzir hábitos e comportamentos) hoje, apresenta-se, em todos os domínios, como a tutora das transformações, a acompanhante das mudanças, para que os adultos a façam de modo a guardarem, durante a mudança, a sua própria identidade e a direcção da sua própria vida<sup>39</sup>. «A formação cristã exprime a sua mais alta vocação quando ela se interpreta a si mesma como “transformação”, como formações para as passagens. Nós podemos medir como esta concepção de formação se distancia da ideia tradicional que visava a estabilidade, a fixidez, a repetição, a rigidez»<sup>40</sup>. É, pois, exacto que se diga que a catequese dos

---

<sup>36</sup> E. BIEMMI, *Croire en adultes aujourd'hui. Enjeux théologiques et catéchétiques pour des chrétiens et des communautés adultes dans la foi*, conférence au Colloque de l'ISPC, Paris, février 2005. Ce texte peut être télécharger sur [http://www.catho-theo.net/article.php3?id\\_article=91](http://www.catho-theo.net/article.php3?id_article=91)

<sup>37</sup> E. ALBERICH et A. BINZ, *Adultes et catéchèse*, (coll. *Théologies pratiques*), Bruxelles-Paris-Montréal, Lumen Vitae, Cerf & Novalis, 2000, p. 145-169.

<sup>38</sup> Cf. Jane REGAN, *When is catechesis of adults genuinely adult?*, dans *The living light*, fall 2000, p. 15-25; P.-A. GIGUERE et all. *Dossiers d'andragogie religieuse, Dossier 5: Andragogie et maturité de la foi*, Ottawa, Novalis, 1983.

<sup>39</sup> M. PELCHAT, *L'éducation de la foi des adultes en tant qu'intervention pastorale: action formatrice et action formatrice*, dans C. MENARD (dir), *L'intervention pastorale. Recherches et analyses*, (coll. *Cahiers d'études pastorales*, n° 8), Montréal, Fides, 1991, p. 99.

<sup>40</sup> E. BIEMMI, *Catéchèse et évangélisation des adultes en Italie*, dans *Lumen Vitae*, t. 56, 2001, p. 29-40.

*Porque é que não chegamos a desenvolver uma catequese de adultos?*

adultos visa dois objectivos maiores: habilitar pessoas seguras e fiáveis e, ao mesmo tempo, suaves e constantes na sua conversão.

#### **4. Resultados mitigados e desafios gigantescos: a pertinência da catequese dos adultos confrontada com a prova da avaliação pela realidade**

Em teoria, as coisas parecem claras. Mas, ao olhar-se de mais perto, será necessário introduzir *nuances*. «A prioridade à catequese de adultos sobre as outras catequese não é senão raramente aplicada»<sup>41</sup>. Por exemplo, dois inquéritos sobre a situação italiana, uma de 1989 e a outra de 1995, mostraram que:

- a percentagem de actividades catequéticas tipicamente propostas aos adultos passou, entre 1982 e 1993, de 3% para, apenas, 4,2%;
- a pedagogia é essencialmente copiada do modelo escolar;
- o público a que diz respeito é, quase exclusivamente, composto de pessoas que já estão muito implicadas nas comunidades;
- os participantes são maioritariamente mulheres, de idades igual ou superior a 50 anos<sup>42</sup>.

Estas constantes são completamente validadas pela obra de Emílio Alberich e Ambroise Binz. Estes dois especialistas acrescentam outras características preocupantes:

- na sua pressa de colocar em acção percursos para adultos, muitas dioceses fazem prova de improvisação e superficialidade. Aceitam tudo e mais alguma coisa, desde que se nomeie a coisa com o sésamo «catequese de adultos»;
- os conteúdos oferecidos não descolam, por vezes, do simples desejo securizador e protector esperado: muitos adultos procuram soluções mágicas para problemas existenciais pesados;
- os percursos mais frequentemente citados não são, na maior parte do tempo, senão uma dimensão intra-ecclesial do agir cristão e têm

---

<sup>41</sup> N. METTE, *Formation et communauté. Compétence catéchétique et/ou offre interpersonnelle*, dans G. ADLER (dir.), *Formation et Église. Pratiques et réflexions*, (coll. *Le point théologique*, n° 48), Paris, Beauchesne, 1987, p. 66.

<sup>42</sup> E. ALBERICH et A. BINZ, *Adultes et catéchèse*, (coll. *Théologies pratiques*), Bruxelles-Paris-Montréal, Lumen Vitae, Cerf & Novalis, 2000, p. 14-15.



dificuldade em se situar na participação dos leigos adultos no coração das realidades seculares;

- a linguagem catequética utilizada para chegar aos adultos está muito distanciada do vocabulário e das referências culturais seculares comuns às sociedades ocidentais<sup>43</sup>.

Mas nós compreendemos facilmente que, mais profundamente, a promoção de uma autêntica catequese de adultos coloca problemas mais árduos à Igreja deste século XXI. Ela interpela frontalmente as opções eclesiais e as prioridades pastorais com que os responsáveis da Igreja lidam actualmente. Com Elizabeth Germain, estaremos de acordo para dizer que um certo tipo de Igreja gera um certo tipo de palavra<sup>44</sup>.

A promoção de uma catequese de adultos questiona os modos de pensar, de reunir, de organizar e de governar a Igreja actual sobre, pelo menos, quatro registos.

**Sobre a relação com a liberdade de palavra e de comunicação:** os ingredientes de uma autêntica conversão religiosa para pessoas adultas de hoje são feitos de relatos de experiências, por vezes, dolorosos e íntimos, dos participantes, de diálogos fecundos alimentados com os outros participantes, do recurso, muito autónomo, a todos os expedientes filosóficos e espirituais abordáveis. É um processo de se concebe no horizonte de uma grande liberdade e numa comunicação interactiva. Os adultos de hoje vivem os valores da democracia e da tolerância como antecedentes a toda a relação «normal». Mesmo no adulto, a dúvida e a reviravolta não são taras, mas ocasiões de aprofundar uma busca identitária. Espontaneamente, a comunicação «oficial» em Igreja não é percebida, pelo grande público, como democrática, tolerante e interactiva. Pensar um projecto de catequese diocesana para adultos como ocasião de expor e transmitir a ortodoxia cristã não interessa senão a uma minoria de adultos.

**Sobre as relações entre cultura e fé:** num artigo importante publicado em 1989 na revista «Catéchèse», Antoine Delzant situava cada um de nós

---

<sup>43</sup> E. ALBERICH et A. BINZ, *Adultes et catéchèse*, (coll. *Théologies pratiques*), Bruxelles-Paris-Montréal, Lumen Vitae, Cerf & Novalis, 2000, p. 14-15.

<sup>44</sup> Cfr. Élisabeth GERMAIN, *Langages de la foi à travers l'histoire - Approche d'une étude des mentalités*, Fayard-Mame, 1972, p. 220.

*Porque é que não chegamos a desenvolver uma catequese de adultos?*

face aos desafios da cultura contemporânea. Face a esse mundo adopta-se uma atitude negativa: esta sociedade é pagã, imoral, hedonista; o melhor é afastar-se e proteger-se o melhor possível<sup>45</sup>. A outra atitude é a da abertura e do discernimento: é esta cultura que o cristianismo vem habitar e vivificar. Que leitura, os nossos percursos, os nossos livros sobre a catequese de adultos adoptam? Dois dos mais importantes laboratórios para o cristianismo de hoje são os da inculturação e do diálogo inter-religioso. Estas duas temáticas ocupam, por direito, o esboço de toda a reflexão teórica sobre a catequese de adultos; elas convidam à análise cultural, elas obrigam a redizer as palavras da Vida em Jesus Cristo na linguagem de hoje e no encontro com os outros. Será dizer muito que o encontro do cristianismo com as outras culturas actuais transporta, em si mesma, um enriquecimento mútuo? Encerrando um número da revista *Lumen Vitae* sobre as «catequese inculturadas», André Fossion escrevia: «Enquanto o cristianismo adormece sobre o seu tesouro ou se fecha na língua de madeira, o mundo secular vem em seu auxílio para devolver a força ao Evangelho. Esta foi, já, a experiência do próprio Jesus, quando se admirou perante o centurião: “Digo-vos: nem em Israel encontrei tão grande fé”».<sup>46</sup>

**Sobre a relação com a co-responsabilidade:** já se disse, um dos fundamentos decisivos desta transição desejada para a catequese de adultos baseia-se numa tomada de consciência das novas necessidades missionárias, tais como o Vaticano II (e, em particular, *Lumen Gentium*) entrevê. As comunidades cristãs em que todos são, em virtude do seu baptismo, convidados a partilhar a sua fé, habilitam os crentes de todas as idades a ser, uns para os outros, testemunhas do Evangelho, a ser catequistas e catequizandos. Esta co-responsabilidade, esperada, sobre o plano missionário (e catequético), pelos adultos, é hoje, frequentemente, posta em causa pelo retorno a modos de funcionamento eclesiais mais tradicionais. Este afastamento é, muitas vezes, ainda maior para as pessoas que seguiram, frutuosamente, um percurso de catequese de adultos. Não é o menor dos paradoxos constatar como as pessoas que seguiram mais reuniões de catequese de adultos são, por vezes, aqueles que estão menos à-vontade nos modos de funcionamento da Igreja<sup>47</sup>. Neste vasto laboratório

---

<sup>45</sup> A. DELZANT, *Quelques défis de la culture contemporaine pour l'annonce de la foi*, dans *Catéchèse*, n° 114, janvier 1989, p. 59.

<sup>46</sup> A. FOSSION, *Les facettes de l'inculturation*, dans *Lumen Vitae*, t. 54, 1999/2, p. 232.

<sup>47</sup> E. ALBERICH et A. BINZ, *Adultes et catéchèse*, (coll. *Théologies pratiques*), Bruxelles-Paris-Montréal, Lumen Vitae, Cerf & Novalis, 2000, p. 14-15.

do futuro da Igreja no século XXI sobre a co-responsabilidade, será útil situar a finalidade da pastoral das vocações e da formação teológica dos leigos: são, de facto, os apelos à ampla qualificação que a catequese de adultos reclama – formação teológica, formação pedagógica e formação espiritual dos catequistas chamados a fazer crescer na fé pessoas adultas<sup>48</sup>.

**Sobre a relação com os re-arranjos paroquiais:** a catequese de adultos – como toda outra forma de catequese – é essencialmente um acto de comunicação. Ela é uma disponibilidade respeitosa para entrar em diálogo com alguém sobre aspectos essenciais da sua intimidade, sem invadir o seu jardim secreto, mas antes, deixando-a livre no seu discernimento. Este encontro face-a-face, esta disponibilidade singular e única na nossa sociedade ocidental pós-moderna, serão possíveis nos vastos conjuntos das «novas paróquias»? Que será feito da proximidade? Se este princípio é verificável pela catequese sacramental das crianças, ainda é mais determinante, sem dúvida, pelos esforços empreendidos com os adultos, quer seja no quadro do catecumenado ou no quadro das catequese comunitárias.

Pelo contrário, é possível – creio-o sinceramente – dar aos novos modos de aglomeração dos cristãos objectivos apostólicos e de os abrir a um futuro, descrevendo como prioridade a necessidade de uma catequese de adultos visando não uma restauração nem a uma integração num modelo antigo, mas a reconstrução, com os adultos, da Igreja. Pensamos, mormente, na criação de espaços de experiência cristã com os adultos, na emergência de reservas de micro-realizações. Os bispos alemães, no seu texto sobre a evangelização, do Outono de 2000, «*O tempo de semear. Ser uma Igreja missionária.*»<sup>49</sup>, julgam indispensável facilitar, para aqueles e aquelas que o desejam livremente, uma experiência concreta de Igreja. Eles pensam, a esse respeito, em comunidades que possam ser espaço de iniciação, de experimentação e de verificação dos caminhos da fé cristã. Deve notar-se que os bispos alemães não

---

<sup>48</sup> Sobre este ponto, ver : J. JONCHERAY, *La production des instruments catéchétiques et la formation des catéchistes en Europe*, dans *La compétence catéchétique*, (coll. *Cahiers de l'ISPC*, n° 3), Paris, Desclée, 1989, p. 17-33; L. VILLEMEN, *Formation chrétienne et socialisation ecclésiale – Essai d'approche ecclésiologique*, dans *la Maison Dieu*, 223, 2000, pp. 45-58; H. NOUWEN, *Pour des ministères créatifs*, trad. do inglês, original de 1971, Montréal, Bellarmin, 1999.

<sup>49</sup> Este texto, datado de 26 de Novembro de 2000, pode ser lido em <http://dbk.de/schriften>. Para uma apresentação geral do documento, ver H. MÜLLER, *Présentation du texte des évêques allemands: «Le temps des semilles. Etre une Église missionnaire»*, dans *Lumen Vitae*, t. 56, 2001/1, p. 105-112.

*Porque é que não chegamos a desenvolver uma catequese de adultos?*

identificam imediatamente essas comunidades com as paróquias. Eles falam de «biótopos» de fé vivida, de «grupos mais criativos» que possam tecer laços com as formas actuais de grupos que visam a solidariedade, a participação, a troca e a comunicação em rede.

## **5. Catequese de adultos e projecto catequético diocesano**

Como fazer evoluir progressivamente a pastoral catequética diocesana de maneira que a catequese de adultos se desenvolva num projecto catequético global<sup>50</sup>? Por exemplo, o Projecto Catequético Diocesano, promulgado em Novembro de 2004 pela diocese de Liège (Bélgica) estima, na sua segunda orientação, «que é mais do que urgente centrar a actividade catequética nos **adultos**»<sup>51</sup>. Como fazê-lo, por onde começar?

Pelo estudo dos textos e o exemplo de realizações das Igrejas inscritas no mesmo tipo de meio sócio-cultural, sugiro-vos que considerem cinco aspectos, a articular entre si.

**Primeiro elemento: uma espiritualidade de desprendimento**<sup>52</sup>. Trata-se de situar a mobilização diocesana em torno da transmissão da fé a todas as gerações, não segundo os standards da publicidade ou da estratégia que prevalece em marketing mas, como o escreveu com justeza Philippe Bacq, «segundo o andamento do Evangelho»: «Os cristãos que entram numa perspectiva de engendramento estão convencidos que o Evangelho convida todos os seres humanos a levar uma vida autêntica, à altura da sua consciência. Eles ousam, desde logo, “propor o Evangelho” a todos, convidando-os a levar uma existência segundo as Bem-aventuranças. Mas são tão mais livres de anunciar o Evangelho que eles deixam a Boa Nova cavar, em cada um e cada uma, a “resposta de fé” que lhe sobe ao coração e aos lábios. Os sinais dos tempos convidam-nos a deixar o próprio Espírito do Cristo traçar caminhos de vida diversificados para cada um. Respeitar as consciências é consentir num despojamento, num desprendimento, num abandono do domínio. É, talvez, sob esta forma, que a Igreja é, hoje,

---

<sup>50</sup> Sobre este dossier, ver M. VILLERS, *Le projet catéchétique diocésain*, dans H. DERROITTE (dir.), *Théologie, mission et catéchèse*, (coll. *Théologies pratiques*), Bruxelles-Montréal, Lumen Vitae & Novalis, 2002, p. 174-190.

<sup>51</sup> Diocèse de Liège, *Projet catéchétique diocésain*, nov. 2004, p. 13.

<sup>52</sup> No original, «une spiritualité de démaîtrise» (N.T.).

trabalhada pelo mistério pascal de toda a vida<sup>53</sup>». A adesão de uma pessoa adulta ao Evangelho não é, jamais, o fruto de uma conquista ou a meta atingida de uma estratégia. André Fossion fala de uma evangelização por surpresa e apela a uma espiritualidade do desprendimento<sup>54</sup>.

**Segundo elemento: uma catequese intergeracional.** Não se trata de trabalhar o adulto em detrimento da criança ou do jovem. Não se trata de decidir mandar para férias definitivas todos os catequistas comprometidos com o mundo da infância. As diligências junto dos adultos convidam a uma qualidade e a uma liberdade que deverão estender-se a todas as outras idades. Mas essas diligências apelam, sobretudo, a passar de um enclausuramento por idades a uma multiplicação de iniciativas de aprendizagem intergeracional<sup>55</sup>. Os resultados mais provados em matéria de catequese de adultos são, frequentemente, conseguidos quando os pais decidem descobrir, ou redescobrir, a tradição cristã por ocasião da preparação sacramental iniciática dos seus filhos.

**Terceiro elemento: uma consolidação dos processos catecumenais.** Como tem sido dito, existe uma forte ligação entre a promoção da catequese de adultos e o desenvolvimento do catecumenado. Este ponto mereceria, por si só, uma conferência. A revista *Lumen Vitae* consagrou-lhe um número inteiro em 2006. A aptidão da nossa Igreja para honrar o questionamento religioso dos nossos cidadãos, a sua disponibilidade para colocar os seus recursos e a sua tradição ao serviço do surgimento crente, a sua inventividade para poder dizer o mistério do Reino de Deus àqueles que nunca lhe ouviram a primeira palavra, eis as qualidades necessárias e esperadas hoje. Muito frequentemente a catequese de adultos não consegue mais do que reunir cristãos já instalados e convencidos da sua fé. É verdade que os novos movimentos (Neo-catecumenais, focolari, renovamento carismático) estão atentos à primeira evangelização. Igualmente, com a insistência no catecumenato, surge uma exigência e uma necessidade: a exigência de tornar as

---

<sup>53</sup> Ph. BACQ, *Vers une pastorale d'engendrement*, dans Ph. BACQ & Chr. THEOBALD (dir.), *Une nouvelle chance pour l'Évangile. Vers une pastorale d'engendrement*, (coll. *Théologies pratiques*), Bruxelles-Paris-Montréal, Lumen Vitae, Atelier & Novalis, 2004, p. 27.

<sup>54</sup> A. FOSSION, *L'évangélisation comme surprise*, dans *Lumen Vitae*, t.59, 2004/1, p. 37-38.

<sup>55</sup> Cfr A. HARKNESS, *Une catéchèse intergénérationnelle*, dans H. DERROITTE (dir.), *Théologie, mission et catéchèse*, (coll. *Théologies pratiques*), Bruxelles-Montréal, Lumen Vitae & Novalis, 2002, p. 47-62.

*Porque é que não chegamos a desenvolver uma catequese de adultos?*

comunidades cristãs acolhedoras, antes e depois do baptismo, a necessidade de dar lugar privilegiado à linguagem simbólica e performativa da liturgia, ao serviço da maturação crente<sup>56</sup>.

**Quarto elemento: uma transição graças a uma tipologia das formas de catequese dos adultos.** Um outro dos meus colegas do Instituto Lumen Vitae, Luc Aerens, conseguiu mostrar como passar a uma catequese de encaminhamento<sup>57</sup> acondicionando com sabedoria e convicção as transições entre o paradigma antigo e o novo<sup>58</sup>. Ele insiste, entre outras coisas, para entrevermos nas práticas existentes tudo o que já é antecipação ou realização de um novo modelo.

Tratando-se de integrar a catequese de adultos no projecto diocesano, será possível proceder da mesma maneira. Para além do catecumenado, Emílio Alberich e Ambroise Binz identificaram dez formas de catequese de adultos. Seria útil retomar, à escala de uma diocese, as iniciativas que já tiveram lugar no quadro destas dez possibilidades, torná-las conhecidas e exportáveis, preparando, ainda, futuros quadros diocesanos para as suscitar e animar<sup>59</sup>. As dez formas de catequese de adultos são as seguintes:

1. A re-iniciação;
2. A redescoberta da fé num centro de escuta;
3. A descoberta de diversos elementos da fé, individualmente ou em grupo, a partir de um livro ou de documentos;
4. A catequese em família, por ocasião dos sacramentos das crianças;
5. A catequese intergeracional numa comunidade, a propósito da liturgia e das jornadas pastorais;
6. A catequese bíblica com adultos;
7. A catequese de adultos em meio popular como processo de consciencialização e de transformação;

---

<sup>56</sup> Cfr. Ph. GUÉRIN, *Cinquante ans de rapports entre catéchèse et liturgie en France*, in *La Maison-Dieu*, n° 234, , 2° trimestre 2003, pp. 7-24.

<sup>57</sup> O autor refere-se ao conceito de catequese de «cheminement» (N.T.).

<sup>58</sup> L. AERENS, *La catéchèse de cheminement. Pédagogie pastorale pour mener la transition en paroisse*, (coll. *pédagogie catéchétique*, n° 14), Bruxelles, Lumen Vitae, 2002; ID, *mener la transition vers une catéchèse de cheminement*, in *Lumen Vitae*, t. 55, 2000/2, p. 149-169.

<sup>59</sup> E. ALBERICH & A. BINZ, *Forme e modelli di catechesi con gli adulti*, (coll. *Studi e ricerche di catechetica*, n° 22), Leumann, Ellelidi, 1995, p. 15-224.

8. A catequese de adultos no seio de um processo de renovação paroquial (como as sessões «Eglise-monde», o movimento «Nouvelle image de la paroisse», ...);
9. A catequese de adultos através dos meios de comunicação social;
10. A catequese de adultos como prolongamento pessoal no quadro da formação teológica (especialmente dos agentes da pastoral).

**Quinto elemento: um projecto catequético na lógica de uma pastoral global.** É a comunidade cristã, composta por fiéis de todas as idades e de carismas variados, reunida numa mesma missão de evangelização, quem acompanha cada um na sua caminhada. Testemunhar Jesus Cristo (1), iniciar fazendo viver e experimentar (2), re-iniciar sem cessar (3) e fazer amadurecer a fé (4), estas quatro acções estão ligadas umas às outras. Elas estabelecem uma ligação permanente entre a catequese e a comunidade, entre missão e iniciação. Um projecto catequético global tornar-se-á, então, disponível para acompanhar o movimento em direcção à fé, nos primeiros passos, na caminhada para os sacramentos, na sua redescoberta e no seu aprofundamento incessante ao longo de toda uma vida.

As mulheres e os homens de todas as idades, dos mais jovens aos mais velhos, são situados face a cada um destes quatro movimentos. Uma catequese de adultos (mas o mesmo também é verdade para as crianças e os jovens) encontra, nestas quatro direcções, a largura da sua ambição e a altura da sua missão. Aquando da Assembleia dos bispos franceses em Lourdes, em Novembro de 2004, o presidente dessa assembleia, Mons. Ricard, dizia: «A catequese não saberá ser acantonada num sector um pouco marginal da comunidade eclesial, gerida por pessoas que seriam os especialistas da sua animação. Estes necessitam sentir que esta dimensão catequética é uma preocupação transportada por todos e posta em prática por todos numa comunidade cristã. Tal apela a propostas catequéticas comunitárias, dirigidas a todas as gerações»<sup>60</sup>.

## 6. Alguns exemplos que nos dão esperança

Não nos é possível dar, neste espaço, exemplos concretos de cada uma das dez formas identificadas de catequese de adultos. Contentar-me-ei de apresentar aqui apenas três. Escolhi-os deliberadamente porque cada um

---

<sup>60</sup> Este texto pode ser lido no site <http://cner.cef.fr/>

*Porque é que não chegamos a desenvolver uma catequese de adultos?*

deles obrigou os responsáveis pastorais a descobrir as abordagens e a situar a preocupação catequética num quadro alargado.

**Primeiro exemplo: o percurso «Nascer para a vida».** Na diocese de Montreal, o Office de Catéchèse do Québec e os editores da Novalis prepararam para a Primavera de 2006 um percurso de despertar da fé na família em torno da celebração do baptismo dos mais pequenos<sup>61</sup>. Este projecto, intitulado «Nascer para a vida»<sup>62</sup>, apresenta oito momentos de celebração de um baptismo e neles encontra pretexto para propor aos pais que o desejem uma reflexão em casal sobre cada um desses momentos. Cada tema é iluminado pela Bíblia, articulado com a vivência familiar, prolongado nos tempos de oração. Ele permite aos pais apropriarem-se do ritual, pensarem os gestos de despertar espiritual a viver com o seu querubim e ele articula, de um modo original, as riquezas de uma liturgia e da apropriação catequética em família.

**Segundo exemplo: a mobilização da diocese de Wilmington (Delaware, USA)**<sup>63</sup>. Apesar dos primeiros ensaios, esta diocese apresentou em 1999 um balanço insatisfatório no que diz respeito à emergência de percursos catequéticos para adultos. O staff do serviço diocesano da catequese colocou-se, então, à disposição das paróquias que quisessem criar alguma coisa neste domínio. Com a condição de que um comité local de cinco pessoas fosse constituído e que o conselho pastoral local o assumisse com convicção, um percurso pode ser lançado por um delegado da equipa diocesana que aceite seguir a paróquia durante dois anos. É ele quem anima as reuniões mensais durante esses vinte e quatro meses, mas também se encarrega de formar localmente os animadores que assumirão as responsabilidades depois da sua partida. Este sistema permitiu a 73% das paróquias participantes criarem e, sobretudo, estabilizarem, um grupo local de catequese de adultos.

**Terceiro exemplo: «renovar a minha fé», um percurso alemão**<sup>64</sup>. Esta proposta de renovação crente é sobretudo interessante pela sua pedagogia.

---

<sup>61</sup> Apresentação a pedir a l'O.C.Q (ocq@edufoi.org)

<sup>62</sup> No original, «Naître à la vie» (N.T.).

<sup>63</sup> Ed. GORDON, *Helping parishes becoming more intentional about adult education*, dans *Caravan*, vol. 14, n° 57, 2001, p. 12.

<sup>64</sup> W. SCHÄFFER, *Meinen Glauben erneuern : Ein Glaubenskurs für Einzelne und Gruppen*, Würzburg, Echter, 1998.



Ela empreende um percurso de descoberta simples com Jesus Cristo a partir de portas de entrada variadas: oração, troca em grupo, leitura bíblica, etc. O percurso está aberto a todos, mas baliza um lapso de tempo preciso para o seu desenrolar: um primeiro serão de apresentação, dez a doze serões de descoberta, uma celebração final de reconciliação. Eis o que permite ao grupo constituído uma regularidade (o que facilita melhores trocas) e ser respeitado (não nos comprometemos ad vitam neste percurso).

## 7. À guisa de conclusão: três bons indicadores

Terminamos deslocando, uma última vez, o nosso olhar para um outro país. O bispo do Luxemburgo, Mons. Fernad Franck, exprimiu-se também sobre a catequese de adultos. Foi em Fevereiro de 2004. Vejamos a sua proposta: «A catequese nunca é apenas uma via de sentido único: aquele que toma iniciativas e acompanha outrem na descoberta da fé constata sempre, no processo que é a catequese, que a sua própria fé se alarga e se aprofunda. Trata-se de um diálogo no qual cada um recebe e dá, por seu turno. Isto significa que nós caminhamos em conjunto, numa comunidade em que cada um tem necessidade do outro. A catequese pertence à comunidade, ela tem aí o seu lugar e a comunidade é a responsável. Cada comunidade cristã é chamada a desenvolver um projecto de catequese para os seus membros que ainda devem dar passos essenciais no seu caminho de fé, mas também o é para aqueles que, de forma permanente, procuram aprofundar a fé»<sup>65</sup>.

Três bons indicadores deste investimento orientado para os adultos podem ser propostos à guisa de conclusão<sup>66</sup>. Uma catequese de adultos, segundo Enzo Biemmi, deve respeitar estas três condições:

- Colocar no centro a Palavra de Deus como uma palavra oferecida a cada um afim de fazer dele um interlocutor;
- Acordar um grande peso às relações e às interacções entre os participantes;

---

<sup>65</sup> Mgr F. FRANCK, *Partager la foi. La catéchèse, un défi pour l'Église. Lettre pastorale pour le temps de Carême 2004, février 2004*. Document à télécharger sur [http://www.cathol.lu/article.php3?id\\_article=267](http://www.cathol.lu/article.php3?id_article=267).

<sup>66</sup> E. BIEMMI, *Catéchèse et évangélisation des adultes en Italie*, dans *Lumen Vitae*, t. 56, 2001, p. 29-40.

*Porque é que não chegamos a desenvolver uma catequese de adultos?*

- Utilizar um modo narrativo em detrimento da demonstração e da argumentação.

Em 1964, Paulo VI, na *Ecclesiam suam* (n. 67), pede à Igreja que quer evangelizar para fazer «diálogo, conversação». A constituição do Vaticano II, *Dei Verbum*, diz que «Deus dirige-se aos homens no seu grande amor como a amigos, ele dialoga com eles» (n.2). **A catequese de adultos é um misto de simpatia e sabedoria.** A simpatia exprime o amor pelo nosso próprio tempo, pelas mulheres e pelos homens de hoje, com a sua riqueza e a sua pobreza. A sabedoria, que vem do dom do Espírito, manifesta-se pela capacidade de discernir o que na cultura é humano e inumano, o que humaniza ou o que desumaniza.

# **Crer como adultos, hoje**

## **Desafios teológicos e catequéticos para os cristãos e as comunidades adultas na fé (\*)**

ENZO BIEMMI (\*\*)

A reflexão sobre a fé adulta tem um lugar evidente na lógica deste colóquio: a catequese dos adultos requer, com efeito, que efectuemos um esclarecimento exigente no que se refere a que adulto na fé nos propomos promover.

O que significa «crer como adultos»? Se dirigíssemos esta questão a um grupo de homens e de mulheres adultas, faz-nos observar Paul-André Giguère, teríamos tantas respostas como as histórias pessoais e a sensibilidade de cada um e de cada uma<sup>1</sup>. Com efeito, a resposta à nossa questão supõe uma visão da fé cristã (uma teologia), uma modalidade de entender a Igreja (uma eclesiologia), uma forma particular de conceber a relação com a cultura (como a Igreja está no mundo) e de interpretar o testemunho da fé (uma concepção da missão). E também, certamente, uma ideia de adulto. O parcelamento prático da resposta à questão sobre a fé adulta (atestado pelas diferentes e contraditórias figuras da fé cristã encorajadas no interior da Igreja) e, por conseguinte, da concepção e da prática da formação para a fé adulta (a catequese dos adultos), reflecte a fragmentação no seio da Igreja do horizonte teológico descrito mais acima.

A questão «crer como adulto hoje» mostra de imediato o seu primeiro desafio: a fé suporta e autoriza diferentes modalidades de ser vivida no adulto; com que direito situar-se, então, em favor de uma em vez da outra? Porquê

---

(\*) Conferência proferida no Colóquio do Institut Supérieur de Pastorale Catéchétique, Instituto Católico de Paris, em Fevereiro de 2005. a editar na Revista *Lumen Vitae* em 2009. Por gentileza do autor e do editor. (N.E.)

(\*\*) Irmão pertencente à Congregação dos Irmãos da Santa Família, licenciado em Pastoral Catequética no ISPC de Paris, doutorado em Teologia no Instituto Católico de Paris e o doutorado em História das Religiões e Antropologia religiosa na Sorbonne. É director do Instituto Superior de Ciências Religiosas de Verona e, desde 2006, Presidente da Equipa Europeia de Catequese.

<sup>1</sup> PAUL-ANDRE GIGUERE, *Une foi d'adulte*, Novalis, Québec 1991, p. 99.

dizer que crer em adulto significa mais isto do que aquilo? O mistério de Jesus Cristo, ao qual demos a nossa confiança e que constitui a última marca da «idade adulta» da fé, conserva um excesso (uma superabundância, um excedente) que não pode ser esgotado por nenhuma reflexão nem experiência. Estaremos, então, condenados ao silêncio e a considerar toda a resposta à nossa questão do mesmo valor? Muitos cristãos vivem efectivamente esse sentimento e estão desorientados. Mas não é assim. Se a fé cristã autoriza uma diversificação no seu interior, ela não autoriza, no entanto, qualquer forma. Há um limiar para além do qual ela não deixa de ser cristã e não é adulta: isso dá-se quando a figura vivida e reflectida da fé desmente o seu conteúdo e deforma o rosto do Senhor que ela confessa.

Há um segundo desafio na nossa questão. A reflexão sobre a maturidade da fé e sobre a formação de uma fé adulta não pode ser abordada no único plano dos processos individuais de maturidade ou de maturação. Se queremos evitar confinar a fé no domínio do privado, é necessário que nos interroguemos sobre a dimensão social e cultural da fé adulta e sobre as representações que as sociedades fazem da fé.

Temos aí, talvez, o factor decisivo para a nossa questão, porque ele mete em jogo o valor comunitário, civil, cultural do crer hoje. A esse respeito, é necessário destacar que o conceito de maturidade da fé das comunidades, e não apenas dos indivíduos, está presente no Directório Geral para a Catequese de 1971, que afirma : «No conjunto da actividade pastoral, a catequese é a forma de acção que conduz à maturidade da fé as **comunidades** e as pessoas cristãs» (§ 21).

Tentarei, então, abordar a questão percorrendo o itinerário que vai do acolhimento de Deus na revelação à sua expressão nas culturas: são os quatro primeiros pontos da minha intervenção. Isso permitir-nos-á precisar melhor, sem a pretensão de ser exaustivos, certas dimensões da formação da fé adulta: esse será o quinto ponto da minha intervenção<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Nesta reflexão situo-me não como teólogo, mas como catequista e mais como um cristão comprometido com a evangelização e a formação dos catequistas. Nesta reflexão sou devedor, antes de mais, a todas as mulheres e homens com quem partilho a tarefa de se tornar adulto na fé e a muitos catequistas que reflectiram sobre o tema em questão. Com muitos deles partilho também uma fraterna amizade. Cito apenas os principais e algumas das suas pesquisas: FOSSION André: *La catéchèse dans le champ de la communication. Ses enjeux pour l'inculturation de la foi*, Les Éditions du Cerf, Paris 1990 – *Dieu toujours recommencé. Essai sur la catéchèse contemporaine*, Lumen Vitae, Bruxelas 1997 – *Une nouvelle fois. Vingt chemins pour recommencer à croire*, Lumen Vitae, Bruxelas 2004 (trad. it. *Ri-cominciare a credere. Venti itinerari di vangelo*, EDB, Bologna 2004); GIGUERE Paul-André, *Une foi d'adulte*, Novalis, Québec 1991 (trad. it. *Che cosa significa fede adulta. Percorsi di ricerca per adulti*, Elledici, Turim 2003) – *Catéchèse et maturité de la foi*, Novalis/Lumen Vitae, Bruxelas 2002; VILLEPELET Denis, *L'avenir de la catéchèse*, Les

## 1. Uma fé que tem lugar na história

O Credo que proclamamos faz-nos dizer: *Creio em Deus, o Pai, no seu Filho Jesus Cristo que nasceu, viveu, morreu e ressuscitou por nós, creio no Espírito Santo*. O Credo cristão é originariamente um relato: o relato do acontecimento da encarnação do Filho de Deus, um Deus que se torna definitivamente disponível na humanidade do filho de Maria.

Aí está o rosto de Deus no qual depositámos a nossa esperança: um Deus definitivamente e irreversivelmente humano. Um Deus que entra na história e faz história connosco, até ao seu regresso.

### **a) A dimensão de passividade do crer em adulto**

A fé cristã é, então, originariamente da ordem da revelação e da resposta. Primeiro, ela não é caracterizada como procura por parte do homem, nem como um sistema religioso, nem como um código moral. É uma presença que se oferece na história e que pede simplesmente para ser acolhida. A fé cristã, como resposta a um antes, a qualquer coisa que se dá gratuitamente, revela-se adulta pela sua passividade activa, ou seja, pela sua disponibilidade em acolher livremente o que lhe é oferecido gratuitamente. Esta dimensão de liberdade no acolhimento qualifica a fé adulta como receptiva e, assim, activa ao máximo porque livremente disponível.

### **b) A dimensão «profana» e comum do crer em adulto**

A graça de Deus e a resposta livre da parte do homem não se dão no templo, mas sim nos sulcos da história, no «profano» de cada dia, no quotidiano da

---

Éditions de l'Atelier/Éditions Ouvrières, Paris 2003; BINZ Ambroise e SALZMANN Sylviane, com a sua longa experiência de formação nos ministérios na IFM de Friburgo (Suíça), do qual cito apenas *Documents d'andragogie. Outils pour la formation et la catéchèse des adultes*, 2000 (trad. it. *Formazione cristiana degli adulti. Riflessioni e strumenti*, Elledici, Turim 2001); LAITI Giuseppe, com as suas intervenções em várias revistas italianas e particularmente na revista «*Esperienza e teologia*», do Studio Teologico San Zenò e do Instituto Superior de Ciências Religiosas San Pietro Martire de Verona (Editora Il Segno dei Gabrielli, 1995-2005, Verona). Fundamental para a maturação e a verificação das minhas convicções formativas, foi a experiência, durante treze anos, de catequese bíblica dos adultos na Escola da Palavra da diocese de Verona, documentada pelo «Itinéraires de catéchèse des adultes», elaborados sob minha direcção e do biblista Augusto Barbi pela equipa da catequese dos adultos da diocese e publicados pelo EDB, Bolonha, 1994-2001. Para uma perspectiva cultural do crer em adulto aproveitei essencialmente a leitura de Marcel GAUCHET: *La religion dans la démocratie. Parcours de laïcité*, Éditions Gallimard, 1998; *Un monde désenchanté ?*, Les Éditions de l'Atelier/Éditions Ouvrières, Paris 2004.

vida humana. O véu do templo foi rasgado na humanidade ressuscitada de Jesus, as barreiras entre sagrado e profano foram quebradas. Ele precede-nos na Galileia, a terra das nações, a terra de risco, a vida nas suas dimensões comuns. Contra qualquer fuga da história, contra qualquer espiritualismo alienante, a fé cristã reenvia à história e a toda a sua complexidade. Tal como foi para Jesus, assim é para o cristão. O Espírito conduz Jesus pelo deserto, a ser tentado pelo diabo (Lc 4,1-2). A acção específica do Espírito em relação a Jesus, não é de o espiritualizar, mas de o humanizar, de o empurrar pelos desertos da história, onde a sua identidade é, certamente, posta à prova, mas pode assim tomar a sua forma filial.

Crer em adulto significa, então, viver plenamente a sua pertença à história, considerada como o local do culto espiritual, no sentido dado por Rm 12,1. O máximo da espiritualidade cristã coincide, então, com o máximo da sua dimensão profana.

## **2. Uma fé que se reúne e se vive em comunidade**

O Credo cristão faz-nos dizer : *Creio na Igreja, una, santa, católica e apostólica*. O sonho do Filho de Deus feito homem foi e continua a ser o de tornar o mundo uma comunidade de irmãos e de irmãs com a mesma dignidade e os mesmos direitos. «Como tu, Pai, tu estás em mim e eu em ti, que eles também sejam um em nós.» (João 17,21). Desta fraternidade é sinal a Igreja dos crentes no Senhor Jesus. Ela é, então, de acordo com a definição do Concílio Vaticano II «o sacramento, ou seja, à vez o sinal e o meio da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano.» (LG 1). Na sua forma de se compreender e de viver, a comunidade dos cristãos torna-se profecia do futuro da convivialidade humana. Na Igreja há a mesma dignidade, com uma atenção muito particular pelos mais pequenos e os mais fracos (1Cor 12), e os diferentes papéis nela não manifestam uma diferença de valor, mas uma complementaridade de serviços na base de uma mesma fraternidade.

### **a) A dimensão comunitária da fé adulta**

A partir desta auto-compreensão da Igreja deriva, como dimensão fundamental do crer em adulto, a adesão a uma comunidade de irmãos e de irmãs, aceitando a mediação desta comunidade com os seus limites e a suas pobreza, renunciando assim a todo o personalismo da crença. No interior desta fé partilhada, a mais alta aspiração é a de viver a fraternidade com

todas e todos. Toda a outra ambição não faz parte do crer em adulto. Neste horizonte devemos também entender o sentido do exercício da autoridade, como um serviço de promoção (*auctoritas*, do latim *augere* = aumentar, fazer crescer e também, conseqüentemente, tornar o outro «autor» e «actor» da sua própria vida) de todas e de todos. Qualquer outra atitude desfiguraria o rosto do Senhor Jesus.

### **b) Dimensão sacramental do crer em adulto**

Antes de mais, a fé adulta na sua dimensão relacional e comunitária não se exprime de forma conceptual e intelectual, mas segundo uma dimensão sacramental e simbólica. A presença do Senhor ressuscitado é celebrada nos gestos e ritos da comunidade, nos ritos nos quais ela continua a experimentar a acção do Senhor. Crer em adulto significa então estar na vida simbolicamente, com a capacidade de celebrar o mistério de Páscoa como fonte de vida e promessa de cumprimento pessoal e de toda a história.

### **3. Uma fé que se exprime em e a favor da cultura**

O Filho de Deus tornou-se hebreu e continuará a ser hebreu. Ele aceitou dizer a infinidade de si na determinação de uma cultura precisa, num dado contexto histórico. Ele amou a sua terra e as suas raízes hebraicas, e é exactamente a sua inserção na sua cultura que a tornou acessível, compreensível por qualquer outra cultura. A fé cristã ama todas as culturas. De acordo com a grande intuição de *Evangelii Nuntiandi*, o Evangelho tem a capacidade de impregnar todas as culturas, sem se identificar com nenhuma entre elas (EN 20). A Igreja não vive acima ou ao lado das culturas, mas nelas. E na sua relação com as culturas ela sabe que tem a dar e também muito a receber, de acordo com a expressão do Concílio Vaticano II (GS 40 e 44). A convicção de que enquanto que a Igreja evangeliza as culturas ela recebe delas uma grande contribuição de evangelização vem do facto de que ela nunca esquece que o Senhor Ressuscitado a precede no tempo e no espaço e que ele tem sempre «um passo de vantagem»<sup>3</sup> sobre ela.

*Dimensão cultural da fé.* Constatamos que, nos meios da Igreja, fazemos, frequentemente, uma leitura deprimida da nossa cultura actual. A cultura é frequentemente considerada inimiga do Evangelho e isso leva à criação de personalidades e de grupos, afastados ou desconfiados, senão mesmo

---

<sup>3</sup> BOBIN Christian, *L'uomo che cammina*, Qiqajon 1998, p. 10.

opostos, à cultura. Em fidelidade ao Senhor Jesus, que entrou na história e assumiu plenamente uma identidade cultural, crer em adulto significa ficar voluntariamente na sua própria cultura, amá-la e servi-la. O que implica, antes de mais, considerá-la plenamente adaptada e adequada ao Evangelho, nem mais nem menos que as culturas passadas, e nem mais nem menos que elas necessita de ser evangelizada. A atitude que caracteriza a pessoa adulta na fé é, em relação à sua própria cultura, de simpatia e de sabedoria. A simpatia exprime o amor pelo seu próprio tempo, pelas mulheres e os homens de hoje, com as suas riquezas e a sua pobreza. A sabedoria, que vem do dom do Espírito, manifesta-se pela capacidade de distinguir o que, na cultura, é humano ou inumano, o que humaniza ou desumaniza. O recurso Evangelho, do qual o cristão dispõe, é um capital de humanização a partilhar com todos, não uma arma para julgar e condenar. Crer em adulto significa ficar voluntariamente no seu tempo e aí estar com discernimento, ou seja, com simpatia e sabedoria. Qualquer outra atitude deforma o Evangelho.

#### **4. Uma fé que se torna «culturalmente habitável»**

Essa relação de simpatia e de sabedoria com a cultura leva a uma outra reflexão fundamental. A questão da fé adulta não pode permanecer no único plano do processo de maturação individual. Devemos falar de maturidade ou maturação cultural da fé num determinado contexto. Por maturidade cultural da fé entendemos o estado da fé quando pode ser vivida (pelos cristãos) e socialmente entendida (pelos não cristãos) como culturalmente habitável, ou seja, como intelectualmente sensata e «humanizante», tanto para os indivíduos como para a sociedade<sup>4</sup>.

É sobretudo nesse terreno que a fé é chamada hoje a dar provas da sua pertinência e do seu valor. Muitos cristãos vivem com o sentimento de que a sua fé os obriga a ser um pouco menos humanos do que os outros, um pouco menos livres, um pouco menos cidadãos. Esta impressão é partilhada pelos não crentes. Alguns abandonaram a sua fé (o que eles achavam ser a fé) para viver melhor. A fé cristã seria então infantil, inadaptada, ultrapassada, obsoleta. E, no entanto, contra todos os prognósticos, a fé cristã é hoje, de uma forma surpreendente, convocada pela cultura no terreno da moral, concebida não como doutrina do sacrifício e do dever, mas «como poder prestar contas para si mesmo das razões em função das quais orientar a

---

<sup>4</sup> Esta reflexão sobre a maturidade cultural da fé é fruto de um diálogo com André Fossion, particularmente sensível em evitar a única aproximação individual à questão.



sua conduta, dados os últimos termos da sua condição e do seu destino»<sup>5</sup>. É, então, no terreno do sentido que a fé é pedida e esperada, o sentido para o indivíduo e para a sociedade. Ela é chamada a dar a sua contribuição ao lado e com as outras sabedorias profanas e religiosas, em função do que humaniza o homem e a sociedade, ou seja, em função do bem-estar individual e social. É nesse terreno que se joga, no final de contas, a maturidade da fé, maturidade tanto pessoal como social.

A fé cristã não tem nada a temer dessa «profanação» à qual está submetida. Com efeito, o Deus que ela anuncia fez-se homem, apresentou-se a nós na sua humanidade para promover o máximo de humanidade. Ele esteve entre nós e continua a estar entre nós, na qualidade de Senhor Ressuscitado, a mais elevada oferta de humanização pessoal, social, cultural. Ou seja, segundo a feliz expressão de Marcel Gauchet, «o filão apologético do bem-estar por Deus tem bonitos dias na sua frente»<sup>6</sup>.

Como se pode verificar, esse nível de maturidade da fé refere-se tanto aos crentes como à comunidade cristã, o corpo social da Igreja. Isso requer uma outra forma de se compreender como comunidade cristã no mundo, uma outra compreensão da Igreja e, certamente, uma modalidade diferente de entrar em relação com a cultura e de interpretar a missão e o testemunho.

O facto de a Igreja estar despojada de todo o apoio social e, mais radicalmente, da sua posição de monopólio da verdade, o facto de ela não ser perseguida, mas posta lado a lado com outras sabedorias filosóficas e religiosas, não é uma perda para a fé, mas uma sorte. Esta separação permite à fé cristã de se voltar a compreender de forma mais evangélica, de se situar numa modalidade de proposta e de liberdade, de entrar num concurso partilhado de humanização, numa concorrência sã para a construção de um mundo de filhos e de irmãos. Ela adquire esse traço decisivo da maturidade eclesial da fé que é a sua « *paresia* », ou seja, a capacidade de se propor sem se impor, de se auto-apresentar manifestando o que ela se tornou por graça, livre de preocupações apologéticas, na feliz convicção de que o Evangelho, quando é oferecido, tem ele próprio a capacidade de mostrar o seu valor, e não tem nenhuma necessidade de advogado de defesa.

É a esse nível de maturidade cultural, e não apenas individual, que a fé pode chegar à sua forma estável adaptada a uma sociedade saída da religião<sup>7</sup>. Sobre esta maturidade cultural está em jogo, então, a credibilidade da fé, e

---

<sup>5</sup> M. GAUCHET, *La religion dans la démocratie*, Éditions Gallimard, Paris 1998, 146.

<sup>6</sup> *Ibidem*, 150.

<sup>7</sup> *Ibidem*, 151.

pelos homens e mulheres de hoje ela pode dar que pensar e contribui para edificar.

## **5. A tarefa da formação para o crer em adulto hoje**

Neste horizonte, podemos questionarmo-nos sobre o sentido da «catequese dos adultos», ou sobre a «formação cristã dos adultos». A catequese dos adultos propõe-se, com efeito, a educar para uma fé adulta.

Limito-me aqui, sem desenvolver, a indicar algumas das maiores convicções que guiam a prática de formação cristã dos adultos.

A formação cristã tem duas tarefas fundamentais : colocar constantemente em contacto as fontes da fé (a base certa) e conservar na pessoa adulta a disponibilidade à mudança (o caminho como valor).

- a) A catequese dos adultos qualifica-se, em primeiro lugar, como uma «visita guiada» às fontes das quais emerge a fé: as fontes bíblicas, a liturgia e a tradição viva da Igreja. Elas devem ser consideradas como as portas de entrada que permitem a cada um entrar em relação com o Senhor Ressuscitado que conduz a sua Igreja. A formação de personalidades fortes na fé passa pela frequência dessas «pedras vivas» da fé.

No entanto, é necessário não ser ingénuo: o acesso das fontes da fé requer, por um lado, uma aproximação caracterizada por um grande rigor bíblico e teológico e, por outro, uma grande sensibilidade cultural. À fé adulta não é suficiente apenas um ouvido; são necessários dois: a escuta atenta das Escrituras e a escuta, tanto atenta como apaixonada, da sua própria cultura. É precisamente a sensibilidade cultural que permite fazer falar o Evangelho de sempre com palavras sempre novas. A formação habilita, assim, à fé adulta na medida em que esta desenvolve essa dupla escuta constante.

- b) A promoção de personalidades adultas na fé não significa a promoção de pessoas rígidas. A formação cristã está disso bem consciente. Pela sua natureza, ela visa a mudança, que chamamos de «conversão». Se no passado a formação era caracterizada pela tarefa de informar e de instruir (transmitir conhecimentos, induzir hábitos e comportamentos), hoje ela apresenta-se em todos os domínios como a tutora das transformações, a acompanhante das mudanças, para que elas se realizem de forma a conservar, alterando, a sua própria identidade e a direcção da sua própria vida.

A formação cristã exprime a sua mais elevada vocação quando se interpreta a si própria como «trans-formação», como formações para as passagens. Podemos medir quanto se distancia esta concepção de formação da ideia tradicional que visava a estabilidade, a fixação, a repetição, a rigidez.

Assim, a formação cristã visa dois objectivos principais: habilitar pessoas seguras e fiáveis e, ao mesmo tempo flexíveis e em constante conversão. A razão é evidente: a fé no Senhor Jesus Cristo é uma ligação, uma relação sempre viva, jamais fixada em esquemas, sempre aberta às surpresas e, no entanto, firmemente sólida e segura.

É por isso que, no coração da formação cristã para fé adulta, está o complexo problema das representações religiosas. Não vou abordar esse tema, já largamente explorado<sup>8</sup>. Limito-me a recordar que entramos em relação com a realidade, com nós próprios e com Deus não directamente, mas através das representações que nós fazemos, como óculos e filtros que nos permitem ver a realidade. As representações religiosas têm sempre necessidade de higiene. O processo nunca terminado de desestruturação e reestruturação das representações religiosas é a tarefa mais importante e delicada da catequese dos adultos, o local da conversão, da «*metanoia*» (mudança de mentalidade). Os esquemas nos quais nos arriscamos a encerrar Deus (e com ele nós próprios e os outros) são os ídolos para os quais as Escrituras nos advertem.

Esse trabalho foi, até ao presente, conduzido sobretudo em favor dos crentes considerados como indivíduos. Mas, podemos imaginar que ele seja igualmente urgente em favor do corpo eclesial no seu conjunto. As comunidades cristãs conservam um imaginário colectivo, uma auto-compreensão baseada nessas evidências. A tarefa mais exigente para a formação é a de acompanhar constantemente o corpo eclesial, que resiste à mudança, às conversões das representações da fé, de comunidade, de relação com o mundo. A formação para uma fé adulta torna-se adulta no

---

<sup>8</sup> FOSSION André, Dieu toujours recommencé. Essai sur la catéchèse contemporaine, *Lumen Vitae* 1997, 119-138; BINZ Ambroise, *Pour une didactique des adultes dans le champ ecclésial: références théoriques, axes, réalisations*, in *Personne, société et formation*, cadernos do ISPC, 5, Desclée, Paris 1990, pp. 115-140; CNER, *Formation chrétienne des adultes. Un guide théorique et pratique pour la catéchèse*, Desclée de Brouwer, Paris 1986, 107-116 (trad. it. CENTRO NAZIONALE DELL'INSEGNAMENTO RELIGIOSO IN FRANCIA, *Formazione cristiana degli adulti. Una guida teorico-pratica per la catechesi*, EDB, Bolonha 1988, cap. 8, pp. 95-103 ; cap. 15, pp. 175-191 ; LE BOUEDEC Guy, Une théorie de la formation, in *Les défis de la formation continue : développement personnel ou développement professionnel*, sob a direcção de Guy Le Bouedec, L'Harmattan, Paris 1988, pp. 39-55 ; BIEMMI Enzo, *Compagni di viaggio*, EDB 2003, 150-165.

momento em que ela chega a assumir o desafio de educar a Igreja (e não apenas os indivíduos) para uma atitude de conversão, para impedi-la de se fechar nela mesma, para se tornar numa Igreja auto-referencial. A formação para a fé adulta aproxima-se do seu objectivo quando ela pode tornar o corpo eclesial ao mesmo tempo discípulo e extrovertido, à escuta do Senhor Jesus e à escuta da história e da sua própria cultura.

## **Conclusão**

Paradoxalmente, na conclusão desta intervenção, poderíamos elaborar um retrato da fé adulta ao contrário : «um elogio da imaturidade do adulto e da fé adulta»<sup>9</sup>.

O Senhor Jesus, que foi adulto na sua relação com o seu Pai e os homens e as mulheres do seu tempo, mostrou-nos que a fé é tão mais adulta como está exposta à história (o menos protegida possível), ligada à dimensão quotidiana e profana da vida (o menos religiosa possível), em sintonia com a sensibilidade da sua própria cultura (o menos auto-referencial possível), atenta às questões e à imprevisibilidade (o menos segura possível), apaixonada dos itinerários e das histórias de vida das mulheres e dos homens que cruzam o seu caminho (o menos ao abrigo possível). Numa palavra, o mais vulnerável possível.

Um termo que pode resumir esse retrato ao contrário da maturidade da fé é o da gratuidade. Crer em adulto hoje pode significar viver a sua existência na lógica da gratuidade ou na lógica eucarística pela qual o Senhor Jesus deu forma à sua humanidade, ele foi adulto na fé no seu tempo.

Esta lógica de gratuidade foi expressa durante a última ceia com os seus amigos. *Ele tomou o pão*: é o acolhimento sem reserva da vida, da história e da sua própria cultura; *Deu as graças*: é o reconhecimento, a capacidade de reconhecer a disponibilidade e a generosidade de Deus, o Pai; *Partiu-o e deu-lhe*: é a disponibilidade de dar gratuitamente o que se recebeu gratuitamente, de contribuir com a sua própria vida a tornar a sociedade humana mais fraternal e habitável. Há nesse estilo de vida todo o sentido da vida e da morte de Jesus. Graça, gratuidade e gratidão são, no final de contas, os traços fundamentais do crer em adulto na história.

---

<sup>9</sup> A expressão "elogio da imaturidade" é de DEMETRIO Duccio, *Elogio dell'immatùrità. Poetica dell'età irraggiungibile*, Raffaello Cortina Editore, Milão 1998. Duccio Demetrio é professor de Educação de adultos na Faculdade de Ciências da Formação de Milão, autor de várias publicações sobre a formação de adultos, director da revista «*Adultità*» e director da Libre Université de l'Autobiographie de Anghiari (Toscana).

Felizes por estar no mundo, por estar nesse mundo, comprometidos com a causa comum de humanização de todas as culturas, as fés, as religiões, sabendo que podemos contar com dois recursos inesgotáveis: a presença do Senhor Ressuscitado («Estou convosco até ao fim do mundo», Mt 28,20) e o dom do seu Espírito (Ele, que renova todas as coisas).

Uma fé assim adulta permite estar bem na sua pele de crente e de cidadão, sem nenhuma esquizofrenia. É uma fé que tem muito para dar e muito para receber da cultura. Ela é capaz de se apoiar nos elementos da cultura para pensar a prática da fé, para a tornar razoável, para prestar contas num dado contexto. Apoiando-se assim na cultura para dar razão de si mesma, a fé «salva» a cultura (integra-a na dinâmica da salvação) e posiciona-se ela própria como razoável, possível, desejável no seu contexto (como gosta de dizer André Fossion)<sup>10</sup>. Verificamos que a questão da fé adulta acompanha a problemática da inculturação. No fundo, uma fé adulta é uma fé que permite aos cristãos viver com «facilidade» e «pertinência» numa cultura (o que implica uma liberdade de expressão, de iniciativa, de crítica, etc.). Isso pode permitir uma saída em conjunto (cristãos e não-cristãos) de uma certa ligação «vergonhosa» ao cristianismo. Quando os cristãos não se atrevem a assumir-se cristãos, é porque a fé, culturalmente, não é madura (adulta) neles e/ou não é socialmente entendida como humanizante.

A formação para uma fé assim adulta, não é apenas um dever ou uma possibilidade, ela é também um prazer, a alegria de contribuir a tornar bela, antes que boa, a sua vida e a dos seus próprios irmãos e irmãs: a nossa vida pessoal, certamente, mas sobretudo a nossa vida comunitária e a nossa convivialidade civil. E isso «para que a nossa alegria esteja completa» (1 Jo 1,4).

---

<sup>10</sup> FOSSION André, *La catéchèse dans un monde en pleine mutation*, in *Catéchèse en mutation I*, As actas do colóquio do ISPC, «Catéchèse» 172, 3/2003, 99.



## A evangelização como surpresa (\*)

P. ANDRÉ FOSSION, S.J. (\*\*)

Como concebemos a evangelização? Sabemos que esta nunca aparece espontaneamente. Ela é fruto de um caminho. Ela requer, particularmente, o testemunho das comunidades cristãs assim como, frequentemente, um conjunto de disposições pastorais. Mas que funções atribuímos a esse testemunho e a esse dispositivo? Que atitudes daí retiramos e com que efeitos nas próprias práticas? Para que resultados aguardados, previstos ou esperados? Essas interrogações, que se referem à forma de nos representarmos e de vivermos a missão de evangelização, são tão mais cruciais, hoje, tal como nós estamos, numa situação de mutação cultural e de crise de transmissão da fé. Nesse contexto, os esforços empregues com muita devoção e imaginação são, frequentemente, sentidos como vãos e, em troca, mal pagos. A perplexidade e o desencorajamento espreitam. Como gerir esta situação? Como evangelizar quando não temos mais forças e quando nos encontramos tomados por um sentimento de esgotamento, ou mesmo, de impotência? Como se representar e viver a tarefa de evangelização em tais condições?

---

(\*) Este texto foi inicialmente publicado na Revista *Lumen Vitae* Vol. LIX, nº 1 – 2004 (pp. 35-46). Entre muitas obras de referência na área da catequética, o autor publicou o livro *Une nouvelle fois. Vingt chemins pour (re)commencer à croire*, Bruxelas/Montreal/Paris, Lumen Vitae/Novalis/L'Atelier, 2004, do qual certos temas se reúnem no presente artigo. A revista *Pastoral Catequética* teve anteriormente a honra de publicar o artigo de Fossion «Uma sociedade em que a fé se abre à livre escolha – uma oportunidade para o Evangelho», *Pastoral Catequética*, n.º 6, 2006, pp. 93-109, em que a temática apresentada é igualmente retomada. Este artigo, de 2006, foi objecto de uma posterior publicação em livro sob o título «Evangéliser de manière évangélique – Petite grammaire spirituelle pour une pastorale d'engendrement» in: Ph. BACQ, Ch. THÉOBALD (Dirs.), *Passeurs d'Évangile. Autour d'une pastorale d'engendrement*, Col. Théologies pratiques, Lumen Vitae, Novalis, l'Atelier, Bruxelles, 2008, pp.57-72. Por especial deferência do autor e do editor. (N.E.)

(\*\*) Jesuíta, é professor no Centro Internacional Lumen Vitae (Bruxelas), do qual foi director de 1992 a 2002. Foi presidente da Equipa Europeia de Catequese de 1996 a 2006. É autor de numerosas obras de referência na área da catequética.

### **A acção evangelizadora entre efeitos esperados e surpresas**

Para ir directo ao assunto, digamos que uma linha essencial de partilha entre as diferentes formas de conceber a tarefa de evangelização reside, na nossa opinião, no lugar que concedemos, ou não, ao inesperado, à surpresa.

A acção evangelizadora pode ser encarada como uma empresa que é suposta dar resultados. Tudo se desenrola, então, como se uma melhor gestão pastoral ou melhores estratégias evangelizadoras pudessem produzir os efeitos procurados. Esta forma de conceber a acção pastoral resulta de um certo pressuposto, frequentemente inconsciente, de poder e de autoridade. Trata-se, com efeito, de produzir ou de reproduzir, pela nossa acção, um mundo evangelizado tal qual o sonhamos ou imaginamos, ou seja, literalmente, à imagem da nossa própria experiência e compreensão do Evangelho. Nesta óptica, tudo parte de nós. Somos depositários de uma missão e investimos todas as forças na acção evangelizadora para «fazer passar» a mensagem que trazemos em nós, procurando, assim, transformar o mundo, configurá-lo ao que somos em si mesmo ou ao que quereríamos que ele fosse.

Mas num contexto cultural como o nosso, onde a resistência é forte no que diz respeito ao cristianismo – pelo menos tal como ele existe nas representações –, o pressuposto que acabamos de referir pode induzir nos agentes pastorais duas atitudes contrárias que, na realidade, são irmãs gémeas: quer ao activismo, quer à paralisia. O activismo consiste em multiplicar os esforços, em afinar as estratégias, em utilizar novos meios de comunicação, como se fosse suficiente fazer mais para que a evangelização, finalmente, se produza. Nesta óptica, nunca fizemos o suficiente e, mesmo esgotado, é ainda necessário encontrar em si novas energias para avançar com mais força. A paralisia, então, ocorre quando os resultados esperados ou previstos não se seguem e quando, sem alento, fomos vencido por um sentimento de impotência. Todos os recursos parecem ter sido esgotados. O objectivo visado foi afastado e é em vão que nos entregámos à tarefa. A distância cultural entre o mundo contemporâneo e a fé está, então, provada como tão grande e os nossos meios de fazer frente como tão pobres que a causa parece perdida. Daí, o desencorajamento e o recuo de identidade sobre o pouco que resta... Mas, sublinhemos que, nos dois casos, em que multiplicamos os esforços ou em que renunciamos a eles, é sempre a partir de um certo imaginário – fosse ele decepcionante – de *autoridade* e de



*reprodução* do que nós próprios recebemos: a acção é suposta *produzir* os frutos que temos em vista e dar os *resultados* esperados.

Creemos que é desse imaginário que é preciso sair. A este respeito, é oportuno, escutar, hoje ainda, as próprias palavras que Gamaliel dirigiu a Sanhedrin a propósito da missão dos discípulos de Jesus: «Se o seu empreendimento é dos homens, esta obra acabará por si própria, mas, se vem de Deus, não conseguireis destruí-los» (Act 5, 38-39). Esta entrega nas mãos de Deus da tarefa de evangelização não conduz nem ao quietismo nem à temporização. Ela não retira nada à exigência e à necessidade de planificar as coisas, de nos dotar de projectos pastorais inteligentes e audaciosos, mas convida-nos a contar, mesmo no campo dos nossos compromissos, com factores imponderáveis que nós não controlamos e que não podemos medir conforme o avanço dos efeitos. Todos os dispositivos pastorais que podemos colocar no lugar, assim necessários sejam, nunca serão mais que velas inertes, ineficazes, inoperantes por elas próprias se o vento não as vem soprar para transportar o barco ao largo. Todos os nossos projectos, em certa medida, não são mais do que ocasiões de partida das quais não podemos adivinhar nem o momento nem o termo. Porque do Espírito, da sua origem e do seu destino, não temos o domínio: «O vento sopra onde quer: mas não sabes nem de onde vem nem para onde vai» (Jo 3,8). Assim, queremos sublinhar aqui que a missão de evangelização, por princípio e concretamente, é chamada a abrir, no seu dinamismo próprio e para o seu desenvolvimento, um lugar essencial ao inesperado, à surpresa do Espírito. Por outras palavras, é necessário pensar, hoje, o processo de evangelização não apenas como um projecto que nos esforçamos por realizar, mas também sob o modo do descontrolo, do acontecimento e da surpresa; uma surpresa da qual temos de agarrar todas as possibilidades de fecundidade. Porque se a evangelização é uma tarefa difícil, o surpreendente é que, no entanto, ela se produza, sem dúvida graças a nós, mas também sem nós, inclusive apesar de nós, de uma forma e com os efeitos que não imaginávamos. Na realidade, um novo crente, ou alguém que retoma a fé, será sempre uma surpresa. Já que o local onde (re)nasce a fé não está no poder de escolha da pessoa. Igualmente, a adesão de uma pessoa ao Evangelho nunca será o objecto de uma conquista ou o resultado de uma estratégia. Tratando-se de crescimento no Reino de Deus, o Evangelho fala, igualmente, ele próprio de sementeira e de semente que cresce sem que saibamos como: «O Reino de Deus é como um homem que lançou a semente à terra. Quer ele esteja a dormir, quer ele

se levante, de noite e de dia, a semente germina e cresce, sem ele saber como» (Mc 4,26-27). Ou seja, nós não temos o poder de transmitir a fé. É certo que a fé não se comunica sem nós, sem a comunidade cristã que a testemunha. O nosso dever é de velar pelas condições que tornam a fé possível, inteligível, desejável. Esta missão já é enorme, mas ela não fica por aí. Porque a própria transmissão da fé nos escapa. Não esqueçamos que o Evangelho tem um poder de sedução em si e por si próprio. Quanto aos seres humanos, eles continuam «capazes de Deus» hoje como ontem sem que o dever nos incumba de criar neles esta capacidade. As sementes continuam, evidentemente, necessárias. É necessário semear e muito. Mas é inútil pré-julgar o fruto que chega, submergir o rebento ou arrancar as folhas para forçar o crescimento.

No momento em que podemos ser tomados pelo activismo ou, pelo contrário, invadidos por um sentimento de impotência, não teríamos, por conseguinte, a representar-nos a tarefa da evangelização não a partir das nossas próprias forças sob o paradigma da autoridade mas a partir de factores que não dominamos sob o paradigma primeiro da surpresa? Mas para que somos treinados se adoptamos tal perspectiva? Como fazer para que a empresa de evangelização dê, efectivamente, lugar à surpresa e se deixe fecundar?

### **Ir ao encontro de fecundas surpresas**

Proponhamos aqui algumas atitudes que dispõem as testemunhas do Evangelho a ir ao encontro a fecundas surpresas.

### **Arriscar-se ao acolhimento no lugar do outro**

A tarefa de evangelização é frequentemente enunciada em termos de exigência de acolhimento. «As nossas comunidades cristãs, dizemos, devem ser acolhedoras». Evidentemente. Mas não há nesse convite a ser acolhedor para com os outros uma posição de superioridade para com eles? Com efeito, quando multiplicamos os sinais de acolhimento, não estamos a dizer-lhes, implicitamente: «Venham encontrar em nós o que não têm em vossa casa»? Assim, no jogo da comunicação, aquele que acolhe coloca-se, sub-repticiamente, em posição elevada, enquanto que aquele que é acolhido é remetido a uma posição inferior. Daí a dificuldade em conduzir um diálogo evangélico autêntico, já que somos apanhados numa armadilha

de uma relação dominante/dominado. Para se sair dessa situação, não teria de se inverter a lógica, de acordo com o Evangelho: não procurarmos, verdadeiramente, acolher o outro em nossa casa, mas mais arriscarmo-nos a ser acolhidos em casa do outro, fazendo fé nas suas próprias capacidades de acolhimento? Com efeito, o Evangelho não nos diz: «Sede acolhedores». Ele convida-nos, em vez disso, a deslocarmo-nos até ao outro para receber a sua hospitalidade. «Zaqueu, pois hoje preciso de ficar em tua casa» (cf. Lc 19,5). «Quando tiverdes encontrado a hospitalidade numa casa, permaneçei aí até à vossa partida» (Mc 6,10). «Quem vos acolhe, acolhe-me a mim» (Mt 10,40).

É esse mesmo «ir em direcção ao outro» que encontramos no relato dos peregrinos de Emaus. De acordo com a dinâmica do relato, trata-se de entrar numa conversa em curso – «De que falais vós, então, no caminho?» (Lc 24, 17) – e aí, caminhando, falar de coisas comuns, partilhar as alegrias e as penas, interessar-se pelos interesses do outro, enunciar os seus e, finalmente, fazer amizade. Procurar a amizade, evidentemente, não é uma tática pastoral, uma «truque» para evangelizar. Do ponto de vista do Evangelho, a amizade é, efectivamente, um fim em si. Mas, para além disso, ela é também o local natural onde a testemunha do Evangelho pode partilhar com o outro as suas convicções, no mesmo pé de igualdade, de pessoa para pessoa, num clima de escuta mútua e de franca liberdade. Estas perspectivas evangélicas não suprimem, evidentemente, as exigências de acolhimento em nossa casa, mas acontecerá, então, numa óptica de reciprocidade, onde uns e outros dão e recebem. A hospitalidade recebida, com efeito, chama a hospitalidade devolvida. O termo «anfitrião» não designa, por outro lado, tanto a pessoa que recebe como quem é recebido?

Para ilustrar essas perspectivas, aqui está um pequeno exemplo autêntico e, também, simbólico de muitos outros. Um grupo da catequese decidiu reunir-se no coração da cidade, num HLM<sup>1</sup>, em casa de um dos membros do grupo. Surpresa...não foi necessário muito tempo para que os vizinhos próximos se alegrassem pela iniciativa, a dessem a conhecer e prestassem a sua colaboração. Ao grupo, juntam-se crianças do bairro, bem como adultos interessados que, sem isso, nunca se teriam aproximado de uma catequese. A vizinha muçulmana nunca falta com a contribuição de bolos da «casa». Quanto ao locatário da frente, que nunca vai à igreja, ele oferece-se,

---

<sup>1</sup> HLM: Designação que significa “habitation à loyer modéré” utilizada para definir os bairros sociais. (N. da T.)

voluntariamente, os seus serviços para transportar as crianças, recebendo delas os ecos da sua catequese.

### **Deixar-se evangelizar por aqueles que nos esforçamos por evangelizar**

Esta segunda atitude, na continuação da primeira, consiste em descobrir o Espírito já em construção no lugar do outro ou no seu caminho. A testemunha do Evangelho, com efeito, onde quer que chegue, descobre-se sempre precedida pelo Ressuscitado. «Ele não está aqui. Ele precede-vos na Galileia: é lá que o vereis» (cf. Mc 16,6-7). Hoje, ainda, essa mensagem angélica se dirige a nós como às mulheres junto ao túmulo e nos convida a estarmos com os outros na esperança de descobrir com eles, nas suas diversas paragens, no coração da sua própria existência, os traços do Ressuscitado que sempre nos precede, que já lá está, incógnito. Desse ponto de vista, nós não proporcionamos aos outros uma graça da qual eles estariam privados. Nós não lhes levamos nada de novo, senão uma palavra que convida a descobrir e a reconhecer o que já foi oferecido, secretamente, no mais íntimo de cada um: o Espírito de Cristo ressuscitado que já lá está, disseminado sobre toda a carne. Nesse sentido, o empenho da fé apresenta-se sempre com uma releitura da existência, para aí descobrir – novamente, é verdade – aquilo que já foi dado? É, em todo o caso, o que dizem os convertidos quando falam da sua caminhada na fé: “Ele já lá estava operando na minha vida, eu não sabia, mas agora reconheço-o”. Toda a arte do evangelizador é, desde logo, a de favorecer este reconhecimento, a de discernir e de assinalar com o dedo a presença do Reino nas pessoas e nas situações, mesmo onde menos se esperava. Estas perspectivas convidam a muita humildade na nossa aproximação ao outro e, em todo o caso, a abandonar a divisão que metemos entre aqueles que estariam no centro, no umbral ou na periferia. Na realidade, Deus aproximou-se de todos, incluindo daqueles que têm fama de «estar longe» mas que manifestam, às vezes, contra todas as previsões, uma adequação ao Reino e uma disposição em compreender a Boa Nova que nos pode assombrar. Esta foi, para além disso, a experiência do próprio Jesus quando foi tomado pela admiração perante o centurião: «Não encontrei ninguém em Israel com uma tão grande fé» (Mt 8, 10). Da mesma forma, vamos levar-nos até ao outro não para o ganhar para a nossa causa, não para lhe levar o que ele não tem, mas para reconhecer com ele, na sua vida, a presença do Ressuscitado de uma forma que nos pode surpreender a nós próprios “por este ser também um filho de Abraão”

(Lc 19,9). “Os cobradores de impostos e as meretrizes vão preceder-vos no Reino de Deus” (Mt 21,31). Assim, sejamos capazes de receber daqueles que evangelizamos o testemunho da obra de Deus já neles. Quer dizer que a evangelização é sempre recíproca: o testemunho dado suscita o testemunho devolvido.

### **Viver e deixar-se interrogar**

Esta terceira atitude consiste em deixar para o outro a iniciativa de colocar a questão. É esta atitude que encontramos já recomendada no Antigo Testamento quando se trata da transmissão da aliança às novas gerações. Segundo esse processo, os mais velhos têm de viver a sua fé, o seu culto e os seus costumes perante os seus filhos, sem os pressionar, sem querer «fazer passar» a sua tradição pela força, pela imposição, mas deixando-lhes a iniciativa do questionamento. «Quando os vossos filhos vos disserem: “Que serviço cultural é esse que fazem?”, vós direis: “É o sacrifício da Páscoa em honra do Senhor, ele que passou ao largo das casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu o Egito e salvou as nossas casas”» (Ex 12,26-27). Ao contrário desta perspectiva, a tradição catequética na Igreja foi marcada durante séculos por uma pedagogia onde o catequista tinha a iniciativa das questões e das respostas, dos seus termos como da sua programação. Os catecismos previam, com efeito, umas e outras segundo uma progressão e uma ordem definidas. A atitude da qual falamos aqui inverte, de todo em todo, o processo: as questões virão nos termos e na ordem que o outro quiser e no momento em que ele quiser. Esta atitude supõe, da parte da testemunha do Evangelho, uma reserva, uma ascese, uma serenidade em si, bem como uma confiança no outro, que dão tempo ao tempo e o dispensam de querer forçar o desejo e de acelerar o crescimento. Isso não significa, evidentemente, que a testemunha do Evangelho seja condenada à passividade e se proíba toda a iniciativa da palavra. Mas irá dosear as coisas discernindo o que convém mais, mas, em todo o caso, velando para que um espaço de desejo e de iniciativa seja, constantemente, oferecido ao outro.

### **Distinguir crer «com» e crer «como»**

Esta quarta atitude deixa, igualmente, lugar à iniciativa do interlocutor. Ela abre-lhe a possibilidade de se apropriar do testemunho da tradição de forma inventiva e não sob o modo da simples imitação, repetição e

reprodução. Ela recorda que, fundamentalmente, o processo de inculturação da fé não é apenas atribuído à testemunha do Evangelho mas também e sobretudo àquele que recebe esse testemunho. Como referido, por outro lado, de forma audaciosa, a exortação apostólica *Catechesi Tradendae* no processo de transmissão da fé trata-se «de ajudar as culturas a fazer surgir das suas próprias tradições vivas as expressões originais de vida, de celebração e de pensamento cristão»<sup>2</sup>. Estamos longe, aqui, de um simples processo de repetição. Mas isso supõe que o desejo de transmitir a fé não se confunde com o desejo que o outro crê «como eu». Com efeito, podemos esperar uma comunhão na fé «com o outro» mas essa comunhão não é «clonagem» na fé. Hoje não cremos «como» os nossos avós e as gerações que vêm não crerão «como» nós. O mesmo se passa com a fé e com todo o processo educativo: trata-se de transmitir as tradições, os conhecimentos adquiridos mas deixando às novas gerações o campo livre para os contestar, os transformar, os enriquecer, os desenvolver, etc. Como o disse, e com razão, Hannah Arendt, o perigo é o de querer tomar o lugar da novidade que representam as novas gerações e de querer decidir por elas o seu destino: «A nossa esperança reside sempre no elemento de novidade que cada geração traz com ela; mas é precisamente porque não podemos colocar a nossa esperança senão nele, que destruímos tudo se tentamos canalizar esse elemento novo para que nós, os anciões, possamos decidir o que ele será. É justamente para preservar o que é novo e revolucionário em cada criança que a educação deve ser conservadora: ela deve proteger essa novidade e introduzi-la como um novo fermento num mundo já velho que, embora tão revolucionários quanto possam ser os seus actos, é, do ponto de vista da geração seguinte, envelhecido e próximo da ruína»<sup>3</sup>. Também assim se passa com o processo de transmissão da fé cristã: o que é transmitido não é apenas a fé mas, com ela e no mesmo movimento, a capacidade de a viver, de a redizer, de a exprimir de novo e de um novo modo. Nesse sentido, ainda que uma mesma inspiração as reúna, a «redditio» (o testemunho restituído) nunca será a cópia da «traditio» (o testemunho dado). Forçosamente, a transmissão traz com ela o novo e o diverso.

---

<sup>2</sup> Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, 1977, n. 53.

<sup>3</sup> H. ARENDT, "La crise de l'éducation", in *La crise de la culture*, Col. Idées, Paris, Gallimard, 1972, p. 224.

## Não fazer obstáculos ao inédito do outro

Esta quinta atitude é, de alguma forma, um corolário ou uma consequência da precedente. Ela consiste em pôr em movimento, mas abrindo-a, a liberdade da caminhada. Com efeito, o risco para as testemunhas do Evangelho é de obstruir o acesso à fé pelas suas próprias limitações ao impor o caminho e a sua forma de habitar a fé. Era já a tentação dos judeus convertidos ao cristianismo que queriam impor aos pagãos que se tornaram cristãos as suas próprias tradições e costumes. «Por isso da opinião que não devemos importunar os pagãos convertidos a Deus» (Act 15,19). Estas palavras do apóstolo Tiago, na sequência da Assembleia de Jerusalém, deveriam inspirar-nos sem cessar a necessária reserva perante o outro para que ele possa nascer para a sua própria maneira de se apropriar da mensagem cristã e de se tornar discípulo de Cristo. Na realidade, o que temos de fazer é colocar à disposição de todos o tesouro da tradição cristã com o fim de que esse tesouro possa ser para todos um fermento para a sua existência. Cada um fará o que quiser. Mas nós não podemos nem pré-julgar os frutos nem o tempo de maturação. O que virá talvez não seja a fé cristã. Desse ponto de vista, o testemunho da fé não tem como finalidade transmitir a mesma embora, evidentemente, a possamos desejar; ele é, em primeiro lugar, um acto de caridade onde se oferece ao outro, sem cálculo, o melhor do que se leva, dando-lhe a liberdade para tirar o que quiser para continuar o seu caminho e construir a sua vida. Para uns, esse fermento da tradição cristã – essa «parte seminal da nossa cultura», de acordo com a expressão de Marcel Gauchet<sup>4</sup> – conduzirá a frutos de cultura, ajudando-os a situarem-se numa história, a pensar e a vivê-la. Outros tirarão uma inspiração ética. Outros, também, abrirão um caminho de fé no seio da comunidade cristã. Propor, assim, o cristianismo como semente, incluído no espaço público, não é nem impor com autoridade uma verdade, nem normalizar as consciências, mas verdadeiramente permitir a cada um e a cada uma exercer melhor a sua liberdade de cidadão ou de cidadã face ao que se enuncia, para se apropriar ou não, se inspirar ou não, para a sua própria evolução, bem como

---

<sup>4</sup> Numa época que se emancipou da necessidade do fundamento e do enquadramento religioso, o cristianismo conserva sempre, segundo Marcel Gauchet, uma função seminal tanto para os indivíduos como para toda a sociedade. «A cultura cristã é uma parte seminal da nossa cultura, é impossível ignorá-la. Daí resultam os títulos eminentes e uma inserção privilegiada para as instituições em que ela se perpetua». M. GAUCHET, "Service public, pluralisme et tradition chrétienne dans l'éducation", in *Exposant neuf*, hors série, juin 2002, n°1, p. 9.

para a sua acção na sociedade. Assim, temos de semear largamente sem pré-julgar as capacidades de recepção do outro nem os frutos que virão. Ora, pelo contrário, acontece frequentemente hoje, nos meios cristãos, que aumentamos a um tal ponto a dificuldade da transmissão da fé, em particular às gerações mais jovens, que toda a iniciativa parece vã: «Ah, não, isso não! Não a esse texto para ler, não a esta ideia a aprofundar, não a esta experiência a empreender, é demasiado duro, demasiado cedo, demasiado afastado da sua cultura, dos seus interesses, da sua linguagem, da sua vida, eles nunca compreenderão, isso vai-os repelir, etc.». Mas, à força de se querer, assim, aproximar da experiência imediata do outro, não se progride; nada mais se passa e nada mais passa. Certamente, é preciso discernir com sabedoria o que convém. Mas o que convém é também ousar demover o outro, crer nele e surpreendê-lo, abrindo-se, assim, a si mesmo, à surpresa. A atitude justa, a este respeito, é de ser suficientemente desprendido da sua própria experiência para não a erigir como norma e prender, assim, o outro a si mesmo. Como refere, muito justamente, a *Catechesi Tradendae*, « [o catequista] há-de procurar que a adesão da inteligência e do coração daqueles que catequiza não se detenha em si mesmo, nas suas opiniões e atitudes pessoais»<sup>5</sup>. Isto também é verdade para toda a testemunha do Evangelho. Não façamos, então, dos caminhos que nós próprios tomámos, uma passagem obrigatória para os outros e, finalmente, um obstáculo. Nem tenhamos preconceitos tais sobre os outros que os julgamos incapazes de sair de si mesmos e de se pôr à escuta da tradição cristã. Os grandes textos, os monumentos desta tradição, todos nos ultrapassam; eles não estavam nem imediatamente adaptados à nossa situação de ontem, nem ao contexto de hoje. E, no entanto, nós somos percorridos por eles, atravessámo-los e deles retirámos do que viver. Quem somos nós, hoje, para dizer que os outros são «incapazes», por seu turno, de o fazer à sua maneira? Porquê interditar-lhes o que nos foi permitido? Aí também, deixemos aos outros tanto a liberdade de ser surpreendidos como de nos surpreender.

### **Pedir e receber ajuda**

Frequentemente, a evangelização é concebida a partir das nossas próprias forças e riquezas: trata-se de proporcionar aos outros o que eles

---

<sup>5</sup> Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, op. cit., n. 6.



não têm e que nós temos. No entanto, na evangelização, – e é a sexta atitude que queríamos apresentar aqui – não haveríamos também de pedir ajuda e de a receber? Porque será sempre necessário, com efeito, que a evangelização se produza quando somos fortes e a damos, e não quando estamos fracos e a pedimos. Aquele que não pede nada e não espera nada de ninguém, em realidade, não vive: ele é auto-suficiente. Pelo contrário, a procura põe em relação, instaura uma história comum. Na lógica evangélica, é a própria procura que dá a vida. Assim ela esteja sempre preenchida. É por isso que, na nossa missão evangelizadora, nós não nos podemos privar de pedir e de receber ajuda, não apenas no interior da comunidade cristã, mas também para além dela. Isso poderá ser um pedido de ajuda ou de conselho de ordem material, técnica, cultural, artística, etc. a pessoas, assim como a associações ou colectividades que não pertencem à comunidade cristã mas que podem, perfeitamente, dar a sua colaboração à sua missão num espírito de bondade e de apoio de tudo o que, solidariamente, faz a nossa humanidade. E mesmo sem ter pedido nada, podemos, também, dispor-nos a receber os aliados inesperados, sobretudo quando nos sentimos no limite das forças, sem recursos. Esses aliados inesperados podem ser pessoas, acontecimentos, teorias, novas aspirações culturais: num dado contexto, sem que os tenhamos podido prever, eles vêm prestar a sua colaboração e dar um peso suplementar à mensagem evangélica. Cremos, frequentemente, que a evangelização se apoia, unicamente, nas costas da Igreja. É verdade que esta não deve poupar os seus esforços. Mas não esqueçamos que, dentro da sua própria obra, a comunidade cristã encontra múltiplas circunstâncias e parceiros que, de fora dela, vêm apoiar a sua mensagem, as suas aspirações e a sua acção, à semelhança de Ciro, o rei dos Persas, imagem do estrangeiro, que o Senhor, contra todas as previsões, chamou para reconstruir Jerusalém e restabelecer o povo na sua liberdade. «Sou eu que digo de Ciro: Ele é o meu pastor que cumprirá todas as minhas vontades, ele reconstruirá Jerusalém e restabelecerá o Templo» (Is 44,28). Sim, verdadeiramente, o Espírito sopra onde ele quer. A título de exemplos, citemos alguns casos concretos de ajuda inesperada. Pensemos num magnífico fresco audiovisual, dirigido por uma colectividade local, que apresenta, admiravelmente, a arquitectura das igrejas romanas e a espiritualidade que as anima<sup>6</sup>. Pensemos também

---

<sup>6</sup> *Le jeu de la pierre et de la foi*. Uma ópera de imagens realizada por Jean-Michel Mahenc e o Atelier Audiovisual de Barbizon, apresentado pelo Espace Art Roman no Office du Tourisme et des Congrès, Clermont-Ferrand.

nessa recente apresentação do cristianismo sob a pluma de um filósofo<sup>7</sup> que oferece um enfoque interessante para compreender, exactamente, a herança cristã na nossa cultura. Ou ainda na presença do Islão no velho continente cristão – não será ela um factor de redescoberta da herança cristã? Estes são apenas exemplos, mas indicam que essa herança pode sempre refazer a superfície na massa humana com uma tal força e uma autenticidade surpreendentes, que não são da nossa autoria e podem, mesmo, surpreender-nos.

Se as nossas comunidades cristãs são, hoje, frequentemente, tomadas por um sentimento de impotência, é porque elas se encarregam, sem razão, de todo o peso da evangelização, como se tudo dependesse delas. Estamos na altura de sair desse paradigma da autoridade, não para não fazer nada e deixar andar, mas para agir tendo em conta, na própria acção, todos os factores que não dominamos, que voltam a pôr em jogo os nossos projectos e nos votam a fecundas surpresas. O cristianismo que vem nunca será, unicamente, o produto dos nossos planos e dos nossos esforços, ainda que sejam necessários. Ele será, também, o fruto, novo, inesperado, surpreendente, da liberdade humana e do trabalho do Espírito no coração do mundo.

---

<sup>7</sup> Neste caso, Luc Ferry e na sua obra «*Qu'est-ce q'une vie réussie?*», Paris, Grasset, 2002.

# A catequese ao serviço da competência cristã (\*)

P. ANDRÉ FOSSION

A teoria do acto catequético aqui proposta não pretende em absoluto substituir todas as outras. Ela vem antes enriquecer, através de uma aproximação específica, a inteligência plural que nós podemos ter.

## A noção de «competência»

A noção moderna de «competência» foi criada no mundo das empresas. A competência é a qualidade de uma pessoa como reconhecida capaz de continuar os projectos com imaginação, preocupando-se com as pessoas, bem como com a adaptação aos imperativos da acção. Assim, a competência é composta por três aspectos essenciais: a inventividade, a eficácia e a responsabilidade. Sublinhemos que essa noção de «competência» diz respeito à gestão inventiva e responsável das situações globais. Ela distingue-se, desse ponto de vista, da «perícia» que diz respeito ao domínio de problemas específicos, muito detalhados.

A noção de competência passou para o domínio pedagógico. Falou-se, então, de pedagogia das competências<sup>1</sup>. Nessa óptica, o sistema educativo tem como objectivo tornar o cidadão capaz de responder de forma ajustada às situações-problemas que ele encontra, ou que encontrará nos diferentes domínios da sua existência. Nessa problemática, concebe-se a formação como uma ferramenta do aluno para que ele se encarregue imediatamente

---

(\*) Texto anteriormente publicado na Revista *Lumen Vitae* Vol. LX, nº 3 – 2005 (pp. 245-259). Por especial deferência do autor e do editor.

<sup>1</sup> Cf. P. PERRENOUD, *Construire des compétences dès l'école*, Paris, ESF, 1999; X. ROEGIERS, J.-M. DE KETELE, *Une pédagogie de l'intégration: compétences et intégration des acquis dans l'enseignement*, col. *Pédagogies en développement*, Bruxelles, De Boeck, 2000.

da sua vida, nos seus diferentes aspectos e para que possa, assim, contribuir para a edificação da sociedade com talento e rigor, com inventividade e responsabilidade. Essa competência, naturalmente, nunca é adquirida de uma vez por todas; ela implica o seu contínuo desenvolvimento. Assim, é multiplicando e diversificando os problemas encontrados que a competência aumenta no desenrolar do seu exercício.

Proponhamos, então, esta definição geral da competência: ela é a aptidão de um indivíduo a mobilizar, de forma integrada e inventiva, um conjunto de recursos (saber, saber-fazer, atitudes) para responder adequadamente às situações dadas, sempre singulares, e para melhorar constantemente esta atitude pelo seu exercício mesmo em situações variadas. Como refere Ph. Zafirian, «a competência é uma inteligência prática das situações que se apoia nos conhecimentos adquiridos e os transforma com tanta força como a diversidade das situações aumenta»<sup>2</sup>.

Precisemos que a noção de competência, tal como vem a ser definida, não está ligada ao conceito neo-liberal de «competitividade» onde se trata de cada um se mostrar mais «competente» que os outros, de ganhar mais benefício ou de lapidar melhores partes do mercado. Restabelecer a noção de «competência» como «competitividade» voltaria, em pedagogia, a instrumentalizar os alunos para o benefício do sistema neo-liberal, em vez de lhes dar ferramentas para uma vida livre e aberta, socialmente inventiva e responsável. Pelo contrário, noutro sentido, a noção de competência que utilizamos aqui regressa à noção humanista de «excelência»: nesse sentido, ser competente, destacar-se na arte de viver, de assumir as suas responsabilidades, de participar na vida social, de construir a cidade, de servir o próximo, etc.

### **A competência cristã**

Podemos transferir esta noção de competência para o campo da vida cristã? É o que nós queríamos tentar aqui, tirando as implicações possíveis para o plano da pedagogia catequética.

---

<sup>2</sup> Ph. ZAFITIAN, *Objectif compétence. Pour une nouvelle logique*, col. *Entreprise et carrière*, Rueil-Malmaison, Ed. Liaisons, 1999, p. 74.

A competência cristã, entendê-la-emos simplesmente, como a aptidão para conduzir a sua vida como cristão. Ela designa a arte de viver na fé de maneira livre, responsável e inventiva, não em virtude de uma obrigação que se impõe, mas em virtude de uma graça oferecida que desejamos ver abrir em si, para o seu próprio bem e para o bem dos outros. Mais precisamente ainda, por competência cristã, entendemos *a aptidão de conduzir a sua vida a «escrever» pessoalmente na fé (fé/esperança/caridade) em relação com a comunidade cristã e num dado contexto cultural, mobilizando de forma integrada e inventiva os diferentes recursos (saberes, saber-fazer, atitudes e valores...) da Tradição cristã e das culturas, e a incrementar esta competência no seu exercício, inclusive no fio dos dias.*

Explicitemos cada uma das partes desta definição. Isso permitir-nos-á delimitar melhor todos os aspectos da «competência cristã».

*A competência do cristão consiste em «escrever» pessoalmente a sua vida na fé*

Com isto queremos dizer que a vida cristã é uma obra que é, cada vez, singular. Ela é uma «autobiografia», uma escritura da sua vida que se redige sob a inspiração do Evangelho e com a fé como «regra». Esta «regra» não conduz à conformidade de acordo com um molde já feito. Pelo contrário, ela abre o jogo da vida no Espírito. A vida cristã, nesse sentido, é a escritura inventiva de uma página do «quinto evangelho» que os quatro primeiros inspiram. Assim, a vida cristã é uma vocação dirigida a cada um: a de encarnar o Evangelho na vida, de maneira cada vez singular, para a tornar plenamente mais humana.

*Em relação com a comunidade cristã*

A fé de que aqui se fala não se trata não é uma fé qualquer, mas a fé em Jesus Cristo, tal como está ao alcance da tradição e comunidade cristãs. O «Eu creio» dos cristãos, ainda que eminentemente pessoal, nunca é solitário; ele supõe sempre uma comunidade de fé que precede e sustém nessa fé. O «Eu creio», por mais pessoal que seja, inscreve-se sempre num «Nós cremos». Quer dizer que a competência do cristão não é separável da sua pertença à comunidade cristã; ela supõe a atitude de aí se movimentar, de tomar parte, de maneira fraternal, crítica e inventiva das suas acções, encontros e celebrações.

*Num dado contexto cultural*

A vida cristã está, forçosamente, sempre situada num dado contexto histórico e sócio-cultural, com os seus acontecimentos, os seus problemas e as suas aspirações específicas. Ela implica uma participação na vida social, uma participação na conversa, no diálogo dos seres humanos em simpatia «com as suas alegrias e as suas penas, com as suas esperanças e as suas angústias» (cf. GS, §1). Nenhum humano é estrangeiro para a vida cristã. E a vida cristã não tem sentido se não é para tornar a vida social mais humana, no Espírito do Evangelho.

*Mobilizando, de forma integrada e inventiva,  
os recursos da tradição cristã e das culturas*

O termo «mobilização» indica aqui que a vida cristã não é simplesmente «aplicação» de princípios ou de verdades. A mobilização implica uma escolha, uma triagem entre um conjunto de recursos disponíveis, depois, uma activação. Os recursos escolhidos são colocados juntos, integrados numa certa ordem e segundo um certo processo, para constituir uma estratégia de resolução dos problemas que se colocam: questões a tratar, tarefas a cumprir, projectos a realizar, situações a gerir, dificuldades a superar, etc. A variedade dos problemas encontrados implica uma inteligência prática das situações e uma mobilização de recursos sempre original. Os recursos que retiramos e que mobilizamos são também saberes, tais como saber-fazer (métodos, processos por etapas) ou ainda atitudes (como, por exemplo, a paciência, a resistência, o rigor, etc.). Esses recursos pertencem à tradição cristã mas também às culturas nas quais a fé cristã é chamada a ser vivida, a exprimir-se e a enriquecer ao seu contacto. Por exemplo, para responder em cristão a uma questão moral num dado contexto, é necessário apoiar-se na tradição cristã mas também no conhecimento das situações concretas, nos saberes das ciências humanas, na história, etc.

*Enriquecendo esta competência no próprio exercício  
da sua prática na variedade das situações encontradas*

A competência cristã torna-se verdadeiramente uma competência, já que ela é capaz de se refinar sem cessar com o contacto das realidades encontradas, avaliando de forma crítica as atitudes ou as soluções adoptadas

face às realidades. Ou seja, a competência cristã nunca está adquirida; ela é um movimento.

### **Quatro famílias de situações-problemas**

Tratando-se da vida cristã, podemos distinguir quatro famílias de situações-problemas que as pessoas, na diversidade das circunstâncias, são levadas a resolver.

Há, em primeiro lugar, situações-problemas que relevam **da vida privada** ou, noutros termos, a esfera doméstica (família, círculo de amigos, tempos livres, etc.). Revelam desta esfera as questões relativas às relações de amizade ou de amor, à saúde, à utilização da sua fortuna, à educação das crianças, etc. A competência cristã consiste aqui em saber assumir, na fé, as questões e os desafios no domínio da vida doméstica. O que dizer à sua filha de 15 anos que anuncia que perdeu a fé? Como assumir em família um falecimento ou um acidente grave de um dos seus membros? Como manter uma vida de oração em família e de meditação pessoal? Como gerir dificuldades de relação com a vizinhança? Que sinais de fé introduzir no seu ambiente imediato?

Uma outra família de situações-problemas diz respeito à **participação na vida eclesial**, nas actividades (encontros, celebrações, acções, etc.) da **comunidade cristã**. A competência cristã consiste, aqui, em tomar parte, com uma certa facilidade, na vida da comunidade cristã nos seus diversos aspectos: litúrgico, caritativo, festivo, social, jurídico, administrativo, etc. A competência do cristão consiste em participar nas actividades da comunidade, ou mesmo, em exercer nela uma parte de responsabilidade. Por exemplo, compreender a dinâmica do ciclo litúrgico, formular intenções de oração para a Igreja, conhecer os diversos serviços de uma diocese ou de uma paróquia, conhecer as regras canónicas essenciais que regem a vida dos cristãos, etc., tudo isso pertence à competência de inserção eclesial do cristão.

Uma terceira família de situações-problemas diz respeito à colaboração, num espírito evangélico, para a **edificação de uma sociedade mais humana**. A competência do cristão consiste, aqui, em assumir de forma activa e responsável a sua condição de cidadão para que a cidade humana

seja mais fraternal, mais justa, mais impregnada do espírito das beatitudes evangélicas. A competência do cristão será de permanecer desperto – e de ter desperto – face aos valores de justiça e de liberdade, de discernir onde se põem os problemas e de se comprometer para os resolver onde ele pode com os meios dos quais ele dispõe.

Uma quarta família de situações-problemas diz respeito à **missão de evangelização** que incumbe a todo o cristão. A competência cristã consiste, aqui, em poder dar conta de maneira pertinente da fé no diálogo com o próximo, em ter a preocupação de despertar o próximo, de acompanhar aqueles e aquelas que desejariam dar um passo na fé, quase a prestar testemunho ao Deus de Jesus Cristo, com pertinência, livremente e no respeito das liberdades, no seio de um dado contexto cultural.

### **A função catequética**

Se tal é competência cristã nos seus diferentes domínios de exercício, a catequese pode ser, portanto, considerada como sendo posta ao serviço da sua aquisição e do seu desdobramento<sup>3</sup>. O seu objectivo será, então, de habilitar os cristãos a gerir na fé a sua vida pessoal, a participar na vida da comunidade cristã, a colaborar na construção de um mundo mais humano no Espírito do Evangelho e a testemunhar da sua fé a fim de a tornar possível, compreensível e desejável aos outros.

Para contribuir para a aquisição desta competência, a catequese deverá localizar as situações concretas (questões a resolver, tarefas a realizar, dificuldades a superar, desafios a assumir, provas a atravessar, missão a cumprir, etapas a ultrapassar, etc.) às quais os cristãos têm habitualmente de fazer face. Ela deverá também discernir os recursos (saberes, saber-fazer e ferramentas) que se mostram mais oportunos e mais úteis para encarar as questões da vida. Assim, a catequese terá como missão equipar o catequizado para a sua vida cristã de hoje e de amanhã, prevendo, tanto quanto possível as questões e desafios que poderiam apresentar-se a ele.

---

<sup>3</sup> Assinalemos que, numa contribuição precedente, tratámos do acto catequético como o exercício conjunto de cinco competências: cultural, teológica, pedagógica, organizacional e espiritual. Todo o acto catequético implica a aplicação inventiva e integrada dessas cinco competências. Cf. A. FOSSION, “Faire résonner la parole. La pratique catéchétique”, em G. ROUTHIER, M. VIAU (Dir.), *Précis de théologie pratique*, Montreal/Bruxelas, Novalis/Lumen Vitae, 2004, pp. 377-387.



## **A prática catequética numa óptica de competência**

Sublinhemos três orientações para a aplicação de uma pedagogia catequética ao serviço da competência cristã.

*Articular as aprendizagens parcelares a situações-problemas globais e complexos*

A pedagogia das competências na catequese esforça-se no sentido de fazer adquirir um conjunto de recursos plurais mostrando como esses recursos podem ser mobilizados, de forma inventiva, para fazer face às situações-problemas. O percurso de aprendizagem, nessa óptica, poderá ser de dois tipos:

- Ou partiremos de tarefas complexas a realizar (animar uma celebração litúrgica, realizar uma obra de arte, organizar uma acção de solidariedade, colocar um julgamento ético sobre uma situação, dar conta da sua fé numa dada situação, etc.) e, para realizar a tarefa, passaremos por um conjunto de aprendizagens parcelares. Nesse caso, é a aplicação de uma tarefa que abre a via para a aprendizagem de diversos recursos dos quais necessitaremos para a realizar.
- Ou partiremos de uma tarefa efectivamente realizada ou de uma experiência vivida (experiência de imersão litúrgica, comunitária ou de acção caritativa; experiência pessoal ou acontecimento vivido em grupo, etc.) e, para os analisar, os compreender ou os avaliar, passaremos por um conjunto de aprendizagens parcelares. Temos aqui de ater-nos à lógica da catequese mistagógica que emprega, nas suas diversas facetas, a riqueza de uma experiência vivida ou de uma tarefa realizada. Aqui, é a reflexão sobre uma tarefa realizada ou sobre uma experiência vivida, que abre a via às aprendizagens parcelares, as quais poderão, de seguida, ser mobilizadas para outras situações vividas ou outras tarefas a realizar.

Uma pedagogia das competências privilegia os dois tipos de percursos que vimos a indicar. Mas isso não impede que adoptemos também, segundo as circunstâncias, um percurso didáctico mais clássico. Nesse caso, preocupar-nos-emos em organizar uma aprendizagem sistemática de diversos recursos mostrando, contudo, como esses recursos podem ser mobilizados de forma inventiva para fazer face a um conjunto de situações-problemas.

Em todo o caso, quaisquer que sejam os percursos mobilizados, a catequese terá de traçar o seu caminho distinguindo três níveis de aprendizagens: pontual, articulado e integrado. Ao nível das aprendizagens pontuais, trata-se de saberes, ou de saber-fazer, precisos. Ao nível das aprendizagens articuladas, trata-se de introduzir as significações ou as operações complexas que articulem um conjunto de elementos distintos. Por último, ao nível das aprendizagens integradas, trata-se de aprender a mobilizar um conjunto de recursos para fazer face, de maneira coerente e ordenada, a uma situação-problema. Nos dois primeiros níveis, as aprendizagens permanecem parcelares. No terceiro nível, essas aprendizagens passam ao estado de integração. É no terceiro nível de integração que se forma a competência.

#### *Exercitar-se nas operações de transferência*

A transferência é uma operação que consiste em utilizar os conhecimentos, ou os saber-fazer, adquiridos, num contexto determinado, num outro contexto. A transferência, por outros termos, transforma o que é adquirido em ferramentas para lidar com novas situações. Essa transferência supõe uma descontextualização dos saberes, ou saber-fazer, do seu local de origem, e uma recontextualização num outro local. Esta recontextualização supõe reajustamentos inventivos e não apenas uma aplicação ou uma sobreposição. Assim, a experiência adquirida ao realizar tal tarefa pode ajudar, mediante uma adaptação judiciosa, a empreender com sucesso tarefas de um outro tipo. Esta capacidade de transferência é fundamental na aquisição e desenvolvimento de uma competência. Uma pessoa competente, com efeito, é uma pessoa que é capaz de apreender todas as suas aquisições, ao nível de conhecimentos e de saber-fazer, para as aplicar de forma inventiva nas novas situações.

Se definimos a competência do cristão como a capacidade de encontrar as situações inéditas, o exercício de transferência é evidentemente decisivo. Nesta óptica, a catequese deverá treinar os catequizados para multiplicar as operações – das mais simples às mais complexas – de transferência. Por exemplo, uma transferência simples consiste em aplicar um método de leitura adquirida a partir de um texto bíblico sobre um outro texto. Ou ainda, o sentido entendido em tal texto bíblico pode ajudar a interrogar e a analisar um outro texto. Outro caso de transferência mais complexo: uma testemunha do Evangelho num contexto que já não é o nosso pode continuar inspiradora

para o nosso contexto. Mas para que assim seja, será necessário perceber as analogias entre os dois contextos renovando, assim, a percepção de um e de outro. Ainda outro exemplo. Quando São Paulo fala da vida espiritual como um treino comparável ao do atleta, ele utiliza tal domínio da vida para falar de um outro criando, dessa forma, efeitos de sentido inéditos.

A aprendizagem da transferência na catequese tomará, então, múltiplas formas, mas sempre segundo o princípio simples de uma activação inventiva em novos contextos, saberes ou saber-fazer adquiridos. A facilidade da aptidão para criar laços, para perceber as analogias entre diversos domínios, para aplicar estratégias de resolução de problemas nas variadas situações é o sinal de uma competência já bem treinada.

#### *Constituir um conjunto de recursos de base*

As operações que foram abordadas nos dois pontos anteriores requerem que um conjunto de recursos de base seja progressivamente adquirido e articulado entre elas. Poderíamos, a este respeito, falar de «pedestais de competências» ou ainda de «sub-competências» destinadas a ser integradas no exercício sempre inventivo de uma competência global quando se trata de fazer face às situações-problemas complexos. Distingamos aqui seis competências base (ou sub-competências) que são chamadas a articular-se entre elas para constituir progressivamente a competência global do cristão.

#### *• Poder ler a Bíblia*

A aptidão para ler a Bíblia é, naturalmente, fundamental para a elaboração da competência cristã. Com a inteligência da fé, ela constitui um dos pilares sobre o qual se apoia a competência do cristão. Para além do seu objectivo de familiarização progressiva com a mensagem bíblica, à riqueza dos seus temas, à variedade dos seus livros e dos seus géneros literários, a catequese deverá preocupar-se com o modo como um conjunto de aptidões é adquirido. Em particular, as aptidões seguintes:

- Poder distinguir e aplicar diversas formas de aproximação a um texto bíblico, especialmente a aproximação externa ao texto que o situa no seu contexto histórico e a aproximação interna que toma o próprio texto como um tecido de elementos em correlação.

- Ter uma noção justa, ainda que sumária, da história bíblica nas suas grandes etapas.
- Saber que a ordem dos livros na Bíblia não segue a ordem cronológica da sua redacção; o que implica uma certa percepção do processo de redacção da Bíblia.
- Saber que o Espírito que inspirou os autores da Bíblia permanece vivo na comunidade dos leitores.
- Compreender como o *Credo* dos cristãos encontra a sua justificação e a sua norma nas Escrituras, na história da salvação que aí se encontra contada.

• *Poder dispor de uma inteligência justa, estruturada e dinâmica da mensagem cristã*

Esta segunda sub-competência é tão fundamental quanto a primeira, e mais ainda, já que um cristão, no limite, mesmo não sendo o ideal, pode ater-se apenas à pregação e à confissão de fé da Igreja, sem contacto pessoal e assíduo com o próprio texto das Escrituras. Com efeito, o que está primeiro na tradição cristã não é a Escritura, mas a palavra, a pregação e a proclamação da fé.

A competência do cristão passa forçosamente por uma boa inteligência da fé. Um dos papéis fundamentais da catequese é, então, assegurar esta inteligência da fé de uma maneira que possa permanecer simples, acessível a todos, mas sem simplismo. Ajudar a aumentar esta inteligência da fé é fazer com que se perceba o essencial, a organicidade e a coerência. É indicar que certos pontos da confissão de fé são os primeiros relativamente a outros que, ainda que sejam essenciais, não são menos derivados. É também velar para que a fé seja entendida na sua integralidade, sem que nada de essencial seja omitido, assim como na sua integridade sem que nenhuma interpretação enviesada a venha alterar.

Tal como nos mostra a aplicação do percurso catecumenal, o *Credo* proclamado na liturgia ocupa uma função essencial na iniciação à inteligência da fé. A catequese terá, por conseguinte, de dar toda o seu lugar ao *Credo*, mostrando, em primeiro lugar, que ele é um «símbolo», um sinal de reconhecimento entre os cristãos, exprimindo de forma sucinta a graça que os reúne e que é oferecida a todo o ser humano. A catequese deverá também sublinhar o quão o *Credo* é uma confissão de fé eminentemente pessoal,

já que ela se enuncia sempre em «eu», na primeira pessoa, mas que, no entanto, esta confissão de fé pessoal ocorre apenas com o apoio e graças ao testemunho de um «nós cremos». E para evitar cair numa interpretação fixista do dogma, a catequese deverá, ainda, indicar que o *Credo* é a «regra» da fé; uma regra que, certamente, oferece balizas, mas, ao mesmo tempo, abre o jogo criativo do pensamento da celebração e da vida cristãs na variedade das culturas e dos contextos pessoais. Os dogmas cristãos – as afirmações essenciais da mensagem cristã enunciadas no Símbolo –, longe de fechar a comunicação, falam do mistério da comunicação fraternal e filial na qual nós somos convidados a entrar em nome de uma Trindade que é, em si mesma, movimento de dar/receber/devolver. O desafio de tudo isto é que o cristão tenha não apenas uma representação justa do conteúdo da fé, mas que ele perceba, também, como se pode tornar crente e como a vida de fé é uma forma de estar em relação.

• *Poder participar activamente na liturgia como «representação» actualizada da história da salvação*

Ler a Bíblia e compreender a fé não se podem separar, para os cristãos, do dispositivo litúrgico e sacramental que lhes permite, juntos e pessoalmente, celebrar, apropriar-se sempre de novo do mistério da salvação em Jesus Cristo que os faz viver. É por isso que participar activamente na liturgia entra intrinsecamente no campo da competência cristã. A liturgia é uma «*mise en scène*», uma «representação» da história da salvação. Ela no-la «torna presente», com efeito, convidando-nos a entrar não como simples espectadores, mas como verdadeiros actores de modo que a nossa própria história se torne, também, uma história santa. Com este fim, na catequese é importante fazer descobrir que a liturgia se organiza à volta de dois eixos intimamente ligados:

- em primeiro lugar, o eixo da história da salvação, desde a primeira criação até aos últimos finais esperados, tendo como centro a celebração da Páscoa. É esse eixo que segue o ciclo litúrgico anual.
- o eixo da história pessoal: baptismo, confirmação, casamento, reconciliação, unção dos doentes, funerais, etc. Notemos, para além disso, que o santoral (o ciclo da festa dos santos) é também uma maneira de introduzir na liturgia essa dimensão pessoal.

Iniciar a competência cristã no domínio litúrgico consistirá, então, em fazer perceber como o dispositivo litúrgico, nos seus dois eixos, permite reviver toda a história da salvação e de a fazer nossa, em conjunto e pessoalmente, nas nossas próprias vidas.

• *Poder mover-se no espaço eclesial*

A participação na liturgia da qual falámos acima constitui a comunidade cristã. De facto, é aí que, prioritariamente, ela se sente convocada e reunida fraternalmente pela graça de Deus. Mas a competência do cristão relativamente à sua inserção eclesial não se reduz às práticas litúrgicas. A Igreja é, também, das comunidades particulares, dos movimentos, das redes, das festas, dos costumes, uma história, das tradições particulares eventualmente em tensão, uma hierarquia, dos documentos de referência, das equipas responsáveis, dos serviços, das estruturas, das regras canónicas, uma administração, etc. A competência cristã consiste em poder mover-se nesse tecido eclesial vivo e complexo, num espírito de solidariedade, de bondade fundamental, como também de liberdade crítica. O papel da catequese, a esse respeito, será de fazer descobrir aos catequizados o meio eclesial a fim de que eles possam encontrar aí a sua via e a sua voz.

• *Poder viver os valores éticos numa dinâmica espiritual*

Esta quinta sub-competência do cristão diz respeito aos valores e aos estilos de vida que inspiram as Escrituras, o *Credo* e as práticas litúrgicas. O que está em jogo, aqui, é a ética e a espiritualidade, já que elas constituem o espaço de apropriação existencial na vida corrente, tanto privada como social, da mensagem cristã.

Em geral, não é difícil reconhecer os valores fundamentais que estão ligados à tradição cristã. Uma primeira tarefa da catequese será de os localizar, de os fazer descobrir, de os nomear, mostrando que se a tradição cristã promoveu esses valores, eles pertencem, no entanto, ao tesouro da humanidade e podem ser vividos fora da fé. Com efeito, todos os valores humanos promovidos pelo Evangelho podem ser vividos de forma autónoma, sem estarem ligados à fé cristã. Nesse sentido, não há ética especificamente cristã mas, antes, uma maneira cristã de assumir os valores éticos, de lhes dar peso e sentido suplementares, sob o olhar da fé.

Nesta óptica, a segunda tarefa da catequese será de mostrar como a ética pode ser assumida numa visão da fé e, assim, constituir-se em espiritualidade. Pode-se ser «artesão de paz» sem ser cristão, mas ser «artesão de paz» na fé cristã é reconhecer que, em todo o esforço de paz, o Reino de Deus se aproximou. A competência do cristão não se reduz, então, a uma vida moralmente boa. Ela assume e transfigura as exigências éticas, dando-lhes um peso suplementar de urgência e de gravidade bem como de ligeireza e de graça, sob o sinal da incondicionalidade do amor de Deus manifestado em Jesus Cristo. Viver na fé, na esperança e na caridade é, naturalmente, viver as exigências éticas da fraternidade humana, mas reconhecendo nessa fraternidade a graça de uma filiação. O que é, então, ser cristão, senão reconhecer-se irmãos e irmãs em Jesus Cristo, filhos e filhas de um mesmo Deus a que podemos chamar «Pai»?

Por último, uma terceira tarefa da catequese será formar o catequizado para o discernimento e para o julgamento de consciência em situações onde existem conflitos e valores e de deveres. Ela poderá ensinar-lhe como a tradição cristã se esforçou, ao longo da sua história, para encontrar as soluções mais humanas para os problemas éticos mais complexos. Com o apoio dessa tradição, ensinará o catequizado a imaginar um julgamento e a determinar-se, em consciência, nas situações que são suas.

- *Poder explicar a fé no seu ambiente cultural*

Finalmente, há uma sexta sub-competência que a catequese se pode esforçar por promover: poder dar razão à fé no seu ambiente cultural. A competência do cristão consiste, aqui, em poder participar na conversação dos seres humanos, em misturar-se nas suas conversas, na sua problemática e, nessas conversas, em poder prestar conta da sua fé. Isso supõe a capacidade de apreender o que, na cultura, permite enriquecer e viver a fé, assim como compreender o que, nessa mesma cultura, se opõe ou resiste à mensagem evangélica. Um cristão competente encontra na cultura de que alimentar a sua fé e enriquece a cultura de realizações que são inspiradas pela fé. Ele é também alguém que pode acompanhar fraternalmente a progressão da fé de uma outra pessoa, tanto dando como recebendo.

As seis competências de base que temos vindo a enumerar, ainda que distintas, não estão isoladas. Pelo contrário, nas diferentes famílias de situações-problemas que evocámos, elas são chamadas a interpenetrar-se,

a actuar uma no campo da outra, para constituir, juntas, um recurso para viver.

\*\*\*

Partimos da noção de «competência» forjada, dissemos nós, no domínio das empresas. Mas queríamos terminar a nossa reflexão sublinhando que a noção de «competência» encontra também raízes, mais longínquas ainda, na própria tradição catequética. Com efeito, no catecumenato dos primeiros séculos as «*competências*» – que também se chamavam «*electi*» – designavam os catecúmenos na última fase da sua preparação para o baptismo ao longo da velada pascal. Nesse contexto, o verbo «*competere*» significa «desejar juntos e ardentemente». Os «*competentes*» são, assim, os catecúmenos verdadeiramente tomados pelo desejo de se ajustarem, com todas as suas forças e em comunidade, à graça do seu próximo baptismo. Esse desejo, naturalmente, nunca será satisfeito. Haverá sempre algo a desejar. Igualmente, o importante é que é o desejo que faz avançar. A catequese, nesse sentido, coloca-se ao serviço do desejo dos cristãos de se ver desabrochar neles, na comunidade e para o mundo, a graça do seu baptismo.